

GRANDES  AUTORES™

Edição 19

B.J. DANIELS

Relações Mortais



HARLEQUIN
BOOKS™

R\$ 10,90



B.J Daniels

RELAÇÕES
MORTAIS

Título original americano

PREMEDITATED MARRIAGE

2002

Sinopse

Charlotte Larkin não tinha nascido para amar e nem para ser amada. De alguma forma, fora amaldiçoada e todos os homens que se aproximavam dela acabavam mortos...

E ela era a principal suspeita.

Gus Riley, um autor de thrillers sobre mulheres assassinas, decide investigar a vida de Charlie e se muda para Utopia, a cidade onde ela mora.

Gus logo se sente atraído por Charlie. E embora seu coração diga que ela é inocente, a razão o alerta para que não se deixe enganar.

Ainda assim, tornar-se amante de Charlie parece ser o melhor caminho para descobrir se ela realmente é a assassina, ou se há mais alguém interessado em incriminá-la.

Prólogo

FIM DE SETEMBRO

A cálida lua cheia de outono refletia seu brilho no lago e os jovens amantes estavam na água ainda aquecida pelo verão, nus, banhados até a cintura. Perto dali, escondida na escuridão dos pinheiros, uma pessoa solitária os observava e tentava decidir se deveria matá-los logo ou esperar.

Eles não deveriam estar aqui.

Nunca mais ninguém passou pela estrada coberta por ervas daninhas que leva ao lago Freeze Out. Não depois de todas as tragédias. Ninguém era tolo o suficiente de chegar perto desse lugar tarde da noite – quanto mais nadar na sinistra água escura.

Exceto esses dois.

Eles começaram a se acariciar, as bocas famintas e as mãos correndo pelos corpos molhados refletindo a luz da lua, os musculosos ombros do rapaz e os seios fartos e alvos da moça moviam-se na água.

Ele a seduzia em uma espécie de brincadeira sensual em que mergulhava, fazendo-a dar risinhos e fingir que lutava contra ele, o que os afastava cada vez mais da margem. O nível de água do lago estava baixo – mais baixo do que estivera em anos graças à recente estiagem, deixando-o perigosamente raso.

O rapaz nadou para longe, convidando-a a segui-lo enquanto mergulhava. Já um pouco distante da margem, ele desapareceu embaixo d'água e a moça passou a nadar mais lentamente como se pressentindo o perigo.

De repente, ele voltou à superfície como um boto e, com a voz trêmula, falou: – Ei, tem alguma coisa aqui! – O que é? – Ela parou de nadar. Deixá-los viver não era mais uma opção.

– O que é? – perguntou a moça novamente, com a voz preocupada.

– Não sei – respondeu assustado com a voz aumentando, ecoando na barreira de árvores que rodeava o pequeno e distante lago. – O que quer que seja, estou em pé em uma parte dele.

Selando seu destino, ele desapareceu embaixo d'água.

Ela continuava batendo as pernas para se manter à tona, sua atenção no lugar onde o rapaz desaparecera, aparentemente inconsciente do movimento nas árvores atrás dela. Um galho quebrou entre as ervas daninhas.

Ela virou a cabeça abruptamente, o olhar amedrontado fixo em um ponto nas árvores como se tivesse visto algo se movendo na escuridão vindo na direção deles.

O ruído de um carro se afastando a distraiu por um instante, mas o suficiente para que quando olhasse de novo ficasse evidente que não via mais movimento algum. Pela expressão de seu rosto, porém, estava evidente que vira algo. Talvez o vulto de uma pessoa em pé nas sombras dos pinheiros na margem banhada pelo luar. Ou talvez apenas o brilho da lâmina afiada de uma faca.

Inesperadamente, a cabeça do rapaz saiu de dentro d'água espirrando gotas prateadas. Começou a nadar freneticamente em direção à margem e às roupas, tiradas de modo tão descuidado mais cedo.

– O que houve? – perguntou ela quase chorando. – O que tem lá? – Saia da água! – gritou ele, com o rosto estampado de horror enquanto batia os braços e as pernas, nadando loucamente para a margem, para onde ingenuamente achava que estaria seguro.

O som do motor ficou mais alto. Alguém estava passando pela estrada do lago. Luzes piscaram através dos galhos escuros, um segundo antes de uma caminhonete aparecer e parar na beira da água.

– Meu Deus, é o meu pai! – A moça prendeu a respiração, ainda estava longe da margem e de suas roupas; não tinha saída, e estava nua como viera ao mundo.

A lua implacável a iluminava quando tinha água e problemas até o pescoço. Mas não sabia o quanto estava encrocada até seu pai aparecer.

Ele saiu da caminhonete com uma espingarda nas mãos, enquanto praguejava contra eles.

Mas o rapaz parecia não notar a arma nem a própria nudez ao sair da água, falando sobre um carro no meio do lago, e um corpo.

Nas sombras escuras dos pinheiros, a lâmina da faca brilhou por um instante antes de voltar para a bainha. Pela manhã, a polícia já teria tirado o carro do lago e descoberto atrás do volante o que sobrara do corpo espancado. Nada podia ser feito sobre isso agora.

Capítulo 1

INÍCIO DE OUTUBRO

Os faróis cortavam a escuridão finalmente mostrando um lugar onde ele pudesse encostar o carro.

Augustos T. Riley reduziu e seguiu sem dificuldades com o carro alugado pela estreita estrada de terra à direita da autoestrada. Há horas não via sequer um carro – somente quilômetros da pavimentação de duas pistas cercadas por pinheiros muito altos que recortavam o céu sem lua.

Quando parou, permaneceu no carro por um momento, a noite escura fechando-se ao redor dele, os faróis não ajudavam a evitar isso. Nunca tinha visto tanta escuridão, certamente não de onde veio. E certamente não tão cedo, pouco depois das sete. Além do ruído do motor do carro, ouviu um bater de asas um segundo antes de algo voar e desaparecer na floresta.

Droga, esse lugar era deserto.

Acendendo a luz do carro, verificou o mapa. Não poderia estar a mais de alguns poucos quilômetros da cidade. A viagem fora longa e estafante, e não se surpreendeu por estar cansado e com fome.

Ao chegar ao seu destino, teria pouco para prosseguir. Um pouco mais que um nome e um número de telefone. Mas já tinha conseguido se arranjar com muito menos no passado.

Tornou a dobrar o mapa e colocou-o em sua pasta para não ser visto e, deixando o motor ligado, saiu do carro. O ar noturno estava mais frio do que imaginara, e atravessava sua fina jaqueta provocando uma sensação de calafrio. Sentiu o repulsivo mau cheiro de algo morto e em decomposição. Acidente de estrada. Felizmente, não conseguia ver o que estava estendido sobre as ervas daninhas de onde vinha aquele desagradável cheiro. Nem queria. Provavelmente era um animal selvagem. Um coiole ou um cervo.

Mesmo sem saber o que era, não havia dúvidas de que já estava morto há um bom tempo.

Sentiu um arrepio quando foi para a frente do carro, abriu o capo e se inclinou.

Da escuridão veio um gemido abafado que o fez pular de susto e bater com a cabeça na quina afiada do capo. Praguejou e depois recuou silenciosamente, ainda escutando um murmúrio além da batida de seu coração.

Lá estava de novo. Olhou para cima e viu o movimento dos ventos por entre os pinheiros fazendo um murmúrio lento e sensual, como as mulheres.

Quase riu. Não tinha percebido o quanto estava nervoso e ansioso. Era apenas um maldito som estranho tão desconhecido para ele quanto essa paisagem.

Depois de todos aqueles quilômetros sem ver ninguém, sentia-se isolado do mundo, como se estivesse jogado no espaço. Daria tudo neste momento para ver os arcos dourados do McDonald's. Ou uma interestadual. Até um posto de gasolina iria fazê-lo se sentir melhor.

Inclinou-se novamente sobre o capô e fez alguns ajustes rápidos até o motor funcionar tão mal que parecia nem funcionar. Satisfeito, fechou o capô.

Só mais alguns poucos quilômetros.

Ao voltar para o carro, percebeu como estava escuro além do alcance dos faróis. Em lugares tão ao norte como este, escurece cedo, e sem nenhuma luz a não ser os faróis... Apressou o passo, abriu a porta e entrou, fechando-a firmemente. Na verdade, pensou em trancar, mas essa ideia o fez rir.

Mas foi um riso curto – um som peculiarmente triste dentro do carro alugado neste trecho de estrada tão deserto, perto do inferno.

Começou a voltar para a autoestrada. O farol alcançou algo, mas não era um pássaro desta vez. Engatou a marcha à ré, as luzes formando um arco em volta dos pinheiros e encontrando uma placa branca e desbotada entre as ervas daninhas a apenas poucos metros de onde ele havia parado. Lago Freeze Out: oito quilômetros.

Tomou fôlego enquanto seu olhar surpreso seguia as trilhas de terra parcialmente iluminadas pelos faróis até o ponto em que a estrada do lago desaparecia na escura floresta de pinheiros. Os corpos tinham sido encontrados não muito longe dali. O horripilante ataque de um urso que foi manchete de todos os jornais alguns anos atrás. Ele nunca esqueceria a foto da barraca que o urso atravessara para atacar as pessoas que estavam acampando.

E na semana passada, o carro e o corpo de John Whitaker foram tirados do mesmo lago.

Suas mãos tremiam quando passou a primeira marcha de novo. Este era um lugar que podia ser considerado amaldiçoado. O motor do carro quase morreu. Seu coração disparou. Por um momento, achou que tivesse exagerado nos ajustes, mas o carro seguiu em frente, o motor ainda funcionando, mas muito mal.

De volta à estrada pavimentada, ligou o aquecedor, como se o calor fosse capaz de espantar o calafrio. Aproximadamente meio quilômetro depois, começou a chover. As gotas enormes pareciam chumbo ao bater no capô e respingar no para-brisa, tornando a noite ainda mais escura.

A próxima placa que os faróis alcançaram foi: Utopia, Montana – Lar de Charlie Larkin.

Esperava que a cidade fosse pequena, mas não apenas alguns prédios em ruínas no meio do nada. Se essa fosse a ideia deles de Utopia...

Através da cortina de chuva, localizou primeiro uma oficina. Era quase impossível não ver algo tão grande. Ou tão feio. Além disso, ficava às margens da cidade. E a cidade, ou o que sobrou dela, ficava às margens da auto estrada, como empurrada pelos pinheiros.

A palavras " Oficina e Posto de Gasolina Larkin & Filhos", que um dia foram vermelhas, desbotaram ao lado tio prédio de metal cinza. Não era um nome criativo, mas, com certeza, descritivo. Duas bombas de gasolina com aparência antiga ficavam embaixo de um telhado que pendia ao lado da oficina. Vários calhambeques desmontados enferrujavam embaixo das árvores.

Foi para debaixo do telhado perto de uma bomba. A chuva batia no telhado provocando um som tão alto quanto um tambor. Havia um aviso escrito à mão em que se lia: "Último posto dos próximos cinquenta quilômetros." Desligou o motor e olhou esperançosamente para o escritório do posto, imaginando qual dos Larkin estaria trabalhando esta noite.

Apesar de as luzes das bombas estarem acesas, não havia nenhuma luz no escritório. Estava vazio e escuro, exceto pela sombra dourada de um relógio na parede. Sete e trinta e seis.

Nem considerara a possibilidade de o lugar estar fechado. Não era sexta-feira. Ainda mais, sendo o último posto de gasolina em cinquenta quilômetros.

Olhou para a rua através da chuva. Viu alguns borrões de luz néon na escuridão molhada. Além disso, não conseguia ver nada, exceto a autoestrada e árvores.

Praguejando, ele virou a chave para reiniciar o motor, sem saber o que fazer ou para onde ir. O motor fez um barulho como se fosse ligar, mas depois falhou. Tentou mais algumas vezes sem sucesso até desistir batendo com as mãos no volante e soltar alguns palavrões. Grande plano o dele.

A chuva não dava trégua. Quando abriu a porta, sentiu que a noite estava ainda mais fria do que na última parada na estrada. Vestiu o capuz da jaqueta, fechou todo o zíper e foi para a frente do carro. Estava abrindo o capo quando ouviu ao longe uma música e o som de ferramentas. Olhando em direção à oficina, percebeu uma luz pela brecha embaixo da porta do segundo galpão.

Correu até o escritório e encontrou a porta destrancada. Seguindo na direção da música, passou por uma porta que dava para um galpão grande e vazio. Logo depois, já conseguia ver a fonte da luz no segundo galpão.

Uma única luz estava acesa embaixo de uma Chevy velha. No chão, perto do carro, um rádio barato tocava música country. Apenas um par de botas era visível debaixo da Chevy.

– Oi! – disse ele, mais alto que o rádio, para a sola das botas.

A pessoa que estava embaixo da Chevy emitiu um som que poderia ser interpretado como " fechado".

Já tinha chegado longe demais para protelar. Não apenas isso: não podia sair e consertar seu próprio carro e perder a chance de o mecânico vê-lo. E também não desistiria do plano tão facilmente.

– Preciso falar com você sobre meu carro! – chamou ele, imaginando se aquelas botas pertenciam a algum dos Larkins. Com um pouco de sorte, os pés dentro delas seriam de Charlie.

Apesar do som vindo do rádio, desta vez pensou ouvir a palavra "segunda" e algo sobre "gasolina" e "dinheiro" .

Definitivamente, não tinha a intenção de esperar o final de semana inteiro sem carro se pudesse evitar isso. E nem queria esperar tanto para fazer contato com Charlie. Desligou o rádio.

– Oi! O barulho de uma torção veio logo após uma batida alta e dolorosa, e, por último, um palavrão.

– Se você não se importa, gostaria de um minuto do seu valioso tempo – disse Augustus sarcasticamente.

Nada estava acontecendo como o planejado. Além disso, a música alta lhe dava dor de cabeça e ele estava sendo ignorado.

Um minuto depois, o mecânico saiu de debaixo do carro em um carrinho, forçando Augustus a desviar para não ser atropelado.

Apenas com a lâmpada que ainda estava embaixo do carro, foi possível ver o mecânico baixo e frágil levantar sem falar uma palavra e começar a limpar as mãos em uma estopa.

Augustus estava decidido a esperá-lo. Podia sentir o mecânico examiná-lo rapidamente e estava surpreso com o fato de uma pessoa de estrutura tão frágil parecer tão arrogante em pé no meio da poeira, vestindo aquele macacão largo e boné de beisebol. Com um metro e oitenta de altura e oitenta quilos, Augustus sabia que costumava intimidar homens duas vezes maiores que este.

Mas e se o mecânico fosse Charlie Larkin? – Veja – disse ele, tentando manter a calma. Estava nervoso desde que vira a placa do lago Freeze Out. Agora ele tentava convencer-se de que estava somente cansado e sem paciência. Isso era verdade. Mas também estava um pouco assustado, o que, nessas circunstâncias, era bom.

– Meu carro não está ligando – continuou ele. – Está chovendo muito lá fora e dirigi o dia todo e estou cansado e com fome. Se você pudesse pelo menos dar uma olhada no motor para que eu possa encontrar um hotel para esta noite.

O mecânico soltou um longo suspiro de descontentamento e lentamente foi até o interruptor na parede próxima a ele, acendeu a luz com uma mão enquanto tirava o boné com a outra.

– Tenho certeza de que não dará nenhum...

O boné na mão do mecânico parecia um aviso fluorescente, roubando qualquer outra palavra que Augustas fosse dizer. Um rabo-de-cavalo de tom castanho-avermelha-do abrasador caiu do boné e uma voz nitidamente feminina retrucou: – Você não aceita não como resposta, não é? Em um raro momento sem palavras, Augustus simplesmente encarou-a como se fosse uma impostora. Na luz, ficara óbvio que ela era apenas uma menina insignificante, de no máximo dezoito anos. Uma pequena mancha de graxa na bochecha dava a ela um ar ainda mais infantil. O macacão largo que vestia parecia engoli-la.

– Você é o mecânico? Ela olhou para o macacão que escondia completamente qualquer traço feminino: – Não pareço um? Sinceramente? Não. Ela parecia uma menina vestindo o macacão do namorado e brincando embaixo do carro dele enquanto ele saiu para comprar hambúrguer e batata frita.

Ela passou por ele e se dirigiu ao escritório, mas não antes de ele sentir um ímpeto de excitação. O nome bordado em vermelho no bolso sujo na altura do peito do macacão era Charlie.

Rapidamente a seguiu, sem saber para onde ela ia ou o que planejava fazer.

– A placa dizia Larkin & Filhos – observou ele. – Será que algum Larkin não poderia olhar o meu carro? Talvez esse... Charlie, o dono do macacão que você está usando.

Ela parou dentro do escritório e se virou para fitá-lo: – Aquele carro parado perto da bomba é o seu? Ela via algum outro carro lá? Ele assentiu e ela abriu a porta da frente e foi em direção a ele. Augustus a seguiu.

A mulher abriu o capô e, sem encará-lo, gritou para ele entrar no carro e tentar ligá-lo.

Imaginando aonde isso poderia chegar, ele foi para trás do volante, abriu a janela para escutá-la melhor e virou a chave.

O pobre motor realmente ligou, fazendo muito barulho e engasgando, sacudindo o carro todo – até que ela tirasse a cabeça de dentro do capô e mandasse ele desligar.

– Você dirigiu todo o caminho desde... – ela se inclinou para ver a placa na frente do carro – Missoula com o carro deste jeito? – perguntou. A expressão concentrada e séria no rosto dela a fazia parecer um pouco mais velha.

– Foi ficando pior – mentiu, se apoiando na janela para que ela o escutasse melhor apesar da chuva.

Seus olhos se encontraram. Ele ainda não havia notado a cor dos olhos dela até agora. Eram de um castanho raro, a mesma cor das sardas do nariz. Não conseguia parar de pensar qual era exatamente o relacionamento dela com Charlie Larkin.

Ela continuava a olhá-lo, esperando que dissesse mais alguma coisa.

Em outras circunstâncias, ele se sentiria culpado de estar fazendo isso. Mas tinha uma regra há anos: o fim sempre justifica os meios. Sem exceções. E, neste caso, era pessoal, então, que Deus ajude Charlie Larkin.

– Não é possível consertar agora – afirmou ela finalmente, depois bateu o capo e se desviou dele.

O quê? Ele sabia que era um simples ajuste de carbura-dor. Qualquer mecânico poderia fazer isso. Era óbvio que ela era tão mecânica quanto ele, e sabia ainda menos sobre motores de carro.

– Deixe a chave no escritório e volte amanhã de manhã.

Ela se encaminhou para o escritório.

Ele olhou para as costas dela por um momento enquanto ela se dirigia para a porta do escritório do posto de gasolina.

– Espere um minuto! – Saiu do carro e foi atrás dela, que já estava perto do galpão onde a Chevy se encontrava. No caminho, ela colocara o boné de beisebol, escondendo novamente o rabo-de-cavalo.

– E o que você espera que eu faça hoje à noite sem um carro? – perguntou ele. – Está chovendo! Você não poderia chamar o Charlie para consertar meu carro agora? As palavras dele fizeram-na parar. Virou-se lentamente para olhá-lo, balançando a cabeça como se não tivesse escutado o que ele disse.

Augustus refez a pergunta, lembrando a si mesmo que isso era culpa dele. Nunca deveria ter mexido no motor antes de ter certeza de que um Larkin estava por perto para consertá-lo. Agora, mais do que nunca, não poderia sair de lá, ajustar o carburador e ir embora.

– Você tem certeza de que não tem chances de consertar agora? – interrogou ele.

– Sem chance.

Ele praguejou silenciosamente. Tudo bem.

– Há algum lugar na cidade onde eu possa alugar um carro até o meu ser consertado? Ela sacudiu a cabeça, olhando para ele de um jeito que dizia que ele já deveria saber disso depois de dar uma olhada na cidade.

– Bem, existe algum lugar onde eu possa ficar esta noite, um hotel ou uma pensão...

– Murphy's, cerca de meio quilômetro estrada acima, é o único lugar na cidade.

– Ok – replicou ele, conformado com a caminhada de meio quilômetro embaixo de chuva. Não pediria uma carona nem tentaria convencê-la a chamar o dono do macacão quando voltasse.

– Você tem certeza de que Charlie ou outro Larkin poderá trabalhar no meu carro pela manhã? – Pode contar com isso. Estava contando.

Ela deu as costas para ele mais uma vez e foi para a velha Chevy.

Ele respondeu com uma queixa.

– Não quer nem saber meu nome? Sou Augustus T....

– Gus – cortou ela. – Apenas deixe a chave no balcão do escritório.

Pegou o rádio quando passou perto dele e a música country voltou a ecoar alto pela oficina.

Dava para escutá-la pegando ferramentas quando ia embora e imaginava se Charlie Larkin trabalharia amanhã. Ou se seria um dos outros filhos ou o pai que trabalharia no carro dele.

Deixando a chave no balcão, foi até o carro para pegar a pasta e a mala, feliz por não ter muito que carregar. Então, seguiu pela estrada em direção ao néon que ficava longe, a chuva rapidamente encharcando-o até os ossos.

Após andar apenas alguns metros, notou faróis atrás dele, e o barulho de um carro freando. Parou ao seu lado. Abaixou a cabeça para ver dentro do carro quando o motorista se inclinou para abrir um pouco a janela do lado do carona.

– Quer carona? – perguntou um homem idoso. A chuva, por ela mesma, já o faria aceitar.

– Já que está oferecendo...

– Entre. Você deve estar indo para Maybelle Murphy's, certo? – questionou o senhor grisalho e esperto, enquanto Augustus colocava a mala no banco traseiro e sentava no dianteiro. – Esta noite não tá brincadeira, não – comentou o motorista ao voltar para a estrada. – Problemas com carro? O carro estava quente e cheirava a fumo de cachimbo, o mesmo que seu pai costumava usar. Ele nem teve chance de responder.

– Sou Emmet Graham, dono do único estabelecimento comercial na cidade. Se ainda não comeu, o prato desta noite no Pinecone Café é filé de frango frito. Fica aberto até as dez.

Seu estômago roncou, lembrando-o de que não comia nada desde a manhã. Emmet deu a impressão de não ter percebido que ele não se apresentou.

– Parece que você conhece a cidade e provavelmente todos que moram nela.

– Droga, você já conheceu metade das pessoas daqui.

Augustus sabia que o homem estava exagerando, mas não muito. Estava curioso sobre a menina que conhecera e o dono do macacão que ela usava.

– Bem, definitivamente você é a metade mais amigável que conheci até agora.

O homem assentiu com um sorriso.

– Às vezes, Charlie não preza muito pela simpatia. Parou em frente ao Murphy's.

Através da chuva, Augustus podia ver uma fila de chalés entre os pinheiros.

– Ainda não conheci Charlie. Acredito que ele seja um dos filhos, mas se ele for como a menina que conheci na oficina...

– Menina? – O homem caiu na gargalhada. – Isso só prova que não se pode acreditar em tudo que se lê. Não existe nenhum Larkin & Filhos. Burt e Vera nunca tiveram filhos. Burt ficou tão feliz quando Vera finalmente ficou grávida, que pediu para um pintor de placas de Missoula mudar o nome da oficina para Larkin & Filhos.

O homem sacudia a cabeça como se não fosse a primeira vez que contava a história.

– Depois que Charlotte nasceu, Vera não pôde mais ter filhos. Mas nem meia dúzia de filhos teria feito Burt mais orgulhoso do que Charlie. Ele morreu feliz porque sabia que Charlie sempre manteria a oficina funcionando. Ela parou de estudar depois que ele sofreu um infarto. Simplesmente caiu morto um dia enquanto trabalhava em um carro, e Charlie manteve a oficina.

Augustus encarou Emmet, dizendo a si mesmo que o velho tinha de estar errado. Aquela menina não podia ser Charlie Larkin, a pessoa por quem viajara mais de três mil quilômetros para encontrar. – Ela é apenas uma menina. O homem sorriu.

– Ela parece bem jovem. Mas já deve estar com vinte e cinco ou vinte e seis anos.

Olhou para o néon do Murphy's e disse: – Acho que não terá problemas para conseguir uma cama.

Não havia nenhum carro estacionado na frente dos chalés.

– Maybelle providenciará para que você fique bem esta noite, e amanhã Charlie fará seu carro funcionar. – Emmet olhou para ele e deve ter lido seu pensamento. – Não se preocupe, Gus, Charlie é uma mecânica de mão cheia.

Augustus não apostaria nisso. Mesmo assim concordou e agradeceu, pegou a mala e saiu do carro. Ficou em pé na chuva, mal conseguindo senti-la, vendo o homem ir embora enquanto tomava consciência de que Emmet o chamou de Gus. Somente uma pessoa nesta cidade o conhecia, e ela também o chamara assim.

Sentiu um arrepio que não tinha nada a ver com a chuva ou com o frio enquanto olhava na direção da Oficina Larkin & Filhos.

Charllote " Charlie" Larkin.

O assassino dele era uma mulher.

Capítulo 2

Charlie Larkin estava em pé no escritório escuro vendo o estranho através da chuva e da noite, imaginando quem era ele e por que estaria aqui. Ainda mais agora. Sendo mais específica, ela imaginava por que ele fingiu ter dirigido desde Missoula com o motor funcionando tão mal.

Ele mentira sobre ter piorado. Mas por quê? Um carburador simplesmente não fica daquele jeito. Qualquer mecânico decente saberia na hora que o motor fora sabotado.

Ela olhou para o carro. Um seda marrom com placa de Missoula, Montana, com um adesivo de carro alugado na traseira.

Viu faróis passando, o brilho da chuva mudando de amarelo pálido para vermelho vivo quando o carro freou. Viu Emmet Graham oferecer carona ao estranho até o Murphy's, desejando não ter ligado para Emmet pedindo que desse uma carona para ele. Talvez uma caminhada na chuva fizesse bem. Mas sabia que Emmet estaria indo para casa e não se importaria, e ela não teria paciência de esperar o homem andar até tão longe.

Esperou até ver o carro de Emmet sair da estrada e entrar no Murphy's antes de colocar uma pesada chave inglesa no bolso do macacão, pegar a chave do carro no balcão e se dirigir para o carro alugado.

Não tinha razão para olhar o motor novamente. Não esperava mais nenhuma surpresa com o motor, lá não descobriria nenhuma novidade sobre o homem além do que já sabia.

Abriu a porta do lado do motorista e entrou, fechando-a firmemente, sentindo-se vulnerável por aqueles preciosos segundos em que uma luz bateu nela através da chuva. Agora, no escuro novamente, viu Emmet sair do Murphy's com o lado do carona vazio. O estranho devia estar preenchendo a ficha na recepção. Ela tinha tempo.

— Por quanto tempo você vai ficar? — perguntou a senhora que estava na recepção, enquanto examinava Augustus pelas lentes dos óculos trifocais com evidente curiosidade. Ao redor dela, o ar tinha uma fumaça com cheiro de perfume barato. Gardênia, talvez. Independente do que fosse, fez seus olhos lacrimejarem.

Parecia que Maybelle Murphy se arrumara com pressa. Cachos de cabelo ruivo escapavam de um lenço floral amarrado apressadamente. O batom vermelho recém-passado estava borrado nas rugas acima dos lábios, e as bochechas brilhavam em dois pontos acima do maxilar onde ela passara algo. Parecia um pouco ofegante.

A única coisa que ele podia pensar era que hóspedes eram tão raros no hotel que quando apareciam era uma ocasião especial. Não podia imaginar que tudo isso tivesse alguma coisa a ver com ele, pois ela estava atrás do balcão quando ele entrou no escritório e não poderia saber que vinha para cá, já que nem ele mesmo sabia disso até quinze minutos antes.

Ela balançou a cabeça para ele, fazendo os brincos de latão tilintarem, enquanto esperava uma resposta.

Quanto tempo ficaria? Planejara ficar em diferentes hotéis como sempre fazia, pois essa era a maneira mais segura e discreta. Mas é claro que essa não era uma opção em Utopia.

– Não tenho certeza – admitiu ele, ansioso por um quarto, um banho quente, roupas secas e comida. Acima de tudo, precisava pensar em Charlie. Ainda chocava-o o fato de ela ser a pessoa que procurava.

– É mais barato por uma semana – ofereceu a senhora gentilmente.

Já era barato o suficiente por dia, e ele duvidava que isso levaria uma semana.

– Vamos começar com uma noite.

– O carro quebrou, não é? Ou as notícias corriam rápido, ou problemas com carro eram a única razão para alguém parar e ficar em Utopia.

– Isso mesmo – respondeu ele, entregando a ela o cartão de crédito, esperando que isso a apressasse.

Ela devolveu o cartão sem ao menos olhar.

– Lamento, mas não aceitamos cartões de crédito.

É claro que não. Ele abriu a carteira, pegou três notas de dez, entregou a ela e guardou o cartão.

– Preciso de um recibo.

– Ah, então você está aqui a trabalho, Gus? – indagou a mulher como se contasse o troco.

– Não, só gosto de controlar as minhas despesas – retrucou ele, estranhando que, assim como Charlie e Emmet, ela o chamara Gus. E então, lembrando que ela nem tinha olhado o cartão de crédito, concluiu que Charlie devia ter ligado para Maybelle e para Emmet.

– É óbvio que você não é um caçador, e esta não é a época do ano para tirar férias aqui, então...:– ela o encarou de perto. – Isso não deixa muitas opções.

Bisbilhoteira ela, não? – Apenas de passagem – disse ele friamente e procurou a chave do quarto, olhando para um jornal em que na manchete se lia: "Desaparecido de Missoula encontrado no fundo do lago Freeze Out. Suspeita-se de crime na morte do médico." – Se você me der mais um minuto, passarei o recibo que pediu.

Ignorou Maybelle, pegou o jornal e passou os olhos rapidamente pela história. Ela colocou o recibo e a chave do quarto no balcão. Ele pegou ambos.

– Deixe-me mostrar onde é o número cinco. E...

– Posso encontrar sozinho – disse deixando cinquenta centavos no balcão pelo jornal e colocando o gorro da jaqueta, já que teria de enfrentar a chuva novamente.

Charlie ainda estava sentada no escuro dentro do carro alugado, escutando a chuva bater no telhado acima das bombas, desejando entender esse homem. Ter uma impressão diferente da que teve mais cedo na oficina.

O carro cheirava a loção pós-barba dele. Um cheiro tão masculino e confiante como ele próprio. Segurou o volante e fechou os olhos por um momento, procurando, como se ele tivesse deixado algo para trás que ela pudesse perceber, alguma coisa que a tranquilizasse.

Depois de um momento, abriu os olhos para a chuva e para a noite, sentindo-se fria e vazia por dentro enquanto largava o volante. Ultimamente, tinha passado muito tempo sozinha no escuro.

Acendeu a luz e deu uma olhada rápida pelo carro. Não ficou surpresa ao perceber que estava imaculado. Nenhum objeto pessoal. Nenhuma garrafa de bebida, nenhuma sujeira de comida espalhada, nenhum saco de fast-food com batatas fritas frias no fundo. O carro parecia tão limpo como quando foi alugado. Limpo demais para uma viagem de um lado ao outro de Montana. Era o tipo de homem que não gostava de deixar nada dele, pensava ela ao apagar a luz.

Mas, ao abrir o porta-luvas, a luz interna acendeu mostrando uma pequena mancha de graxa em sua mão direita. Ela olhou da sua mão para o volante. Ele deixou mais dele aqui do que imaginara.

O acordo de aluguel do carro estava exatamente onde achava que ele esqueceria: dobrado dentro do porta-luvas. Augustus T. Riley. Esse era realmente o nome dele? Nenhum endereço. Em vez disso, um número de uma caixa postal em Los Angeles. Um número de telefone.

Memorizou os números, rezando para nunca precisar deles, e depois dobrou cuidadosamente o formulário e colocou-o de volta no mesmo lugar. Aprendera isso com o pai na primeira vez que desmontou um motor sob os olhos atentos dele. Lembrar como você o encontrou e como o desmontou é a chave para colocar cada peça precisamente de volta ao seu lugar.

Fechou o porta-luvas e parou por um instante, esperando se sentir culpada por essa invasão de privacidade. Queria se sentir culpada. Não sentiu nada. Augustus T. Riley abriu mão de todo o direito de privacidade quando trouxe esse motor adulterado para ela consertar. Quando procurara por Charlie Larkin.

Abriu a porta do carro, trancou, guardou a chave e voltou para o escritório. A chuva diminuía um pouco, mas a temperatura baixara. Teria neve no chão pela manhã. Olhou para a estrada na direção do Murphy's e imaginou onde o estranho estaria agora, consciente de que, por alguma razão, devia temê-lo, mas não sabia por quê.

Ela sentiu, mais do que viu, um movimento furtivo no seu lado esquerdo. Uma pessoa encapuzada veio da escuridão e da chuva, aproximando-se dela. Deu meia-volta, levou a mão até a chave inglesa guardada no bolso do macacão, parando perto do aço gelado.

– Wayne – disse ela aliviada. Ele parecia não ter notado.

– Oi, Charlie. – Como sempre, parecia sem jeito e na defensiva ao mesmo tempo. – Não tinha visto você. – Enxugou o rosto molhado com a manga. – Está chovendo muito. – Ele parecia fixar nela, os olhos sempre muito brilhantes. – Espero não ter feito você passar da hora do jantar.

Ela balançou a cabeça e sorriu meio sem graça. Simpática, mas não muito.

– Você sabe que o posto fica aberto até as nove nas noites de sexta.

Ele concordou, evidentemente não sabendo de nada disso. Ela sempre fechava mais cedo nesta época do ano, e, com tudo o que tem acontecido ultimamente, diminuiu ainda mais o horário de funcionamento do posto. – Consertei seu carro – disse ela enquanto entrava. Ele tirou o capuz, espalhando gotas de chuva por todos os lados.

– Este carro é velho, mas é bom.

Ele sempre dizia isso. Ela vivia falando que ele deveria procurar um menos rodado. Entendia o valor sentimental de um carro, até dessa velha e feia Chevy. Wayne ganhara essa Chevy do pai, Ted, quando tinha dezessete anos; logo depois, o pai morreu. Isso foi há cinco anos – cinco anos tentando manter o carro funcionando.

Escorria água do boné que Wayne usava embaixo do capuz enquanto ele pegava no bolso do jeans surrado duas notas amassadas. Charlie o observou alisar uma delas; a cabeça, cheia de cachos louros, abaixada com tanta concentração que até doía ver.

– Pagarei na próxima sexta, se isso não for suficiente – disse Wayne, tentando desamassar a outra nota de vinte. Ele ensacava e estocava alimentos na mercearia de Emmet Graham.

– Na verdade, você poderia me fazer um favor – pediu Charlie, olhando para a Chevy e não para Wayne. – Soube que a sua mãe colheu mais morangas do que poderia usar em um ano. Você poderia me poupar uma viagem e trazer algumas em pagamento. Senão, terei de dirigir até lá para comprar dela.

Wayne ficou surpreso e confuso por apenas um segundo, já que as conversas sobre pagamento sempre terminavam assim.

– Morangas? – Tia Selma está com muita vontade de comer moranga no jantar de domingo.

Wayne assentiu vigorosamente: – Mamãe colheu um monte de morangas.

– Ótimo. – Ela deu as chaves da Chevy para ele e apertou o botão que abria o portão da oficina, levantou lentamente com um grunhido, deixando entrar o frio, a chuva e a escuridão. Além da porta, ela conseguia ver poças, mas a chuva já parara. A neve caía tão silenciosamente quanto a morte.

– Vou pegar as morangas e trazê-las agora mesmo – falou Wayne excitadíssimo enquanto abria a porta do carro.

Charlie ia dizer que ele podia esperar até a manhã seguinte, mas se segurou. Wayne estaria de volta em poucos minutos e não queria que ele passasse a noite se preocupando com a conta.

– Seria ótimo! Ele foi embora, passando por todas as poças, o que a fez se lembrar de que ele era meio menino, meio homem, estava em algum lugar entre os dois.

Já ia fechar a porta do galpão quando lembrou do carro alugado. A chave ainda estava em seu bolso.

O interior do carro tinha o cheiro de Gus, apesar de todos os outros que alugaram o carro. Estranho, ela pensou. Um homem que revela pouco de si e mesmo assim invade qualquer espaço onde esteja, e não desistia disso facilmente. Um homem perigoso.

Conseguiu fazer com que o motor funcionasse o suficiente para colocá-lo para dentro do galpão. Fechou o portão apressadamente, sentindo-se vulnerável de novo, como se estivesse mais envolvida do que tinha consciência, mais do que podia lidar.

Quando ouviu o barulho da Chevy de Wayne, acendeu as luzes, deixou a chave do carro alugado no balcão e saiu para descobrir que ele trouxera duas grandes caixas não só com morangas, mas também com maçãs e abóboras. Ela o ajudou a colocar as caixas em sua van que estava parada ao lado do prédio, depois o viu ir embora antes de trancar tudo.

Dentro do escritório, parou, arrepiada ao ver que o carro alugado no segundo galpão tinha uma luz acesa no seu interior.

O arrepio parecia uma faca de medo cortando sua espinha. Não deixara aquela luz acesa. Tinha certeza absoluta. Ficou em pé na porta, o coração batendo tão forte que mal conseguia escutar outro som. Respirou fundo, tentando manter a calma, enquanto sentia o cheiro da loção pós-barba de Augustus T. Riley se sobressaindo ao cheiro de óleo. Ele estava ali.

Sem ver nada a sua frente, procurava o interruptor, a mão livre pegando a chave inglesa mesmo sabendo que não era uma arma de verdade.

As luzes fluorescentes se acenderam iluminando os dois galpões. Ele não estava ali.

Mas esteve.

Virou-se para olhar o balcão. A chave do carro alugado não estava mais lá.

Lentamente, encaminhou-se para o carro. Mesmo a uma certa distância, era possível ver que o porta-luvas estava aberto, a pequena lâmpada iluminando um canto escuro do carro e a oficina.

Foi para o lado do carona, abriu a porta, não ficou surpresa ao ver que ele deixara a chave na ignição. Ele queria que ela soubesse que estivera ali. Porque ele deixara algo para ela.

O grampo tinha sido tirado do jornal, as margens, rasgadas; o papel ainda estava úmido da tempestade. Ele deixara em um lugar onde ela conseguisse ler a manchete: " Desaparecido de Missoula encontrado no fundo do lago Freeze Out. Suspeita-se de crime na morte do médico."

Capítulo 3

Augustus batia na jaqueta para tirar a neve ao entrar no Pinecone Café. Estava congelando, primeiro a chuva e depois a neve deixaram-no ensopado. Era evidente que não estava preparado para esse clima, mas não se importava. Estava à caça, e isso era o que mais adorava.

Fez-se silêncio no café e todos viraram para ver quem entrava. Tirou a leve jaqueta e percebeu que a camisa e a calça o tornavam alvo de atenção, mas agora estavam molhados. Podia sentir todos os olhares sobre ele. Em Utopia, podia esquecer qualquer chance de ser anônimo, pensou, enquanto pendurava a jaqueta ao lado de cinco casacos de lona de diferentes tamanhos e estilos, uns mais novos que os outros.

Sentindo-se como se estivesse em um palco, virou-se lentamente para enfrentar o café e seus fregueses. O Pinecone Café era um lugar pequeno que contava apenas com três mesas e meia dúzia de bancos em volta do balcão que ficava em frente à grelha. Um casal de meia-idade estava sentado à primeira mesa; dois homens ocupavam a seguinte; e a terceira encontrava-se vazia.

No balcão, uma senhora tricotava e sua enorme bolsa estava no banco ao lado. Uma mulher de uns cinquenta anos vestindo uniforme de garçonne e sapatos de enfermeira estava atrás do balcão, fumando e com pose de dona do lugar. No final do balcão, um homem tomava café; ele não olhou para cima.

– Boa noite – disse Augustus para todos aqueles rostos curiosos.

– Boa noite – respondeu a mulher atrás do balcão. Todos acenaram com a cabeça, menos o homem que tomava café; as mulheres sorriram educadamente quando ele passou por elas e dirigiu-se à mesa vazia. Simpático lugar, não? Sentou-se de costas para a parede de modo que pudesse ver a porta, um hábito antigo.

As pessoas voltaram a conversar. Os dois homens da mesa ao lado falavam sobre um trator que um deles, chamado Leroy, não conseguia fazer funcionar. O casal comia em silêncio, um sinal claro de que eram casados; e, no balcão, a garçonne contava à senhora sobre uma suéter que começara a fazer para a neta. O homem de vinte e poucos anos parecia mergulhado em seus pensamentos.

– Olá! – cumprimentou uma jovem de cabelos louros vestindo um uniforme muito apertado e com ar petulante que saíra da cozinha para lhe mostrar o cardápio com capa de plástico. – O prato de hoje é filé de frango frito, acompanhado por sopa, salada, purê de batatas, molho, ervilhas, pão e sobremesa; tudo por seis e cinquenta.

Surpreendente.

– Fechado – retrucou ele, sorrindo, enquanto devolvia o cardápio sem sequer abri-lo.

Ela parecia ter a mesma idade de Charlotte " Charlie" Larkin, se é que podia acreditar em Emmet, e era muito mais simpática. Augustus pretendia tirar vantagem das duas coisas.

– Posso lhe servir um café? – ofereceu ela, lançando-lhe um lindo sorriso.

– Adoraria, está muito úmido lá fora.

Ela riu ao ouvir isso, levando em consideração que ele estava ensopado até os ossos e usava roupas totalmente inadequadas para o tempo. Todos ali usavam jeans ou calças de lona, que pareciam bem populares na cidade, com camisas de flanela e botas.

– Vai ficar ainda mais úmido – explicou ela, voltando com o bule de café e a xícara. Serviu-o e continuou: – Parece que vai nevar bastante até de manhã.

Era tudo do que precisava. Teria de comprar um casaco e botas. Pelo menos, tivera a sensatez de trazer um jeans.

– Ainda não é cedo para nevar? – Estamos em Montana – respondeu ela sorrindo. – Pode nevar em qualquer época, e é isso que tem acontecido.

Ela foi à cozinha e voltou com a sopa de legumes que tinha um aroma maravilhoso e o gosto ainda melhor.

Tomou a sopa rapidamente. Precisava de calor e estava faminto, nem conseguia se lembrar de quando sentira tanta fome. Suas roupas estavam começando a secar e à medida que se sentia mais confortável, sua alegria começava a desaparecer, não sabia bem por quê. Suspeitava que fosse porque Charlie Larkin não era exatamente o que ele esperava, e não apenas por ser mulher. Já conhecera assassinas e sabia que elas podiam ter todas as formas e tamanhos. Algumas eram ainda mais bonitas e com aparência mais inocente do que Charlie.

Não, havia mais alguma coisa sobre ela que o incomodava e ele não sabia o que era.

Achava que essa inquietação repentina era causada pelo fato de as evidências que levavam a Charlie Larkin serem apenas circunstanciais. E ele não estava acostumado a trabalhar dessa forma. Todas as outras vezes, ele chegara quando os assassinos já estavam presos ou em liberdade por terem pago fiança. Desta vez, estava atrás do próprio assassino, era pessoal.

Tomando um gole do café, reassegurou a si mesmo que estava certo sobre este caso. A evidência que o levava direto a Charlie Larkin era forte, e seus instintos nunca o enganavam. Exceto uma única vez; tentou não pensar muito a respeito disso.

Entretanto, aprendera bastante com esse único erro. Confiara em um dos suspeitos, o que quase lhe custara a vida e a carreira. Por isso, nunca mais se

envolveria emocionalmente com um suspeito.

Mas não havia chance de isso acontecer neste caso, pensou, lembrando da menina rude com macacão largo que conhecera na oficina. Mesmo tendo aquele rostinho de anjo, com sardas e olhos castanhos, emoldurado por cabelos ruivos. Ah, ele sabia como a aparência de uma mulher pode enfeitiçar a maioria dos homens.

Mas ele não era como a maioria dos homens. Por que, então, Charlie Larkin o preocupava tanto? Algo nela lembrara-lhe Natalie. O pensamento arrancou-o desse devaneio. Olhou pela janela, sentindo-se isolado, mal preparado para o clima – e esta cidade insignificante. Como seria capaz de fazer qualquer coisa sem ao menos ter os serviços básicos? Tentara fazer uma ligação do quarto do hotel que – surpresa! – não tinha telefone, e o celular estava fora da área de cobertura.

Vira dois telefones públicos até agora, um na parede ao lado da porta de entrada do café, e o outro, com aparência primitiva, no posto dos Larkin. Nenhum onde fosse possível ter uma conversa particular. Este ficava exposto ao tempo e muito perto de Charlie Larkin.

A conversa na mesa dos homens mudara para o preço da madeira e sobre os malditos ambientalistas que estavam destruindo a indústria madeireira.

A mulher com uniforme de garçonne parou de fumar e perguntou ao homem que usava suspensório: – Então, Leroy, quer dizer que ainda está tentando colocar aquele trator velho para funcionar? – O rosto dela tinha várias espinhas e a voz era grave devido ao cigarro. – Tenho de tentar, Helen. Não posso comprar um novo. Logo, terei de tirar neve com ele remendado mesmo. Talvez Charlie dê uma olhada nele quando tiver tempo – explicou ele.

Helen, que sem dúvida era a dona do café, olhou na direção de Augustus: – Está no Murphy's, Gus? Gus. Como se não bastasse Charlie ter falado sobre ele para todos na cidade, ainda falou seu nome errado.

– Meu nome é Augustus – corrigiu ele, sorrindo para Helen. – Augustus T. Riley.

Ela riu como se ele tivesse falado algo engraçado, certamente não reconhecendo o nome.

– Bem-vindo a Utopia. Você é a grande novidade do dia.

– Dia fraco de novidades. Achei que o camarada encontrado no lago ainda seria notícia – comentou ele.

– Aquilo foi há mais de uma semana. Notícia velha, e não gostamos de ser conhecidos por isso.

Voltou para a cozinha a fim de terminar algum prato que estava preparando.

– Trudi, seus pedidos estão prontos.

Ele imaginou por qual tipo de notícia Utopia gostaria de ser conhecida.

– Aqui está, T.J. – falou Trudi animadamente ao colocar um prato cheio de comida no balcão na frente do homem solitário. Ela sorriu para ele, o que era um desperdício, pois ele sequer levantou os olhos, apenas grunhiu algo que Augustus não conseguiu ouvir.

Trudi permaneceu ali por mais um instante, depois entregou dois hambúrgueres para Leroy e trouxe a salada de Augustus.

– Foi horrível! Imagine, o corpo dele todo esse tempo no lago – continuou com a conversa de onde pararam.

– Desde o outono passado – concordou ele, tentando não pensar muito a respeito. – Então, você o conhecia? – Ele não era daqui – respondeu balançando a cabeça. Augustus sabia disso. Josh Whitaker era médico do pronto-socorro do hospital de Missoula. Tinha trinta e quatro anos, dois a menos que Augustus, era solteiro e morava com outros dois residentes em uma casa bem grande perto do hospital. Sua morte estava sendo investigada como um crime desde que o médico-legista reportou que ele fora atingido por trás na cabeça com um objeto obtuso, e depois o carro fora empurrado para dentro do lago até afundar completamente.

Ninguém sabia ao certo o que Josh Whitaker estava fazendo em Utopia, a cinquenta quilômetros da cidade mais próxima, em uma parte de Montaria em que cinquenta quilômetros pareciam quinhentos. Augustus nunca se sentira tão isolado e não podia imaginar por que Josh viera de Missoula até aqui. Josh estava desaparecido há mais de um ano quando seu corpo foi finalmente encontrado em setembro passado por dois adolescentes, pouco antes da temporada de frio.

Mas o que Augustus sabia, e a imprensa não, de acordo com os registros da operadora telefônica, era que Josh recebera duas ligações de Utopia um pouco antes de desaparecer. Ambas do telefone público que fica na Larkin & Filhos. Josh fizera várias ligações para aquele telefone além de uma para C. Larkin naquele mesmo dia, sendo que a última durara menos de um minuto, o que fazia Augustus imaginar se Josh teria conseguido falar com Charlie. O nome dela também constava em uma agenda antiga de Josh com uma nota do lado: disque-ajuda.

Augustus precisava descobrir que tipo de relacionamento Charlie tivera com Josh Whitaker, como eles se conheceram mesmo com o intensivo programa de trabalho de Josh, por que ele teria vindo à Utopia vê-la e por que ela queria vê-lo morto. Não tinha nenhuma pista.

Mas Emmet mencionou que Charlie desistiu de estudar quando o pai tivera um infarto. Será que ela e Josh se conheceram quando ela estudava na Universidade de Montana em Missoula? Foi onde Josh começou seu primeiro disque-ajuda.

– Deve ser horrível morrer afogado – comentou Trudi com um arrepio.
– Ouvi falar que não é tão ruim, é como ir dormir – opinou a senhora que tricotava.

– Marcella, você está confundindo afogamento com hipotermia – corrigiu Helen.

– Acho que as melhores maneiras de partir dessa pra melhor é por inanição ou infarto fulminante – afirmou Leroy. – Ou alguém colocando uma arma na sua cabeça – disse Helen.

Começou, então, um debate sobre qual calibre funcionava melhor. Augustus tentou recomençar a conversa sobre o corpo no lago: – Já descobriram o que o rapaz que se afogou estava fazendo aqui? Todos olharam para Helen tendo certeza de que se alguém na cidade sabia, essa pessoa seria ela. Ela deu de ombros.

– Esse lago não fica fora do caminho da trilha? – questionou Augustus.

– Fica, mas talvez ele tenha ouvido sobre o urso que comeu aquelas pessoas no acampamento e quis conhecer o lugar – disse Trudi.

– Que mórbido! E isso foi há tanto tempo, talvez ele nem tenha ouvido falar sobre isso – retrucou Helen fazendo uma careta.

Augustus lembrou das notícias nacionais da época que cursava o último ano e trabalhava no jornal do colégio. Lembrava dessa notícia principalmente porque havia poucas coisas que se alimentam de seres humanos: tubarões, jacarés e ursos.

– Acho que li no jornal que ele estava saindo com alguma mulher da cidade – mentiu ele, voltando ao assunto de Josh Whitaker.

– Não sei nada sobre isso – declarou Helen, voltando à cozinha para ver se o filé de frango estava pronto. Poucos minutos depois, entregou a Trudi um grande prato com carne de frango, molho, purê de batatas e ervilhas.

– Charlie está consertando seu carro, não é? – perguntou Helen, voltando sua atenção para o lugar no balcão onde Marcella estava.

– De manhã, ouvi dizer que ela é uma excelente mecânica – disse ele.

– A melhor das redondezas – disse Helen orgulhosa ao acender outro cigarro, definitivamente à vontade com o lugar e com ela mesma.

A melhor da cidade, ele até podia acreditar; mas das redondezas, duvidava seriamente.

– Se alguém é capaz de consertar o seu carro, esse alguém é Charlie – concordou Leroy.

Qualquer pessoa com um pouco de boa vontade e noção de mecânica seria capaz de consertar o carro dele. E se Charlie Larkin era tão boa quanto as pessoas afirmavam, ela sabia disso. Esse pensamento deixou-o perturbado.

– É verdade, você não encontrará ninguém melhor do que ela – continuou Helen. – Não duvido que esteja consertando seu carro agora.

Ele não apostaria nisso.

– Lembra daquela vez que ela encontrou uma família com o carro quebrado fora da cidade – comentou Marcella enquanto tricotava. – Acho que tinha uma dúzia de crianças naquele carro velho. Charlie levou comida para todos e consertou o motor, só Deus sabe como.

Helen assentiu, claramente feliz com essa lembrança.

– Eles não tinham nem um centavo, gastaram todo o dinheiro colocando gasolina para tentar chegar ao litoral onde o pai disse que tinha conseguido um emprego. Achei que isso parecia história, mas vocês conhecem Charlie.

Ele não. Mas com certeza queria conhecê-la. Comeu um pedaço do filé, estava ótimo.

– Charlie disse que ele poderia pagar a conta depois que estivesse estabelecido. – Helen sacudiu a cabeça. – Podia jurar que ela nunca veria a cor desse dinheiro, mas um ano depois, ela recebeu o cheque com juros. Essa não é a melhor? – É realmente uma história surpreendente – concordou Augustus, imaginando o quanto dessa história era verdadeiro e o quanto era lenda de Utopia.

– Poderíamos passar a noite falando de Charlie – continuou Helen.

– Lembram quando ela ajudou Earlene com o bebê? – recordou Marcella, olhando para Augustus. – Earlene é mãe solteira, o pai do bebê morreu.

Parecia que Charlie Larkin era uma santa. Mas descobrira há muito tempo que até a melhor das pessoas é capaz de cometer um assassinato. Isso só o fez ficar ainda mais curioso sobre Charlie, e mais determinado em pegá-la.

O homem de vinte e poucos anos, que Tradi chamara T.J., de repente afastou o prato, colocou algumas notas no balcão e se levantou, pegou o casaco e desapareceu sem dizer nada.

– Quem é aquele? – perguntou Augustus discretamente quando Trudi veio até a mesa completar sua xícara de café.

Ela olhou para a porta e respondeu: – Ah, aquele é T.J. Blue.

– Parecia chateado.

– Ele sempre fica chateado quando se fala em Charlie Larkin – cochichou ela, antes de se afastar para completar outras xícaras de café.

Ficava chateado quando se falava em Charlie Larkin? Augustus anotou mentalmente que devia conversar com esse T.J. Blue que não abrisse a boca enquanto Helen e os outros elogiavam Charlie. Interessante.

– Emmet me disse que Charlie teve de abandonar os estudos e tomar conta da oficina quando o pai sofreu o infarto – disse Augustus para Helen que estava recolhendo os pratos de T.J. Blue depois de sua abrupta saída.

Helen apenas assentiu, mas não fez comentários, como se achasse que ele perguntava demais.

– Ela costumava trabalhar na oficina com o pai nos verões – falou Leroy. – Ele insistia para que ela tivesse uma boa educação, mas todos sabiam que seu sonho era que ela voltasse para casa e trabalhasse com ele depois da formatura.

– O que ela estudava em Missoula antes de desistir? – perguntou ele casualmente, comendo mais um pedaço do filé. Ele prestava bastante atenção enquanto esperava que alguém confirmasse sua teoria de que Charlie Larkin estudara na mesma cidade em que Josh Whitaker trabalhava.

Helen franziu a testa, parecendo desconfiada.

– Administração, não era, Helen? – disse Marcella.

– Mas não foi em Missoula, ela estudou em Bozeman. Muito longe.

– Achei que Emmet tivesse dito... deixa para lá – retrucou Augustus. – Devo ter escutado errado.

Então, como eles se conheceram? Charlie tinha de ser a razão para Josh ter vindo a Utopia e acabado no fundo do lago Freeze Out no último outono. Augustus apostaria sua reputação nisso. Mas qual seria a ligação entre eles? Seria a ligação óbvia entre um homem e uma mulher? Ou será que tinha algo mais? Um pensamento o deixou imobilizado. O uso do telefone público da oficina e não do telefone de casa: – Charlie não é casada, é? Helen o analisou por um longo momento.

– Não. – Seu olhar dizia que ele perguntava demais.

– Ela é o tipo de pessoa que eu gostaria de conhecer melhor – disse ele com cara de "você sabem como são os homens".

Helen relaxou um pouco; com certeza conhecia os homens. Foi para perto de Marcella conversar sobre uma lã que vira em Missoula.

– Já tem toda a lenha que vai precisar para o inverno? – perguntou Leroy ao homem à sua frente.

– Até mais, Helen – despediu-se a mulher da primeira mesa ao sair com o marido, deixando o dinheiro na mesa.

– Cuide-se, Kate. Você também, Bud.

Augustus agora se concentrava na comida ouvindo as conversas mudarem de uma trivialidade para outra. Ninguém mais prestava atenção nele. Ele já devia não ser mais novidade.

Todavia, percebeu que Trudi o observava quando achava que ele estava distraído, e ele sabia, como sempre, que ela estava ávida para lhe contar algo.

A caçada sempre o deixava voraz, e esta não era uma exceção. Não seria fácil a cidade convencê-lo de que Charlie Larkin era uma santa. Mas pelo menos

uma pessoa na cidade não estava enganada sobre Charlie: T.J. Blue. E Augustos tinha um pressentimento de que conseguiria mais. Ele sorriu e continuou o jantar.

Comeu tudo o que podia e afastou o prato quando Trudi veio a sua mesa. Estava muito ocupada tentando fechar a conta dele, e pegar um guardanapo para escrever algo antes de entregar junto com a conta em um pires. Completou a xícara com mais café, apesar de ele ter dito que não queria mais. Ela parecia nervosa.

Podia sentir que Helen os observava com olhos de águia, e Trudi deve ter sentido também. Limpou a mesa, tirou os pratos, deixou só a xícara de café e entrou na cozinha.

Ele a encarou por um momento, depois pegou a conta e o guardanapo no pires. Na conta, ela escrevera quanto ele devia pelo jantar, seis e cinquenta; e no guardanapo: "Saio às dez." Ele sorriu ao ler. Isso lhe daria tempo para se preparar. Pegou a caneta e escreveu no guardanapo: "Murphy's, n° 5", depois dobrou uma nota de dez e colocou em cima da conta. Com sorte, Trudi teria algo interessante para oferecer a ele.

Quando saía do café, Helen o chamou: – Até mais, Gus.

Podia sentir que ela o observava enquanto passava na janela da frente do café. Imaginava quanto tempo levaria até ela ligar para Charlie Larkin e contar que ele fizera perguntas a seu respeito. Esse pensamento o deixou satisfeito, já que apenas começara.

Vou te pegar, Charlie.

Capítulo 4

Charlie empurrou a porta da cozinha da velha casa de fazenda que dividia com a mãe e com a tia. Trazia nos braços uma enorme caixa com os produtos que Wayne dera.

– Deixe-me adivinhar. A Chevy de Wayne Dreyer quebrou de novo. – Tia Selma balançou a cabeça grisalha ao olhar o que tinha dentro da caixa que Charlie acabara de trazer. Parecia pequena e frágil perto da enorme caixa, e ao mesmo tempo mais velha.

– Ainda tem outra na van – disse Charlie saindo na neve que, densa como algodão, embranquecia o cenário.

Tia Selma olhava para ela quando voltou.

– Morangas, maçãs e abóboras – anunciou Charlie ao colocar a segunda caixa na mesa ao lado da primeira.

– Dá para perceber – retrucou Selma. – Tem moranga suficiente para três invernos. E abóboras... meu Deus, o que faremos com todas elas? É melhor você torcer para que o carro dele não quebre até que chegue a época das amoras e framboesas.

– Ele acha que comemos muita torta de abóbora – comentou Charlie enquanto tirava o casaco. Nesta mesma época do ano anterior, a bomba de água da Chevy de Wayne quebrou e ela recebera abóboras como pagamento, dizendo que tia Selma precisava delas frescas para fazer as tortas.

– Você me lembra o seu pai – comentou tia Selma sacudindo a cabeça.

– Obrigada – agradeceu Charlie, pendurando o casaco no gancho atrás da porta.

– Isso não foi um elogio.

Charlie sorriu para ela, suavizando o seu olhar.

– Aconteceu alguma coisa? – Não.

– Eu te conheço, menina – afirmou a tia. – Sei que alguma coisa aconteceu.

Algumas pessoas na cidade diziam que Selma tinha O Dom, que era capaz de olhar dentro da sua alma e enxergar coisas que mais ninguém conseguia, inclusive o futuro.

Às vezes Charlie se questionava se elas não estariam certas. Mas, na maior parte do tempo, ela acreditava que a tia prestava atenção em pequenos detalhes que outras pessoas não viam. Não que isso deixasse de ser um mistério. E uma verdadeira dor de cabeça quando preferia guardar os problemas para si mesma.

O telefone tocou. Charlie tentou esconder o alívio e foi atendê-lo.

– O dono do carro que quebrou, Gus, acabou de sair. – Helen sussurrava. – Achei que você gostaria de saber.

– Mesmo? – disse ela e sorriu para tia, sabendo que tinha mais.

– Ele fez um monte de perguntas.

– Sobre o quê? – indagou ela, tentando manter a voz calma. – Sobre o homem que morreu no lago e sobre você.

Charlie soltou uma pequena gargalhada e virou de costas para a tia.

– Bem, você sabe o que dizem quando estão curiosos.

– Essa não é a pior parte. Trudi já se interessou por ele. Você sabe como ela é.

Todos sabiam como Trudi Murphy era. Com certeza, o estranho também descobriria logo.

– Acho que você devia tentar descobrir alguma coisa sobre ele – aconselhou Helen. – Não gosto do jeito dele.

Ela não gostava do jeito da maioria dos homens, graças aos seus quatro casamentos fracassados e sua queda por perdedores.

– O que será que ele tanto quer saber sobre você? – Eu não sei, mas com certeza não é nada. – Ela esperava que isso fosse verdade.

– Espero que esteja certa. Talvez ele vá embora quando o carro estiver pronto. Maybelle disse que só pagou uma noite.

– Isso é bom. – Mas ela pressentia que isso não significava nada. – Obrigada por me avisar.

Desligou e virou sentindo o olhar intenso da tia.

– Charlotte... – começou Selma.

– Que maravilha! – exclamou a mãe de Charlie ao entrar na cozinha. Os olhos cheios de alegria, como se as caixas em cima da mesa fossem lindos presentes em vez de apenas vegetais e frutas.

Vera era ainda menor que Selma, e não tinha a força da irmã. Sempre fora a mais frágil, a pele pálida quase translúcida e o cabelo branquinho.

Tia Selma lançou um olhar de aviso para Charlie, aquele que ela conhecia tão bem. Não aborreça sua mãe. Essas palavras deviam estar bordadas nas almofadas da sala. – Eu estava querendo mesmo fazer tortas de abóbora – disse Selma.

Vera sorriu docemente. O suéter caía de um de seus ombros.

– Eu adoro torta de abóbora. Com sorvete. – Franziu a testa. – Ou será com creme chantili? – Os dois são ótimos – respondeu Selma, endireitando o suéter nos ombros magros.

Charlie percebeu que os chinelos da mãe estavam nos pés errados quando as duas saíram da cozinha. Fechou os olhos, sentia uma dor profunda. Partia seu

coração ver a mãe assim, piorando a cada dia.

Se não fosse por tia Selma... Era difícil de acreditar que Selma tinha quase setenta anos, a irmã mais velha. Nunca se casara. Uma vez, quando Charlie ainda era criança, achou um vestido de noiva amarelo no sótão. Sua mãe contou uma romântica história sobre Selma ter se apaixonado por um soldado. Eles iam casar, mas dias antes de ele voltar para casa, o avião foi abatido. Devastada, Selma jurara nunca mais ser capaz de amar outro homem.

É claro que algumas pessoas em Utopia achavam que essa história era tão falsa quanto os seios de Trudi Murphy. Mas, então, como explicar o vestido de noiva no sótão? Se as "visões" de Selma eram verdadeiras, talvez já soubesse há muito tempo que Vera precisaria dela, e por isso não se casara. Talvez Selma tenha adiado os planos de casamento depois de Vera ficar de cama após a perda de mais um bebê. Selma era assim.

Dizia que Vera nunca fora forte. Casara com Burt aos dezoito anos cheia de esperanças, mas rapidamente enfraqueceu tanto física quanto emocionalmente por causa dos bebês perdidos e das decepções, até o dia em que Charlie nasceu. Vera já tinha quase quarenta anos nessa época.

Apenas vinte e um anos depois, perdeu Burt com um infarto. Essa perda destruiu a mãe emocionalmente e trouxe Charlie de volta para casa a fim de tomar conta da oficina. Isso foi há quatro anos. Tia Selma esteve lá todas as vezes que Vera precisou dela. Não foi surpresa nenhuma Selma ter sido a primeira a notar os sintomas do mal de Alzheimer em Vera.

– Você está bem aquecida? – Selma perguntou a Vera na sala. – Está nevando lá fora, talvez eu deva colocar mais lenha na lareira. O que você acha? Selma olhou para Charlie enquanto ajudava Vera a se sentar em uma poltrona em frente à lareira. Seu olhar era claro: conversaremos mais tarde.

Charlie não duvidava disso. Selma e Vera já tinham jantado. Charlie sentia o cheiro do frango com bolinhos que Selma guardara para ela. Também tinha torta de maçã quentinha.

Charlie tentara fazer com que Selma diminuísse o ritmo.

– Cozinhar e cuidar da minha irmã é o que sempre fiz – contestava ela. – Deixe-me fazer o que quero e não me atrapalhe. – Ela sorria para fazer as palavras parecerem mais doces. – Você sabe o quanto eu amo fazer isso.

Charlie assentiu e não a atrapalhou, ajudando o máximo possível.

Enquanto Charlie comia, Vera contava histórias de quarenta anos atrás. Selma estava muito quieta, como se pudesse ler os pensamentos de Charlie, que voltavam o tempo todo para o estranho na cidade.

Depois de jantar e lavar a louça, Charlie pegou o casaco e foi para a varanda, esperava que o ar frio da noite esfriasse sua cabeça. Não muito tempo

depois, ouviu passos de chinelo atrás dela.

– Então? – A voz de Selma parecia rouca de preocupação.

Charlie não se virou. Tentou parecer tranquila. – Não é nada.

– Então, por que você parece assustada? Assustada? Seria isso o que sentia? Esse tremor dentro dela. Essa angústia forte, como se estivesse conectada a uma bateria de alta voltagem o tempo todo. Não ficaria surpresa se começasse a soltar faíscas. Primeiro, tinha sido uma leve confusão. Quase uma energia nervosa. Ansiedade. Preocupação. Mas agora ela tremia com o que devia ser mais do que medo. Ela se abraçou como se pudesse esconder o terror. Pelo menos para deixar a tia mais tranquila.

– Preciso lhe fazer uma pergunta. – Selma parecia hesitar. – Isso tem alguma coisa a ver com o rapaz que tiraram do lago? Charlie virou-se lentamente para olhar para a tia. Selma estava parada, iluminada pela luz que vinha da janela da cozinha, vestindo um grosso suéter de lã por cima do terninho de poliéster. Charlie lembrou de sua mãe tricotando esse suéter muitos anos atrás. Um presente de Natal com as cores favoritas de Selma, marrom, dourado e vermelho.

Mesmo a essa distância, era possível ver os erros no modelo. Os sinais estavam lá havia muito tempo, só Charlie não os reconhecia. Era tão difícil admitir que alguém que você ama está enlouquecendo.

– Tem – respondeu Charlie. – Isso tinha tudo a ver com Josh Whitaker.

Selma segurou no pilar da varanda e fechou os olhos, as mãos sem luvas pálidas e delicadas, veias azuis aparecendo na pele clara, frágil.

Charlie tentou alcançá-la, com medo de que fosse cair. Mas recolheu o braço no último minuto quando Selma abriu os olhos.

Antes de ver as lágrimas, Charlie ia contar tudo à tia. Aguentar tudo isso sozinha parecia insuportável agora. Mas as lágrimas detiveram-na. Selma sempre fora forte, mas isso é demais para qualquer pessoa, especialmente alguém que se ama.

– Só estou triste porque a morte me faz lembrar de quando Quinn foi morto – explicou Charlie rapidamente.

O alívio na expressão da tia valeu a meia mentira que tivera de contar.

– Você ainda pensa em Quinn Simonson? – surpreendeu-se a tia, recuperando-se. – Foi há tanto tempo e não achei que o relacionamento de vocês fosse tão sério.

– Não era. Mas ele foi meu primeiro namorado – retrucou Charlie.

– Os Simonsons não têm lhe deixado em paz, não é? – disse Selma impetuosamente, lembrando Charlie daquela família tão presunçosa. – Aquela gente. Eles querem culpar alguém pela morte do menino de ouro deles, e você é um alvo fácil.

Menino de ouro era um termo que só se encaixava com Quinn por causa da aparência loura e bonita, e porque Phil e Norma Simonson colocaram-no em um pedestal acima até do filho mais velho, Forest. Para eles, Quinn não cometia erros. Infelizmente, Charlie o conhecia melhor.

– Não são eles – confessou Charlie. – Este último acidente traz de volta todas as memórias do passado.

Não que os Simonsons a tivessem deixado esquecer o que acreditavam que ela fizera: assassinado o filho deles.

– Sinto tanto que isso esteja acontecendo agora – disse Selma. – Você já tem tanto com o que se preocupar.

– Estou bem. – Abraçou Selma, lágrimas saindo de seus olhos ao sentir a fragilidade de sua tia.

– Ah, Charlie. – A tia deu-lhe um beijo no rosto. – Você tem enfrentado tanta coisa comigo e com sua mãe.

– Isso não é verdade – protestou ela. – Você e a mamãe sempre cuidaram de mim e agora você tem a mamãe para cuidar.

Tia Selma se enroscou ainda mais no casaco, com uma expressão de que não estava muito convencida. Quanto ela sabia? Ou ela apenas suspeitava da verdade? – Está frio aqui fora – falou Charlie. – É melhor você voltar antes que a mamãe sinta sua falta. – Ela sabia que isso, mais do que o frio, faria a tia entrar e parar de fazer perguntas.

Evidentemente relutante, Selma voltou para casa sem palavras.

Charlie virou para observar a neve, cheia de alívio e arrependimento. A neve começara a cobrir o chão e a amontoar-se. Do mesmo jeito que as coisas na vida também tendem a se amontoar. Quando o corpo de Josh foi tirado do lago, ela ficou paralisada de medo. Não ficara sabendo que ele estivera na cidade. Ainda não entendia o que o fizera ir até ali, já que não se viam nem se falavam havia quatro anos.

Sacudiu a cabeça, o horror desse assassinato era mais do que ela podia suportar. Fechou os olhos. Deixara as coisas acontecerem e agora estava pagando o preço. Mas não cometeria o mesmo erro outra vez. Tinha de proteger a família, de qualquer maneira.

De algum lugar da escuridão cheia de neve veio um rosnado baixo. Charlie desceu da varanda e foi em direção ao som, tentando localizar o cachorro através da neve que caía. Spark Plug, o nome que seu pai escolhera um pouco antes de morrer, rosnou de novo, dessa vez mais fraco, mais sério.

Tinha algo lá fora. Alguém. Charlie sentiu um arrepio. Moveu-se silenciosamente, voltou pisando nas mesmas pegadas e abriu a porta dos fundos. A espingarda ficava na última prateleira, fora do alcance de sua mãe, mesmo se

usasse uma cadeira. Charlie pegou a arma e tirou duas balas de uma gaveta na cozinha. Carregou-a e saiu pela varanda.

A neve cobria completamente o quintal e caía como se fosse um muro branco. Ficou parada no escuro embaixo do telhado da varanda, encarando a neve que caía. Quem ela devia temer? Augustus T. Riley. Quem era ele afinal? Um policial? Um detetive particular que a família de Josh contratou? Isso importava? Spark Plug rosnou de novo, dessa vez mais distante, o cão começou a latir. Depois que ele parou de latir, Charlie escutou um motor entre os pinheiros em algum lugar da estrada. Parecia uma caminhonete com o amortecedor ruim, como tantas pela cidade.

Spark Plug parou de latir e depois de alguns minutos surgiu pela tempestade de neve. Era um verdadeiro vira-latas, com pernas curtas, manchas brancas, pêlo marrom e preto bem curto e grandes orelhas caídas. Quando ele a viu, abanou o rabo e subiu as escadas da varanda.

Charlie deixou a espingarda de lado para tirar a neve das costas do cachorro. Esperou até que não ouvisse mais o barulho da caminhonete, então levou-o para dentro de casa onde tia Selma fingia brigar com ele por não ter chegado em casa para o jantar.

– Spark Plug estava latindo para outro coio? – perguntou tia Selma enquanto Charlie guardava a espingarda na prateleira mais alta e as balas, na gaveta.

– Parece que sim – respondeu Charlie cortando três pedaços de torta de maçã e pensando sobre o barulho que escutara e o rosnado preocupado de Spark Plug.

Depois ela levou os pratos com torta de maçã para a sala quando a sua mãe ficou surpresa de novo ao vê-la.

Capítulo 5

Augustus escutou baterem na porta logo depois das dez horas. Ele daria algo a Trudi, ela não perderia tempo.

Ele deu uma olhada rápida pelo quarto para se certificar de que não deixara nada importante à vista, como seu laptop. O quarto parecia ter vindo diretamente do velho faroeste. As paredes eram de madeira de pinheiro, a colcha tinha estampas com motivos equinos, a luminária era feita de chifre e havia um único quadro na parede com um caubói solitário. Ih-hoo! Ninguém em Los Angeles acreditaria que ainda existia uma cidade assim; ele mesmo quase não acreditava.

Ela bateu na porta mais uma vez, desta vez mais insistente. Ansiosa ela, não? Ele duvidava que fosse seu charme. Algumas pessoas têm um prazer malicioso quando se trata dos "podres" dos outros. Por mais feio que isso possa parecer, com certeza facilitava muito seu trabalho.

Ele abriu a porta.

Ela estava parada na pequena varanda e vestia um longo casaco de lã marrom desabotoado por cima de um vestido curto e usava botas pretas. Mordia nervosamente o lábio inferior enquanto olhava para trás.

– Oi – cumprimentou ele, um pouco surpreso pela maneira como ela estava vestida. E mais ainda pelo modo suspeito como estava agindo. Ela achava que tinha sido seguida? Ou estava apenas com medo de que alguém a visse ali? Por quê? – Namorado ciumento? Ela se virou, claramente sobressaltada, e sorriu: – Não tenho namorado. Ou melhor, não um fixo. Gosto de ser livre – explicou ela timidamente.

Ele gostaria de ter outra maneira de conseguir o que queria dela. Era evidente que eles tinham planos diferentes. Recostou-se no portal, não queria convidá-la a entrar, mas sabia que se não o fizesse talvez nunca ficasse sabendo o que ela tanto queria lhe contar. Mas a que preço? Parará de nevar, o chão brilhava frio e branco atrás dela. Exatamente quando ele pensou que não seria possível Utopia ser ainda mais estranha para ele.

Relutante, abriu caminho e a convidou a entrar. Ao fechar a porta, olhou para fora e viu uma caminhonete diminuir a velocidade ao passar pela estrada. Essa caminhonete era escura e barulhenta, e apesar de não ter conseguido ver mais que uma silhueta atrás do volante, era óbvio que o motorista olhara nesta direção. Procurando por Trudi? Por ele? A caminhonete acelerou e passou, jogando neve para os lados.

Ele se virou e encontrou Trudi sentada na cama, sem o casaco e com as pernas cruzadas, o que a deixava bastante exposta. O curto vestido florido era

ainda menor do que imaginara.

Às vezes odiava o que tinha de fazer para conseguir o que queria. Para ele, porém, só o resultado importava, certo? Certo.

– Gostaria de algo para beber? – ofereceu ele. – Acho que só tenho copos de plástico e uma garrafa de água.

Ela sorriu e tirou do bolso do casaco uma garrafa de cerveja. Entregou-a para ele e tirou outra do segundo bolso.

– Espero que você goste de cerveja. Ele olhou para a cerveja e respondeu: – Quem poderia recusar uma cerveja oferecida desse jeito? Ela riu desse comentário. Na verdade, ela ria de tudo que ele falava, o que tornava tudo ainda mais difícil. Ele puxou a cadeira da pequena mesa de carvalho.

– Você já tem idade para tomar bebidas alcoólicas? – questionou ele enquanto sentava na cadeira com os braços apoiados no encosto.

Ela olhou-o como quem diz "você está brincando", bebericou a cerveja e respondeu: – Tenho vinte e seis. – Idade da Charlie? – Então você deve ter estudado com Charlie Larkin – disse ele.

Ela assentiu e olhou o quarto, não era tão interessante. Depois, sua atenção se voltou para ele. Ela umedeceu os lábios e lançou-lhe um sorriso sedutor.

– Essa foi a única razão pela qual me convidou para vir aqui? Para falar sobre Charlie? Ele devia estar ficando velho, pois não estava a fim desse jogo esta noite. Resolveu ser direto, já que se sentia incapaz de prosseguir por mais tempo.

– No café, tive a impressão de que você queria me contar alguma coisa sobre ela.

Ela parecia assustada e até desconfortável.

– Não imagino o que poderia ser.

Ele a observou passar o polegar pelo rótulo da cerveja.

– Pense um pouco, tenho certeza de que se lembrará de alguma coisa.

– Você é um policial ou algo parecido? – Algo parecido. – Contar sua história seria um desperdício de boas mentiras. E não havia razão para contar-lhe a verdade, já que esta apareceria logo.

Ela tomou mais um gole da cerveja, olhando para ele sobre a garrafa.

– O que eu ganho com isso? – Finalmente, estava em terra firme.

– Depende do valor da informação que me der. – Como ela não se interessou em discutir preço, ficou claro que ela não estava aqui por dinheiro, exatamente como ele suspeitara.

Ela se endireitou na cama: – Você perguntou sobre o homem que encontraram no lago. – Ele não disse nada. – Não foi o primeiro, você sabe.

– O primeiro a quê? – Seu coração estava acelerado.

– A terminar morto no lago. Quinn Simonson foi assassinado ao sair do lago Freeze Out logo após a formatura do colegial. O carro saiu da estrada.

– O que isso tem a ver com... – interrompeu Augustus.

– Quinn era o namorado de Charlie na época do colégio. Ela estava lá naquela noite. Eles brigaram e...

– Por quê? – Earlene Kurtz. Charlie descobriu que Earlene estava grávida de quatro meses de Quinn.

Augustus imaginou se Trudi não teria ajudado Charlie a descobrir sobre a gravidez e soltou um assovio. Depois perguntou: – Charlie perdeu a cabeça? Trudi bufou. – Ela ficou furiosa e não quis entrar no carro com Quinn, apesar de ele prometer que a levaria direto para casa. Estava muito perturbado porque todos sabiam sobre a gravidez de Earlene. Ele saiu e bateu com o carro em uma curva saindo da montanha.

– Certo, mas eu não vejo...

– Charlie fez alguma coisa no carro.

– Como o quê? – Ele prendeu a respiração.

– Alguma coisa para ele bater. Ela tinha consertado o carro na véspera do acidente e, naquela noite no lago, mexeu nele um pouco antes de Quinn ir embora.

– Se ela tivesse feito algo no carro, a polícia teria descoberto e ela teria sido presa.

– Na época, ninguém suspeitou dela, todos acharam que tivesse sido um acidente porque Quinn bebera. Com o tempo, Phil Simonson...

– Quem é ele? – Pai de Quinn. Depois de um tempo, ele pediu para o xerife fazer uma perícia no carro, descobriram que alguém tinha mexido em partes do carro.

– Então, você não sabe nada.

Ela deu mais um gole na cerveja, rasgou um pouco o rótulo e, finalmente, olhando para ele timidamente de novo, deu a informação que ele queria: – Ela conhecia Josh Whitaker, o cara que encontraram no lago.

Ele a encarou. Talvez essa fosse a conexão de que ele precisava.

– Por que você acha isso? – perguntou ele, tentando não demonstrar excitação em sua voz.

– Eu o vi no posto de gasolina um pouco antes de sair da cidade e desaparecer.

– Pode ser que tenha parado apenas para colocar gasolina – retrucou Augustus.

– Gasolina e beijo? Eu o vi beijando-a e ela tentava se desvencilhar. Não pude escutar o que diziam, mas era evidente que estavam discutindo. Ele foi embora zangado, mas não antes de eu ver Charlie embaixo do carro dele.

Ele a encarou desejando não suspeitar que tudo isso fosse mentira.

– Fazendo o quê? Onde estava Josh? E você? Ela virou os olhos com impaciência: – Não sei o que ela fez. Estava do outro lado da rua, na loja, por acaso olhei pela janela e os vi. Acho que Josh estava no banheiro. Sei lá.

Augustus continuou olhando firme nos olhos dela.

– Se isso é verdade, por que não contou para a polícia? – Tive meus motivos. – Ela se levantou.

– Isso não é o suficiente.

– Como você sabe que não contei ao xerife e ele não acreditou em mim? Então era assim.

– Você não mora aqui, não sabe como é. Charlie Larkin pode estar errada, mas se eu falo a verdade todos acham que estou mentindo. – Ele podia sentir o rancor em sua voz.

– Mas por quê? – Olha só, você acha que só estou falando isso porque não gosto de Charlie.

– Por acaso, você gosta? O calor do ódio extravasava por seus olhos.

– Se você quer saber se faço parte do fã clube de Charlie Larkin, não faço. Mas tudo o que contei é verdade.

Ele não podia deixar de ser cético, já que o xerife, que devia conhecê-la, não acreditara nela.

– O fato é que só tenho a sua palavra. Quinn e Josh estão mortos. – Suspeita era uma coisa. Ele precisava de provas e era claro que ela não tinha nenhuma. – Por que você não me conta o que tem contra Charlie? – Você não estaria aqui fazendo todas essas perguntas sobre Charlie e o corpo no lago se não suspeitasse dela. Pode me dizer por quê? – Na verdade, não.

– Foi o que pensei. – Ela colocou a garrafa vazia na mesa, pegou o casaco, jogou-o sobre os ombros quando seus olhares se encontraram. – Tem certeza de que só está interessado nas informações? Ele assentiu, suavizando a rejeição com um sorriso, e tirou as notas que colocara em seu próprio bolso mais cedo. Era muito pela informação que ela dera, mas ele tinha a impressão de que ela ainda tinha mais a oferecer.

– Onde T.J. Blue entra nessa história? – perguntou. Ela guardou as notas sem contar. Talvez tivesse mais ali do que ele pensara. ; – Ele era o melhor amigo de Quinn Simonson. – Ela foi em direção à porta, parou e virou para olhá-lo. – Se eu fosse você, teria muito cuidado. Todo homem que se aproxima de Charlie se arrepende. Pergunte a Rick Moss, se – não acredita em mim. Ele é um dos sortudos.

Charlie viu a mãe ir para a cama, esperou até a tia apagar a luz e, então, vestindo as botas e o casaco, decidiu dar uma volta. Pelo menos, foi o que disse a si mesma.

O ar noturno estava cortante e gélido. Não nevava mais, embora cristais de gelo dançassem no ar. O céu tinha uma inacreditável coloração azul-escura, quase preta. Nuvens brancas se moviam entre a lua e as estrelas, brilhando como flocos de neve.

Ela chutou a neve macia ao pegar um atalho. Para chegar à cidade saindo da velha casa de fazenda onde morava, era preciso dirigir para o norte, pegar a estrada do município e circundar uma estreita estrada particular. Entretanto, ela também podia andar algumas quadras e chegar à cidade cortando caminho pelos pinheiros e atravessando o riacho; essa era uma trilha que usava desde criança, somente esta noite ela parecia mais escura e isolada do que se lembrava.

Ao passar pelo Murphy's, viu o carro de Trudi estacionado perto de um dos chalés, vapor saindo do capô e uma trilha formada na neve até o chalé número cinco, o único com a luz acesa.

Charlie continuou andando, dizendo para si mesma que não tinha motivo para se preocupar, mas ainda assim não conseguia parar de pensar no que Augustus T. Riley poderia querer com Trudi a não ser o óbvio. Talvez isso fosse tudo. Apenas uma companhia feminina para a noite.

O néon que ficava do lado de fora estava apagado; o café, fechado para a noite; mas ainda havia uma luz acesa lá dentro e ela podia ver alguém se mexendo. Bateu na porta e Helen veio abrir.

– Achei que você viria – disse Helen, segurando a porta. Charlie entrou enquanto Helen a trancava.

– Estou doida por um café feito por você -- disse Charlie.

– Por acaso, ainda tem um pouco no bule esperando por você – respondeu Helen rindo. – Que tal um pedaço de torta? Charlie sacudiu a cabeça enquanto sentava no segundo banco.

– Selma fez torta de maçã de sobremesa.

– Devia estar uma delícia. – Helen colocou duas xícaras de café no balcão e sentou-se em um banco perto de Charlie. – Você não consegue fazer Selma diminuir o ritmo, não é? – Acho que se ela parasse de cuidar de mim e da mamãe definharia até morrer.

Helen brincava com a xícara de café em suas mãos e olhava para o líquido escuro dentro dela.

– Falei com Maybelle, ela disse que ele foi bem antipático e agiu de modo suspeito. – As duas sabiam de quem ela estava falando.

– Você sabe como Maybelle é intrometida – comentou Charlie. Augustus T. Riley não parecia um homem que aceitaria facilmente ter de responder a várias perguntas.

– Ele tentou usar cartão de crédito – continuou Helen. – Tinha muito dinheiro na carteira. Você não acha que ele roubou um banco ou algo parecido, acha? Charlie riu para si mesma, sabendo como as pessoas desta cidade adoravam falar. Parecia que as histórias prosperavam e elas não se cansavam de repetir as favoritas, melhorando-as quando necessário. Helen sempre dizia: "Não há razão para contar uma história se você não deixá-la interessante." – Provavelmente, ele só está de passagem, como ele mesmo disse – respondeu Charlie.

– Você sabe melhor do que eu que ninguém passa por Utopia – discordou Helen. – Não é como estar na interestadual ou mesmo em uma estrada para qualquer outro lugar. – Isso foi dito com uma espécie de orgulho local que Charlie compreendia muito bem. Não existe lugar como Utopia, as pessoas daqui sempre diziam. E isso era verdade.

– Talvez ele tenha se perdido – sugeriu Charlie tomando um gole do café.

– Talvez. – Helen não parecia convencida. Ela colocou Charlie a par de tudo que fora dito no café. – O que há de errado com o carro dele? – Ainda não tive tempo de olhar – mentiu Charlie.

– Bem, parece muito estranho. Justamente agora. É verdade, justamente agora.

– Ele perguntou se eu era casada! – Charlie riu, tentando fazer graça disso. Helen fez uma careta.

– Acho que ele deve estar interessado em você. Nisso Charlie acreditava, mas não da maneira que Helen estava pensando.

– Tem mais uma coisa – disse Helen. – Trudi deu um jeito de ir embora rapidinho antes de fecharmos.

Charlie assentiu e disse que vira o carro de Trudi estacionado no Murphy's.

– Essa garota é mesmo oferecida – afirmou Helen. – Embora até eu tenha de admitir que ele é bonitão.

É verdade, ele era mesmo. Charlie pensou em Augustus T. Riley e Trudi. Talvez o tenha superestimado. Se ele pudesse ser distraído por alguém como Trudi, talvez não fosse tão perigoso quanto suspeitara. Esse pensamento fez com que se sentisse um pouco melhor. Terminou o café.

– É melhor eu voltar para casa.

Charlie já ia levar a xícara quando Helen a amedrontou: – Apenas conserte o carro daquele garotão pela manhã para que ele possa voltar para a estrada. Grave o que estou dizendo: ele vai trazer encrenca.

Encrenca, sim. Mas consertar o carro não resolveria o problema. Podia apostar nisso.

Ao caminhar de volta para casa, uma escuridão repleta de neve tinha caído sobre a cidade, trazendo consigo um pouco de paz. O céu cintilava, clareado pelas

estrelas, a lua iluminava ainda mais a neve caída.

Na fronteira da cidade, olhou na direção do Murphy's. Sentindo-se deprimida, viu que o carro de Trudi não estava mais lá. Então era seu momento de paz.

Capítulo 6

Depois de uma noite sem conseguir dormir, Charlie pegou o telefone e discou o número que memorizara do contrato de aluguel do carro de Augustus. Já estava na hora de descobrir quem ele era e o que queria.

Uma mulher atendeu. Demorou alguns segundos até Charlie dar-se conta do que ela falara.

Uma editora de livros? – Devo ter discado errado – conseguiu falar. – Gostaria de falar com Augustus T. Riley.

– Claro, o Sr. Riley é um dos nossos autores. Sou a agente dele. Posso ajudá-la? Um autor? Ela acreditava que ele fosse um detetive particular ou um investigador de seguros. Mas um autor? – Sobre o que ele escreve? – perguntou Charlie confusa e imaginando se poderia estar errada sobre Gus. Mas quando a agente respondeu: – Livros sobre crimes verídicos. Crimes verídicos? – Caso queira, posso lhe enviar uma lista dos seus livros ou um marcador de livros autografado – ofereceu a mulher. – É só me dar seu endereço.

Charlie desligou. Ficou parada por um momento olhando para o telefone. Então, foi para o computador no canto do quarto e o iniciou. Poucos minutos depois, estava digitando Augustus T. Riley embaixo do campo "autor" em uma grande livraria on-line. Todos os Rileys apareceram, ela rolou a página para baixo, parando no primeiro título de Augustus T. Riley.

Seu coração acelerou, os dedos no mouse tremiam. Enquanto percorria os títulos e as críticas, via um padrão claro no assunto dos livros.

Pelo que parecia, Augustus T. Riley gostava de escrever sobre mulheres que matavam seus amantes ou maridos.

Ao acordar, Augustus se deparou com uma manhã de sol e neve. Abriu os olhos e ficou impressionado com a claridade lá fora. Quando abriu as cortinas, o brilho do sol batendo na neve recém-caída o cegou, deixando-o pasmo com tamanha beleza. Nunca vira algo assim: nem um azul tão intenso nem um contraste tão extremo entre céu, neve e sol.

Mas o dia estava tão bonito quanto frio, e quando abriu a porta estava absolutamente mal preparado para isso. Sua primeira parada foi na loja de Emmet, depois atravessou e foi para o orelhão de Larkin & Filhos, torcendo para encontrar Charlie lá. Depois de conversar com Trudi, pensara bastante sobre Charlie. Na verdade, só pensara nisso a noite toda. Mas ainda não havia nenhuma prova contra ela. Apenas rumores e insinuações. Nada concreto. Mas hoje era um novo dia, e pelo menos agora tinha por onde começar, graças a Trudi.

Discou o número de Miles Baker. Com o fuso horário, o Texas tinha duas horas a mais, mas sabia que Miles estaria esperando seu telefonema a qualquer hora. Miles fora seu amigo-irmão durante a faculdade; e essa amizade sobreviveu, apesar das enormes diferenças entre eles: eram como água e vinho.

Augustus crescera em Laguna Beach, Califórnia, e passara a maior parte de sua vida em cima de um skate ou de uma prancha de surfe. Miles Baker vinha da riqueza do petróleo do Texas e de uma família mergulhada na política. Desde o nascimento, Miles foi educado para ser o governador do Texas. Seu pai era senador pelo estado e havia rumores sobre uma possível candidatura à presidência.

– Charlie Larkin é uma mulher – disse Augustus sem rodeios. – Deve ter uns vinte e seis anos, é muito bonita e adorada por todos nesta cidade. É mecânica de carros e dona de uma pequena oficina que herdou do pai.

– Uma mulher? – perguntou Miles. – Isso faz sentido, não? Pelo que sabemos, Josh se envolveu com algumas mulheres que conheceu pelo disque-ajuda. Eles podem ter tido um relacionamento. E sabemos que Larkin pode ter sido uma voluntária ou cliente no disque-ajuda. Você ainda acha que ela é a responsável pela morte de Josh? – Ainda é cedo para dizer – respondeu Augustus. – E você, conseguiu alguma informação? – Miles sempre tinha um jeito de conseguir informações, tanto por meio de contatos, como pagando por elas.

– Acharam um medalhão de ouro no bolso de Josh – contou Miles. – Dentro do medalhão tinha uma foto, mas se deteriorou. Atrás estava gravado "Com amor, Quinn". Quem é esse Quinn? – Talvez tenha sido a primeira vítima dela. – Augustus repetiu tudo que Trudi contara. – Vou conversar com a família Simonson hoje.

– Se ela for a assassina, pode ter certeza de que será pega – afirmou de modo confiante Miles.

– Vou pegá-la.

Pensou na mulher que conhecera na noite anterior na oficina, como ela o deixara acreditar que não era Charlie Larkin, como ficara com seu carro quando era evidente que podia tê-lo consertado na hora. Ah, sim, ele a pegaria.

Desligou o telefone. Josh usara este mesmo telefone público antes de morrer. Augustus fechou os olhos, sentiu uma pontada no coração. Sempre fora capaz de se envolver nas investigações, mantendo-se distante dos crimes, sendo apenas o narrador da história, tentando encontrar a verdade.

Quando chegou à oficina, Charlie viu Augustus parado em frente, evidentemente esperando por ela. Pensou em confrontá-lo e exigir que ele lhe explicasse por que estava perguntando sobre ela e o que queria em Utopia.

Mas teve medo da resposta. Será que era possível que ele tenha vindo até aqui porque acreditava que ela matara Josh Whitaker? Ele não podia estar

pensando em escrever um livro sobre ela. Disse a si mesma que estava ficando paranóica. Augustus não sabia de nada que pudesse incriminá-la. Pelo menos até agora.

E ainda havia a chance de ele ir embora depois que ela consertasse o carro.

Estacionou ao lado da oficina e andou até onde ele estava esperando. Ele irradiava uma energia que não era só de impaciência. O coração dela acelerou, seu corpo traiçoeiro respondeu instintivamente, os mamilos se enrijeceram como se a temperatura tivesse caído de repente.

– Bom dia, Gus – disse ela, tentando soar casual enquanto se dirigia à porta da frente do posto de gasolina, onde ele se encontrava.

Augustus parecia estar com raiva tanto por ela chamá-lo Gus como por vê-la. Ele obviamente estivera andando de um lado para o outro. Era possível ver seus passos na neve perto da porta da frente. E do telefone público. Será que fizera uma ligação longa ou várias curtas. Pelo número de passos na neve, ele já teria chegado longe.

– Bom dia – respondeu ele olhando para o relógio, deixando que ela visse um pedacinho de seu pulso com pele bronzeada.

O relógio era caro. Assim como a camisa. O casaco era novo, o que deixava claro que acabara de comprá-lo na loja de Emmet. Ficava esquisito nele, talvez porque ela não pudesse imaginá-lo usando esse casaco em qualquer outro lugar que não fosse Utopia.

Seu peito parecia esmagado por esse pensamento, que não a deixava respirar. Ele planejava ficar mais um tempo.

– Espero não tê-lo feito esperar.

Ela viu o reflexo dele no vidro ao destrancar a porta e ficou satisfeita ao ver que ele percebera o que seu comentário era: irônico. Muitos homens não entendiam a ironia.

– Estamos fora de temporada – explicou ela, para o caso de ele não ter se dado conta disso.

– E se alguém precisar de gasolina? – perguntou ele parecendo irritado ao entrar no escritório logo atrás dela.

Ela foi para trás do balcão e se ocupou de algo, virada de costas para ele.

– As bombas aqui estão sempre abertas. Os clientes deixam o dinheiro naquela lata em cima da segunda bomba. Aqui temos confiança.

– Você só pode estar brincando.

Ela se virou, a expressão chocada no rosto dele fez com que ela sorrisse.

– Bem-vindo a Utopia – ela dissera isso como uma piada.

– Obrigado. – Seus olhos se estreitaram, o olhar dele agora mais pessoal. – Você poderia ter me dito ontem à noite que era Charlie Larkin – disse ele com voz

baixa e suave como um afago.

– Achei que era óbvio – explicou ela apontando para o bordado no macacão limpo.

– Em alguns lugares, Charlie é considerado um nome de homem.

– É mesmo? Aposto que nesses lugares a mecânica ainda é território masculino.

Ele não respondeu.

Ela percebeu que algo mudara desde a noite anterior. O modo como ele olhava para ela. Antes era mais sutil; agora, mais direto. Ele a olhava como se quisesse vê-la por dentro.

Ela sentia a pele queimar por baixo de toda a roupa que vestira pela manhã. Propositamente, escolhera uma velha camisa de flanela do pai, o macacão mais largo que tinha, botas e uma jaqueta velha de lona. E mesmo assim, ela se sentia nua sob seu olhar.

– Sobre o seu carro...

– Isso mesmo, meu carro. – Um músculo se contraiu em sua mandíbula. – Você acha que pode consertá-lo? Ele definitivamente entendia de ironia. Com certeza sabia como seria fácil colocar o motor funcionando de novo. Até ele poderia consertar em minutos. Afinal de contas, ele mesmo adulterara o motor para ter um motivo para parar. Então, ou ele achava que ela não era uma boa mecânica, ou que estava brincando com ele.

Quem é o bobo aqui?, pensou ela enquanto passava por ele em direção ao primeiro galpão, sentindo necessidade de se manter afastada dele.

– Dei uma olhada no seu carro ontem à noite e tenho más notícias.

Podia escutá-lo atrás dela, os passos ecoando firmemente no chão. Ela quase podia sentir a incredulidade dele. Ela riu por dentro, apesar de se perguntar: o que você está fazendo? – Parece que terei de encomendar algumas peças. – Ela parou e se virou para olhar para ele, duvidando que ele mostrasse as mãos.

– Você não pode estar falando sério. – Ele parecia pasmo.

Ela levantou uma sobrancelha e falou: – Você imagina o quanto este carro estava funcionando mal quando o trouxe para cá? O que você achou? Que seriam necessários apenas alguns poucos ajustes para que voltasse a funcionar? – Exatamente o que seria necessário.

Ela esperou, dando-lhe a chance de confessar e inventar uma boa desculpa por ter mexido no carburador, por ter fingido que precisava de um mecânico, por ter procurado Charlie Larkin logo.

Era possível ver uma batalha em seus olhos. Olhos de um profundo azul-escuro, como o fundo do oceano. Ou do lago Freeze Out. Era óbvio que ele queria demascará-la, queria muito.

– Peças, é? – Sua mandíbula estava rígida quando se afastou dela. – E qual é exatamente o problema do carro? – Se quiser, posso fazer um orçamento mais tarde, mas realmente não tenho tempo para isso agora.

Ela observou-o cerrar os punhos, suas costas largas e musculosas viradas para ela fizeram-na perceber seu tamanho. Ele tinha a aparência forte, como se levantasse peso com frequência.

Charlie baixou o olhar para o jeans que ele usava e para as pernas bem torneadas que podiam ser vistas através da calça. Uma onda de calor, como se fosse desejo, percorreu seu corpo. Rapidamente, apagou o fogo quando notou que que usava botas de inverno novas. Por que um homem de Los Angeles que estava apenas de passagem compraria botas de neve? Ele se virou de um modo que mostrava como podia ser rápido. Fisicamente, não teria nenhuma chance contra ele, pensou. Não sem o benefício da surpresa. E uma arma.

Ela sabia que não era isso que devia temer em Augustus, e sim a maneira como se sentia em relação a ele. Vulnerável, como um animal é capaz de sentir a fraqueza da presa. É como se Gus visse por baixo da roupa larga aquela dor profunda dentro dela, como um calcanhar-de-aquiles que ele poderia usar para destruí-la. Ele não poderia ser mais perigoso.

Ele se aproximou dela, um olhar tão intenso que ela quase recuou. O ar parecia estalar com a tensão. Durante o breve intervalo em que ele se aproximou dela, a tensão se transformou em pura química. Helen tinha razão, este homem era lindo. Mas isso não era pouco para descrevê-lo.

– Quanto tempo você acha que vai levar? – perguntou ele com voz suave. O ar tinha mais eletricidade do que o carregador de bateria de carros que estava no canto.

Ela deu de ombros, tentando esconder o efeito que ele exercia sobre ela. Sentia o rosto quente, embora a oficina ainda estivesse fria, os olhos muito brilhantes, como se tivesse tomado muito café. Sua voz soou estranha quando respondeu: – Vou ver se consigo fazer com que me mandem as peças de Missoula até amanhã; vou completar a lista do que preciso e ver se a loja de autopeças de lá tem todas as peças em estoque.

– Não que o carro tenha tanta importância.

– Não – concordou ela. – Você pode ligar para a locadora de carros para lhe trazerem outro, assim poderá seguir seu caminho. Ou posso consertar. De qualquer maneira, precisaremos da autorização deles.

Ele nem piscou.

– Já liguei. Paguei pelas despesas e eles me reembolsarão depois. Mas não tem pressa.

Ela não achava isso.

– Ligarei para você no Murphy's quando o orçamento estiver pronto.

Ele não mordeu a isca. Ela foi para o escritório de novo, desejando agora apenas ter consertado o carburador. Sabia, porém, que não ficaria livre dele de qualquer maneira. Pelo menos assim, ele não teria um carro. A locadora de carros mais próxima ficava a cinquenta quilômetros. Ele teria de ligar, pedir para trazerem o carro e isso levaria tempo. Quantos problemas ele poderia causar a pé? Ele agarrou-a pelo braço, o calor de seus dedos parecia cortar todos os tecidos até atingir a pele nua.

Ela congelou, a respiração presa na garganta. Não ousava olhar para ele. Não ousava se mexer.

– Sinto muito se começamos com a perna esquerda – lamentou ele. A voz parecia estrangida. Ele a soltou como se de repente sentisse o ar carregado. Ou apenas vendo o que era isso realmente. – Poderia lhe oferecer um café, uma cerveja ou outra coisa, já que ficarei por aqui mais um pouco? – Não é preciso – recusou ela e continuou seguindo para o escritório, atrás do balcão. Pegou o telefone e começou a discar. – Quanto mais cedo souber quanto tempo levará para conseguirmos as peças...

Ele ficou parado um momento, mostrando sua silhueta contra a janela e contra a neve que refletia o sol mais adiante. Ela não podia ver a expressão dele, mas nem precisava. Ele estava observando de novo, procurando algo. Ela até podia adivinhar o quê, dada a sua profissão.

Sentiu a pulsação em suas têmporas, seu corpo tremia como se a sala tivesse sido eletrificada. Ele deve ter vindo aqui para vê-la atrás das grades, sendo assim, se baixasse a guarda, se o deixasse se aproximar muito, ele poderia destruir sua vida como nenhum outro homem fora capaz, e ela sabia disso.

Sua mão tremia quando discou o último número e esperou o sinal.

Não sabia nem o número que discara até ouvir a voz de Jenny. Achou que esquecera desse número, há tanto tempo não o discava.

– Alô – disse de modo mais alegre do que realmente se sentia.

Gus acenou, abriu a porta deixando o frio entrar e finalmente fechou-a atrás de si. Ela deixou o corpo cair no balcão, fraca de tanto alívio.

– Charlie? – Jenny Simonson parecia surpresa. Quase desconfiada.

Charlie suspirou, brigando com as lágrimas.

– Não sei por que te liguei. Aliás, sei. Sinto sua falta. O que acha de nos encontrarmos? Uma breve hesitação do outro lado da linha, talvez ainda estivesse surpresa.

– Claro.

– Que bom! – Charlie se sentia aliviada, feliz por ter ligado, culpada por não ter tentado manter a amizade depois que Jenny casara com Forest Simonson. –

Que tal no Pinecone, à uma hora? – Ok. – Jenny não parecia entusiasmada com a ideia. Charlie desligou com as mãos tremendo. Por que ligara para Jenny? Porque um dia foram melhores amigas? Ou porque procurava alguma forma de absolvição? Talvez apenas precisasse de sua amiga de volta.

Augustus não podia acreditar no que acontecera ao começar sua caminhada na autoestrada congelada. Simplesmente não podia acreditar. Não no fato de que quando a tocou parecia estar segurando um fio elétrico. Ou no fato de que ela o desmascarara. Por que a tocara? O choque do calor e da eletricidade passando por todas aquelas camadas de roupa devia ter sido um aviso para ele voltar ao seu juízo. Mas, ao invés disso, ele se sentiu entorpecido e excitado. Não sentia nada parecido com isso desde... Tropeçou. Desde Natalie.

Mandou esse pensamento embora, dizendo a si mesmo que Charlie e Natalie não se pareciam em nada. A não ser, é claro, que Charlie tente matá-lo.

Ele praguejava, furioso com a traição de seu corpo. Não aprendera a lição com Natalie? Parece que não.

Além disso, Charlie o desmascarara. Essa mulher descobriu o que ele fizera. Ela sabia que o motor não precisava de peças. Também sabia que ele o adulterara, e sabia desde a noite anterior. Então, por que ficou com o carro durante a noite? Para poder examiná-lo? Será que já sabia sobre ele desde o início? Mas não tinha nada para ela achar. A não ser o contrato de aluguel. Ele esquecera disso. Felizmente, quando voltara lá para deixar o recorte de jornal, encontrara o acordo exatamente no mesmo lugar. Mas isso não significava que ela não o vira nem que não sabia quem ele era, nem suspeitara do porquê fora até ali.

Não que ele fosse tão famoso que ela reconheceria o nome, a não ser que lesse histórias de crimes verdadeiros. Seria fácil, porém, descobrir quem ele era se quisesse ou precisasse.

Se ela sabia quem ele era e descobrira por que viera até Utopia, então por que mentir sobre a necessidade das peças? Por que mantê-lo na cidade? Principalmente se ela sabia e era culpada por assassinato? Talvez ela se aproveite de todo estranho cujo carro quebre. Exceto se o que soube sobre seus atos de caridade fosse verdade...

Ele parou de andar, sem perceber que estava no meio da estrada congelada, quando um pensamento veio em sua mente. Ela ficou com o carro para mantê-lo a pé! Devia acreditar que isso o desencorajaria. Sorriu com esse pensamento. Ela vai ver que não é tão fácil assim desencorajá-lo.

Voltou a caminhar, quando percebeu que balançava a cabeça admirado pelo que ela fizera. Charlie Larkin não era fácil! Respirou fundo e tentou se acalmar. Essa mulher sempre tinha um jeito de deixá-lo na berlinda quando estava por perto. Acreditava que isso se devia a estar tão próximo a uma assassina. Mas já estivera

perto de várias assassinas e não conseguia se lembrar de alguma que fizesse com que se sentisse tão... nervoso por estar próximo de qualquer uma delas. Exceto Natalie.

Lembrou-se de novo do momento em que tocou Charlie na oficina. Franziu a testa ao lembrar do calor que essa mulher emanava, uma... temperatura sexual que era capaz de mandar um foguete para o espaço. Era assim que atraía os homens para sua armadilha? Um cara legal como Josh Whitaker deve ter sido brincadeira de criança para ela. Isso a tornava ainda mais intrigante, e perigosa. Ele queria pegar essa mulher, mesmo que isso fosse a última coisa que fizesse.

Ouviu o som de um veículo se aproximando por trás dele e foi para o acostamento quando o carro diminuiu e parou. Virou-se, já sabendo quem era.

– Quer uma carona, Gus? – ofereceu Emmet Graham enquanto abaixava o vidro do carona. Que coincidência Emmet passar exatamente na hora certa de novo.

Augustus olhou para a Oficina e Posto de Gasolina Larkin & Filhos, achou ter visto a forma de Charlie através do vidro do escritório, sentiu que ela olhava para ele.

Parecia que ela queria que ele ficasse a pé e sob os atentos olhos de Emmet Graham. Ele só não entendia por que queria mantê-lo na cidade. Era como se o desafiasse a pegá-la.

– De fato, uma carona seria ótimo – disse ele, entrando no carro, sem ter certeza de quem era a caça e quem era o caçador.

Capítulo 7

Augustus encontrou Rickie Moss trabalhando na serraria ao norte da cidade. Emmet ficara mais do que feliz em levá-lo até lá, exatamente como Gus imaginara. E ele também gostava da ideia de que Charlie saberia o que ele estivera fazendo. Saberia que estava atrás dela. Deixaria que ficasse com medo. Pelo menos por enquanto.

Grandes toras de madeira estavam empilhadas perto de uma pequena cabana e de um alpendre. Augustus seguiu o barulho da serra passando por baixo do alpendre. A neve derretia, criando goteiras que caíam do telhado, que por sua vez formavam poças em volta da construção. O ar tinha cheiro de madeira recém-cortada.

Dois homens conduziam longas pranchas através da lâmina que cortava a madeira em pedaços de cinco por dez centímetros. Outros dois empilhavam-nos em uma plataforma.

– Rickie Moss? – gritou Augustus sobre o barulho da lâmina.

Um dos homens que estava na serra pulou do telhado do alpendre para o chão e foi na direção de Augustus.

Rickie Moss deve ter sido um homem bonito, o tipo de homem pelo qual Charlie Larkin se sentiria atraída. Mas agora uma cicatriz horrível cortava uma de suas bochechas, indo do canto do olho esquerdo até o queixo, destruindo seu rosto.

– Sou Rickie – disse o homem asperamente. – O que quer? – Quero conversar com você sobre Charlie Larkin – disse Augustos.

Rick Moss se afastou um pouco como se tivesse levado um tapa. Os olhos se estreitaram: – O que quer saber sobre Charlie? – Será que poderíamos nos afastar da serra? – pediu Augustos quando a lâmina atingiu outra prancha. – Vai valer a pena. – Mostrou uma nota de cinquenta para o funcionário da serraria.

Rickie olhou para a equipe por um momento, assentiu e seguiu para a cabana. Abriu a porta e entrou. Augustos seguiu.

Ali dentro só tinha espaço para um homem se virar, não mais que isso. Papéis estavam espalhados em cima de uma mesa feita de um pedaço de compensado. Um banco, com o estofamento rasgado, saindo espuma, ficava perto da mesa alta, na qual também tinha uma cafeteira e um pequeno microondas. O lugar cheirava a café velho e repolho. Mas tudo bem.

– Sim? – disse Rickie impacientemente.

– Fiquei sabendo que você foi namorado de Charlie – explicou, indo direto ao assunto.

Rickie apenas o encarou, esperando.

– Ela tem alguma coisa a ver com esta cicatriz? A pergunta foi respondida sem que ele falasse.

– Que diabos você quer? – perguntou Rickie.

– Informação. Estou investigando o afogamento no lago Freeze Out.

Rickie não parecia surpreso ao ouvir isso. Augustus tinha certeza de que Trudi contaria isso a qualquer um que a escutasse.

Augustus colocou a nota de cinquenta em cima dos papéis na mesa.

– Por que coisas ruins acontecem aos homens que estão interessados em Charlie Larkin? Rickie olhou dele para a nota e de novo para ele: – Não sei.

– O que aconteceu com você? – perguntou ao colocar outra nota de cinquenta em cima da primeira.

Rickie balançou a cabeça: – Trudi não te contou? – Não. Ela só me disse para conversar com você. – Augustus achava que Trudi já quebrara o gelo para ele; do contrário, acreditava que Rickie não lhe daria atenção no meio do dia.

– Só saí com Charlie uma vez. Já faz anos. Não foi bem um namoro. Comemos um hambúrguer no Pinecone, e fomos dar uma volta. – Os olhares se encontraram. – No lago Freeze Out.

Augustus tentou não demonstrar surpresa.

– Tomamos umas cervejas e namoramos um pouco. Depois saí do carro para fazer xixi e algo me atacou.

– Algo ou alguém. Rickie balançou a cabeça: – Fui atingido pelas costas e acordei assim. – Disse isso enquanto passava um dedo pela cicatriz.

– Onde estava Charlie quando isso aconteceu? Rickie pegou um lápis e ficou brincando com ele entre os dedos.

– No carro. Ela disse que ficou preocupada e foi me procurar. Foi ela que me achou e me levou para o médico.

– Você acreditou nela? Ele largou o lápis e pegou as notas, gastando tempo ao dobrá-las e guardá-las no bolso da camisa de flanela.

– O que você acha? – Acho que você tem medo dela. Rickie sorriu.

– Uma coisinha delicada como ela? Agora que tipo de homem isso me tornaria? – Provavelmente um homem esperto? – Preciso voltar ao trabalho – disse Rickie sem se mexer.

– Você está tentando me dizer que todo homem que sai com ela termina em um acidente? – indagou Augustus. – Como se ela fosse amaldiçoada? – Augustus percebeu que ele não estava só brincando.

Rickie deu de ombros e pareceu um pouco desconcertado.

– Só sei o que aconteceu com T.J. quando ele tentou sair com ela. Depois comigo. Talvez ela tenha namorado na faculdade e não tenha tido problemas.

– T.J. Blue? – perguntou Augustus. Rickie assentiu.

– Achei que ele fosse o melhor amigo de Quinn? – Quinn já estava morto e Charlie... bem, Charlie é uma mulher bonita – explicou Rickie.

Ela era muito mais que isso, Augustus pensou. – O que aconteceu com T.J.? – Um encontro e o trailer dele foi queimado. Ele mal conseguiu continuar a vida. – Rickie balançou a cabeça.

– Só sei que ninguém aqui é bobo de se aproximar dela.

Ele levantou uma sobrancelha. Augustus sacudiu a cabeça.

– Não olhe para mim. Rickie riu.

– Garoto esperto.

Durante a temporada de caça, T.J. trabalhava em um pequeno frigorífico especializado em carnes exóticas que ficava ao norte da cidade, de acordo com Emmet, que se ofereceu para levar Gus até lá.

Augustus percebeu que estava começando a se ver como "Gus" agora, e a culpa era de Charlie.

T.J. estava em pé no chão gelado de concreto ao lado de uma mesa de metal coberta por uma carcaça, jogando pedaços de carne de alce em um moedor de carne de tamanho comercial quando Gus entrou. O ar gélido cheirava a sebo e a suor, o barulho do moedor ecoava pela sala que parecia uma geladeira.

Louro de olhos azuis, T.J. Blue usava um avental de açougueiro branco respingado de sangue e de pedaços secos de carne vermelha por cima das roupas de inverno, suas mãos estavam cobertas por luvas que provavelmente um dia já foram brancas.

Perto dele, uma jovem com cabelos escuros usava uma faca para cortar pedaços de carne de uma carcaça. Ela olhou para Gus por tempo suficiente para ele perceber que ela sabia quem ele era. T.J. lançou-lhe apenas um olhar rápido e continuou a jogar carne e pedaços de sebo no moedor.

– Tem um minuto? – gritou Gus mais alto que o barulho do moedor.

T.J. olhou para Gus com cara de poucos amigos. Para surpresa de Gus, a moça desligou o moedor.

– Por que não faz uma pausa? – disse ela para T.J. Ele olhou para ela com uma expressão que dizia que não tinha gostado.

– Se eu precisar de uma pausa, aviso, Earlene – resmungou ele, mas arrancou as luvas e jogou-as no chão, depois se encaminhou para a porta nos fundos.

– A sala de descanso é lá atrás – mostrou Earlene, que pegou a faca e continuou cortando.

Gus a observou cortando carne da carcaça com habilidade antes de seguir T.J. para a sala de descanso na parte de trás da fábrica. A sala era mais quente que o açougue, mas não muito.

T.J. se serviu de café, e virou para olhar Gus com clara irritação.

– Eu sei quem você é e não tenho nada para falar. Para convencer uma pessoa a dizer algo, é necessário fazê-la acreditar que você tem o direito de saber o que ela sabe.

– Então, você acha que Charlie não matou Quinn – insinuou Gus.

T.J. ficou surpreso.

– Simplesmente, não acho nada sobre Charlie Larkin. Gus não acreditava nisso nem por um minuto.

– Parece que você não gosta dela. – O que faz você pensar assim? – O modo como você saiu do café ontem à noite. Conte-me sobre Charlie Larkin, me diga por que você e todo homem sensato desta cidade têm medo dela.

A mandíbula de T.J. se contraiu.

– Não tenho nada a dizer. – Jogou o café na pia, atirou a xícara dentro dela e deixou Gus sozinho na sala de descanso pensando pela primeira vez nas razões de Charlie.

Tudo isso parecia ter começado com Quinn Simonson. Será que ela se sentia culpada pela morte de Quinn e feria os homens que se aproximavam como uma forma de punição? Ou era vingança? Trudi disse que na noite que Quinn morreu Charlie descobrira que Earlene esperava um filho dele. Isso motivaria praticamente qualquer mulher. Gus imaginava se Charlie teria ficado com raiva suficiente para matar. E se ficou, começara a ferir os homens, matando os menos sortudos? – Conseguiu o que queria, Gus? – perguntou Emmet enquanto dirigia de volta para a cidade.

Augustus observava o movimento do denso e escuro pinheiral.

– Há quanto tempo mora aqui? – Desde que nasci – respondeu orgulhosamente. – Nascido e criado. Não existe cidade pequena melhor para se estabelecer. Meu comércio está no mesmo lugar há quase um século. Meu pai abriu a loja quando esta parte do país não era nada, só um deserto.

Pelo que Gus podia perceber, ainda era um deserto.

– Teve uma época que a cidade estava crescendo – continuou Emmet. – Mas as minas fecharam, a indústria madeireira faliu, as pessoas se mudaram. Os tempos mudaram.

Gus não podia imaginar uma época de vida ali.

– Fica mais cheio no verão. Pescadores e turistas vêm para os parques Glacier e Yellowstone à procura de um lugar e uma temporada mais calmos. Isso é Utopia.

Emmet parou em frente ao Murphy's.

– Quer que eu te leve a mais algum lugar, Gus? – Não, obrigado – agradeceu enquanto saía do carro. – Você não tem uma loja para administrar?

Emmet riu.

– Esta época do ano o movimento é fraco, então minha esposa prefere que eu não esteja por perto. A verdade é que ela é a patroa. Quando precisar de ajuda, é só me chamar, Gus – disse olhando para o relógio. – O prato de hoje no café é caldo de atum. Você deve querer um rango.

– Obrigado.

Ele riu ao ver Emmet se distanciar. Um rango. Mas seu sorriso se apagou quando viu Emmet parar em uma bomba de gasolina no posto. Charlie apareceu. Emmet não precisava de gasolina, Gus vira o marcador, o tanque estava cheio.

Depois de uma rápida discussão, viu Charlie olhar para a estrada em sua direção. Ele acenou e foi para o café. Não encararia o caldo de atum, mas ficaria feliz com um cheeseburger e batata frita. Pelo menos, acreditava que Trudi estaria trabalhando. Apostaria que ela poderia lhe dizer onde encontrar Phil Simonson a esta hora do dia.

O Pinecone Café estava quase vazio quando Charlie entrou um pouco depois da uma. Jenny Simonson estava sentada sozinha na última mesa. Parecia nervosa quando olhou para a rua, e Charlie imaginava se ela contara a Foicst que almoçariam juntas.

– Oi – disse Charlie, mais feliz em vê-la do que Jenny poderia supor. Sentou-se à mesa junto com sua ex-melhor amiga, desejando desesperadamente sentir aquela ligação que tinham, precisando disso como nunca.

– Oi. – Só os lábios de Jenny sorriam, os olhos não.

– Você está ótima! – O que não era verdade. Jenny mudara com o passar dos anos. Estava mais magra, o rosto abatido, fazendo os olhos escuros parecerem muito grandes. Seu cabelo escuro, que já fora comprido e lindo, estava na altura do queixo. Caía liso e sem brilho, assim como seus olhos. Parecia mais velha, o que pode ser devido ao casamento com Forest ou a maternidade.

– Você também – mentiu Jenny. Charlie estava com problemas para dormir desde que o corpo de Josh fora achado. Na verdade, há mais tempo que isso.

– Então, como vai Skye? – perguntou Charlie. – Com quantos anos ela está agora? Jenny corou e Charlie teve vontade de se matar por perguntar a idade de Skye, embora todos na cidade soubessem que Jenny e Forest tiveram de se casar logo depois do colégio. Logo depois da morte de Quinn.

– Está com quase sete.

No silêncio que se instalou entre elas, Trudi trouxe os cardápios. Helen estava ocupada lavando os pratos do almoço, mas acenara quando Charlie entrou.

– Sinto sua falta – falou Charlie, com esperança de encontrar nesta quase estranha que estava sentada à sua frente pelo menos um pouquinho do que ela e Jenny um dia tiveram.

Jenny assentiu, parecia desconfortável e olhou para a rua.

– Também sinto sua falta.

– Forest não sabe que você está aqui, não é? – indagou Charlie, sentindo-se mal ao perceber isso.

O olhar de Jenny se voltou para ela com surpresa, a primeira reação natural que tivera.

– Tudo bem, eu entendo.

Jenny fizera uma escolha ao se casar com Forest, ao entrar para uma família que tinha como religião odiar Charlie Larkin por causa da morte de Quinn. Felizmente, poucas pessoas deram ouvidos aos delírios dos Simonsons, do contrário Charlie estaria atrás das grades agora.

Jenny balançou a cabeça, com lágrimas nos olhos: – Ele é meu marido.

Charlie assentiu e se debruçou sobre a mesa para pegar a mão dela, se dando conta da coragem que tivera para vir aqui.

– Eu entendo. Isso deve ser muito difícil para você. Não deveria ter pedido para que fizesse isso.

– O quê? Almoçar? – disse Jenny, soltando a mão de Charlie para procurar um lenço na bolsa. Ela parecia perturbada e furiosa. – Eu deveria poder almoçar com quem quisesse. É que Forest... – Ela olhou para cima, lágrimas inundavam seus olhos.

Charlie concordou: – O almoço foi uma péssima ideia. Desculpe. Parecia que Jenny estava lutando contra as lágrimas e perdendo a batalha. Levantou-se.

– Eu que devo pedir desculpas – disse Jenny, saindo do café logo em seguida.

Charlie ficou olhando para o cardápio, tremendo por dentro, desejando ir atrás de Jenny, desejando confrontar Forest e todos os Simonson, desejando ficar ali e chorar.

– Ela vai voltar? – perguntou Trudi, parada em frente a Charlie, morrendo de curiosidade.

– Ela se lembrou de que deixou o forno ligado – respondeu Charlie calmamente.

– Isso é muito ruim – disse Trudi rindo.

Charlie controlou suas emoções e olhou para Trudi, imaginando o que acontecera no chalé de Augustus T. Riley no Murphy's na noite anterior. Era melhor pensar nisso do que em Jenny e tudo que se perdera entre elas.

– Então, o que vai querer? – perguntou Trudi.

– Traga para nós duas um prato de sopa – disse Helen, sentando em frente à amiga. Charlie começou a explicar que a última coisa que queria agora era

comida, mas Helen a cortou. – Você tem de comer, e sabe que o meu caldo de frutos do mar é maravilhoso.

Não eram as palavras de que Charlie precisava. Mas ficava feliz pelo sentimento. Ela sorriu para Helen, grata por tê-la como amiga.

– Não deixe aqueles Simonson abalarem você – aconselhou Helen. – Eles são um bando de pulhas. Se Jenny não tivesse ficado grávida, nunca teria casado com Forest Simonson, e todo mundo na cidade sabe disso.

Trudi colocou os pratos com caldo de frutos do mar na mesa, e várias bolachas em vasilhas de plástico.

– Querem mais alguma coisa? Helen a dispensou.

– Eu juro que às vezes me pergunto por que não mando essa menina embora.

Elas duas sabiam por quê. Estava ficando cada vez mais difícil encontrar alguém para ficar e trabalhar em Utopia, já que os moradores mais velhos estavam mudando para o Arizona e os mais jovens, para algum lugar onde tivesse uma locadora de vídeo.

– Você está bem? – perguntou Helen depois de insistir que Charlie tomasse um pouco da sopa.

Charlie assentiu, embora não estivesse nem um pouco bem. A sopa podia ser água, que ela não notaria a diferença.

– Ele veio almoçar – informou Helen como se quisesse dar todas as más notícias. – Trudi deu todas as indicações para ele encontrar Phil Simonson.

Charlie assentiu de novo, imaginando se algo a surpreenderia a esta altura. Lá fora, a neve derreteria no chão escuro. As calhas estavam cheias de água para escoar. Apenas poucas manchas de neve permaneciam nas sombras dos prédios e nas árvores enquanto o dia se tornava um pouco menos frio, com a temperatura voltando ao normal.

– O que ele quer? – perguntou Helen calmamente. Charlie balançou a cabeça, temia saber exatamente o que ele queria.

– Posso te dar o nome de um investigador particular em Missoula que contratei uma vez. Foi ele quem investigou Frank. – Frank era um dos ex-maridos de Helen. Charlie só não lembrava qual.

Mas a última coisa que queria era envolver um investigador particular nisso.

– Deixe-me tentar descobrir alguma coisa sozinha primeiro.

Helen escreveu o nome do investigador em um guarda-napo.

– Não espere muito.

Charlie pegou o guardanapo, o olhar fixo em Helen por um bom tempo. Quanto Helen suspeitava? – Obrigada.

Capítulo 8

Phil Simonson morava em um chalé que ficava a uma pequena distância dos pinheiros. Trudi dissera que ele trabalhava como lenhador até se machucar há quatro anos. Agora ele vivia da aposentadoria por invalidez e do que conseguia fazer como um artista da serra de cadeia.

Gus seguiu o barulho da serra até os fundos da casa.

Em pé em cima de uma pilha de pedaços de madeira e serragem estava um homem baixo, atarracado, trabalhando em uma serra de cadeia. Perto dele, uma grande tora estava sendo esculpida na forma de um urso.

– Olá – disse Gus, mas o barulho da serra estava muito alto para que Phil pudesse ouvir. Ele se aproximou e esperou.

Finalmente Phil olhou para ele, não parecendo surpreso ao vê-lo. Desligou a serra e a deixou na serragem. Levou um instante até que o silêncio se estabelecesse enquanto Phil limpava as mãos na calça de lã suja. – Estava mesmo me preparando para um intervalo – disse o ex-lenhador, indo em direção à casa. Mancava bastante como se a perna direita fosse um pouco menor que a esquerda. – Tem café. Quer uma xícara? – Claro. – Gus o seguiu até a cozinha, onde Phil fez um gesto para que se sentasse em um balcão onde ele devia tomar o café da manhã. A casa estava bagunçada como a de um homem que mora sozinho. Trudi não mencionara o estado civil de Phil, mas Gus poderia apostar que era divorciado. Havia vários objetos bonitos que indicavam um toque feminino. E a camada de poeira sobre eles indicava que ela não estava mais ali há um bom tempo.

Phil lhe entregou uma caneca de café preto fumegante.

– Tem leite, mas não tem creme. – Empurrou o açucareiro na direção de Gus.

– Preto está ótimo – disse Gus. Ele não planejava beber muito mesmo. Parecia lama líquida.

– Então, o que você quer saber? – perguntou Phil, indo para o balcão. – Fiquei sabendo que está investigando o último assassinato.

A boa e velha Trudi. Mas Gus sabia que os mais fáceis queriam falar, livrar o seu lado, apontar o dedo. Não se importavam para quem falavam. Ou o que aquela pessoa queria com a informação. Fazê-los falar não era o problema, e sim fazê-los falar a verdade.

– Fale-me sobre Charlie Larkin. Phil tomou um gole do café.

– Ela matou o meu menino.

Sem preâmbulos, Phil contou como seu filho se apaixonara por Charlie quando era bem jovem.

– Nunca houve outra menina para Quinn. Ele só falava de como ela era inteligente, de como era bonita, e que um dia eles se casariam. Mas Charlie pensava diferente.

Charlie e Quinn haviam se formado no colégio poucos dias antes do acidente. As escolas ficavam em Libby, a uns cinquenta quilômetros dali. Os estudantes de Utopia tinham de pegar um ônibus para lá todo dia. Gus não podia imaginar ir a uma escola tão longe e em estradas tão traiçoeiras.

– Charlie não queria se casar – continuava Phil. – Parecia que queria ir para a faculdade, e como Quinn planejava ficar aqui para trabalhar comigo, era carta fora do baralho. – Phil soava tão amargo quanto seu café.

– Dizem que Quinn engravidou outra menina – disse Gus, tentando fazer com que o homem contasse alguma verdade.

Phil fez uma careta.

– Earlene. Não estou dizendo que meu menino era perfeito. Ele cometeu um erro com Earlene, mas isso não queria dizer que teria de perder Charlie. Quinn estava tentando de tudo para não perdê-la na noite em que morreu. Isso é que torna tudo tão injusto.

– Como terminou no lago, então? – indagou Gus, não querendo falar de justiça.

Phil deu de ombros.

– Alguns amigos de Quinn estavam em uma festa perto de lá. Eu sabia que ele queria ir. Ouvi ele e Charlie discutindo no telefone. Charlie não queria ir, mas acho que ele a convenceu.

Ou talvez Quinn tenha dirigido para lá de qualquer forma, Gus pensou, já que Charlie estava no carro.

– Eles tiveram uma briga feia na festa – contava Phil ao ir até uma prateleira na sala de jantar e pegar um porta-retratos prateado. – Todos viram. Quinn tomou algumas cervejas com os amigos e foi embora, dirigindo depressa. O xerife achou que essa tinha sido a causa do acidente.

Até que alguém lembrou que Charlie trabalhara no carro no dia anterior e mexera nele um pouco antes do acidente. Phil assentiu como se esses fatos falassem por si e mostrou a Gus o porta-retratos. A foto era de um jovem, louro, olhos azuis, bonito como um Adonis. Quinn Simonson não parecia em nada com o pai, e Gus imaginou se devia parecer com a mãe.

– Mas ninguém viu Charlie fazer nada no carro naquela noite? – perguntou.

– Ela é uma excelente mecânica. Quanto tempo levaria para cortar a lona do freio ou fazer algo com a direção? Ele não sabia. Deixou o porta-retratos no

balcão. Diferente de tudo o mais que estava na prateleira, o porta-retratos estava sem pó, como se tivesse sido pego tantas vezes que ficara limpo.

– Na sua opinião, qual foi a intenção dela? – questionou Gus. – Por que matar Quinn? O que ganharia com isso? Phil olhava para o fundo da xícara.

– Quem sabe o que ela estava pensando? Ela é mulher.

Ela não poderia saber que o acidente o mataria, e nem se ele realmente sofreria um acidente, Gus pensou. Parecia uma maneira ineficaz de tentar matar alguém. Mas talvez Phil estivesse certo. Talvez, já que presumivelmente Quinn fora sua primeira vítima, talvez ela estivesse de cabeça quente.

Exceto por um detalhe. Charlie não atacou de cabeça quente.

Ela o matou – afirmou Phil, levando a xícara para a pia.

Gus ouviu uma caminhonete que precisava de um amortecedor novo se aproximar da cabana.

Parecia que Phil não escutara. Pouco tempo depois, um homem jovem parecido com Phil entrou. Tinha a mesma estrutura atarracada, os mesmos olhos escuros intensos, o mesmo cabelo e a mesma barba despenteados. Não era feio, só não fazia nada para melhorar a aparência.

– Este é o tal Gus que está fazendo perguntas sobre Charlie? – perguntou sem tirar os olhos de Gus.

– Meu filho, Forest – apresentou Phil como se os modos de Forest não tivessem nada a ver com ele.

Gus apertou a mão dele.

– Augustus T. Riley.

– Esse é um nome bem pretensioso – disse Forest sorrindo. – O que você fez para merecer um nome desse? – É apenas o nome que meus pais me deram – disse Gus recuando. – Escrevo sobre crimes – contou, decidindo que estava na hora de colocar as cartas na mesa.

Phil soltou um palavrão.

– Um escritor? Achei que fosse um detetive particular. – O homem mais velho resmungou. – O que um escritor pode fazer sobre o assassinato do meu filho? Gus notou a jovem mulher e a criança que entraram atrás de Forest. A mulher de cabelos escuros estava parada à porta com as mãos nos ombros da menininha, o olhar desconfiado.

– Olá – disse, olhando de Forest para ela.

A mulher apenas cumprimentou com a cabeça, não disse nada. Seu cabelo liso estava na altura do queixo, contornando um rosto pálido com grandes olhos escuros. Parecia ter a idade de Charlie.

Phil olhou para a porta, como se as mandasse embora.

– Minha nora, Jenny, e Skye – acrescentando quase como um pensamento atrasado -, minha neta. – A maneira como disse "neta" demonstrou claramente que preferia um neto.

Forest se serviu de café, depois abriu a geladeira para pegar o que tivesse dentro. Voltou com um pedaço de pizza gelado.

– Então, você vai escrever sobre Charlie e sobre o que ela fez, Gus? – perguntou dando uma mordida na pizza.

– Talvez. Se ela fez alguma coisa. Forest fez uma cara feia.

– Ela matou meu irmão. – Virou-se para o pai. – Não contou para ele? – É claro que contei – respondeu Phil.

– Mas vocês não têm prova disso – apontou Gus. Jenny continuava na porta. Skye também. E Phil não ofereceu a nenhuma delas nada para comer, beber ou mesmo uma cadeira.

Gus podia ver por que o xerife não levava as acusações dos Simonson a sério. Eles tinham muito rancor pela morte de Quinn, estavam com sede de vingança, e certos ou irados, encontraram alguém para culpar: Charlie.

– Charlie não iria... – as palavras de Jenny foram cortadas pelas de seu marido.

– Não quero ouvir uma palavra de você – berrou Forest apontando um dedo para sua esposa. – Não admito que você defenda essa mulher na minha casa.

Era a casa do pai dele, mas isso não parecia fazer a menor diferença.

– Algum de vocês conhecia Josh Whitaker? – questionou Gus para quebrar o silêncio.

Phil e Forest trocaram um olhar confuso.

– O homem cujo corpo foi tirado recentemente do lago Freeze Out – lembrou Gus. – Ele era médico no pronto-socorro do hospital de Missoula.

– Ah, sim. Ouvi falar sobre isso – disse Forest. – Por que deveríamos conhecê-lo? – parecia desconfiado.

– Só imaginei, já que a polícia encontrou um medalhão de ouro em Josh que, de acordo com minhas fontes, deve ter pertencido a Charlie Larkin.

Gus viu os olhos de Phil arregalarem. O velho soltou um palavrão.

– É o medalhão que Quinn deu para Charlie – falou Phil. – Atrás estava gravado "Com amor, Quinn". O que o homem estava fazendo com ele? Gus balançou a cabeça.

– Achei que vocês saberiam.

– Onde você acha que ele conseguiu o medalhão? – perguntou Forest. – De Charlie Larkin, claro.

– Por que Charlie daria a ele o medalhão que recebera de Quinn? – indagou Gus.

– Como vou saber? Por que não pergunta à vagabunda mentirosa? Talvez ela tenha matado esse tal de Josh também. Não duvido nada. – Olhou na direção de Jenny.

Ela olhava fixamente para o chão, o marido a observando como se esperasse que fosse dizer algo. Gus podia sentir a tensão entre eles pesar no ar. Ele imaginava se Charlie era o único motivo para isso.

Jenny passou as mãos pelos cabelos louros da filha, quando finalmente olhou para o marido, havia ódio e frieza em seu olhar.

Gus empurrou a xícara de café quase cheia e se levantou.

– Obrigado pelo café – agradeceu a Phil. Acenou para Forest e foi em direção à porta.

– Espere um minuto – disse Forest. – O que você vai fazer sobre a morte do meu irmão? Gus parou e encarou o homem. Não gostava dele, não podia imaginar por que Jenny casara com ele, mas desconfiava que tinha alguma coisa a ver com a menina.

– Não é minha obrigação fazer alguma coisa sobre a morte de seu irmão. Nem tenho certeza de que ele foi assassinado.

Phil levantou-se de repente.

– Bem, e o outro cara, Josh...

– Whitaker – completou Gus.

– Ele foi assassinado – observou Phil.

– Foi – concordou Gus. – Mas não há provas de que Charlie Larkin tenha feito isso.

Forest bateu a caneca no balcão, espirrando café por lodo o lado.

– Você parece até o xerife daqui. Todo mundo sabe que Charlie é uma assassina, mas ninguém tem coragem de fazer alguma coisa. – Forest lançou um olhar penetrante para Gus.

– Obrigado mais uma vez pelo café – disse para Phil. Foi um prazer conhecê-las – disse para Jenny e Skye quando saía. Para sua surpresa, Jenny o seguiu e fechou a porta atrás de si.

– Charlie não matou Quinn – afirmou em uma explosão de emoção. – Foi apenas um acidente, um acidente horrível.

Ele a observou, pensando que um dia ela deve ter sido muito bonita.

– Como sabe disso? – Eu conheço Charlie.

Gus olhou em direção à casa. Podia ver Phil e Forest Simonson olhando pela janela. Tinha um pressentimento ruim de que Jenny não deveria ter vindo atrás dele, que isso a deixaria mais encrencada do que já estava.

– E Josh Whitaker? – Charlie não machucaria ninguém. Veja como Charlie ajudou Earlene e o bebê quando os Simonson nem ao menos a cumprimentavam. –

Jenny balançou a cabeça, lágrimas escorriam de seus olhos. Deu um passo para trás, virou e voltou correndo para a casa, sem dúvida alguma percebendo que não deveria ter ido até ali.

Gus sentiu frio do lado de fora ao voltar para a rua principal. Tudo que queria era se afastar dos Simonson e da má impressão que lhe causaram.

Capítulo 9

Quando Gus voltou ao hotel, tinha um envelope da FedEx enviado por Miles. Podia perceber que Maybelle Murphy estava morrendo de curiosidade para saber o conteúdo da correspondência, e que esperava que ele abrisse na frente dela. Sem chance.

– Ah – disse ela claramente decepcionada quando ele se virou para ir embora. – Charlie ligou e deixou um recado sobre seu carro.

– O que ela disse sobre o carro? – perguntou ele, virando-se para Maybelle, que estava toda arrumada e perfumada de novo.

Maybelle deu de ombros.

– Ela não disse nada. Apenas que você deve ir lá para saber sobre o carro.

Parecia que hoje não era o dia de Maybelle desde que não conseguira descobrir nada interessante. Mas a vida é cheia de decepções.

Ele saiu do escritório, imaginando o que Charlie planejava falar-lhe sobre o carro agora. Talvez ele precise de um transmissor novo? Ou de uma revisão completa? Foi para seu chalé e abriu o envelope que Miles enviara. Como prometido, Miles usara sua influência para conseguir tantas informações quanto possível sobre qualquer contato que Josh possa ter tido com algum morador de Utopia, além de Charlie Larkin. Como Josh era médico do pronto-socorro, é possível que tenha tratado alguém de Utopia. Mesmo sabendo que o hospital de Libby era mais perto, Gus pedira para que Miles tentasse descobrir isso de alguma maneira. Miles tinha seu jeito de conseguir, já que era rico e candidato a governador do Texas.

Gus ficou surpreso ao saber que Josh estava de plantão em duas ocasiões diferentes quando moradores de Utopia foram ao hospital. A primeira foi quando Phil Simonson sofreu o acidente de trabalho e foi levado para Missoula. O que significa que Josh provavelmente conheceu toda a família, inclusive Forest. A segunda foi quando Earlene Kurtz levou o filho, Arnie, por causa de uma crise de asma ocorrida enquanto faziam compras em Missoula.

Gus digitou toda a informação obtida pela manhã em seu laptop, então decidiu ir ver o que Charlie queria. Pensou em ligar para ela do Pinecone, mas decidiu que preferia olhar nos olhos dela quando mentisse para ele, e uma caminhada faria bem. Percebia que desde que chegara à cidade não evoluíra muito em suas investigações sobre o assassinato de Josh.

Com o sol se pondo, o ar estava mais frio, a neve em um tom cinza-claro caía suavemente. Gus colocou o casaco e começou a caminhar pela autoestrada em direção à Oficina e Posto de Gasolina Larkin & Filhos, pensando sobre o que os

Simonson lhe contaram. A pior parte era que ele queria acreditar no que eles diziam sobre a culpa de Charlie, mas não conseguia. Até agora, tudo que escutara eram acusações e insinuações sem nenhuma base concreta.

Quando chegou, ficou surpreso em como a caminhada fora rápida e aliviado ao ver a van de Charlie estacionada ao lado. Empurrou e abriu a porta do posto de gasolina.

Ela não estava no escritório, mas também não esperava que estivesse. O ar estava frio e cheirava a graxa e óleo quando ele parou no portão da oficina. Podia ver seu carro alugado no segundo galpão.

Charlie estava inclinada sobre o para-lama de uma caminhonete preta, modelo antigo, no primeiro galpão. Uma música country lenta tocava no rádio, o volume muito mais baixo do que na noite anterior.

Ficou parado lá, estudando-a sem que ela notasse, divagando sobre ela. Pensando consigo mesmo se apenas imaginara a energia que sentira mais cedo ao tocá-la. Eslava claro para ele que teria de se aproximar muito mais dela para conseguir descobrir a verdade, sabia que isso era perigoso, e temia.

Conformado, foi na direção dela e surpreendeu-se ao sentir um leve aroma de flores ao se aproximar. Será que era possível Charlie estar usando perfume? O pensamento não só o surpreendeu, como o intrigou, dado o jeito como ela estava vestida. Seguiu a tentadora fragrância enquanto silenciosamente chegava cada vez mais perto até estar a poucos centímetros dela.

Essa era a maneira como ela tecia sua teia mortal? Com algo tão inócuo quanto exalar uma doce fragrância por baixo de camadas de roupas largas? O que ela escondia com todas aquelas roupas? Ele até conseguia imaginar um homem sendo seduzido por tal mistério. Era o suficiente para fazer com que qualquer homem quisesse tirar todas aquelas camadas, uma por uma, lenta e cuidadosamente, até que não houvesse mais nenhum segredo que Charlie Larkin pudesse esconder.

Ele se inclinou sobre ela, sentindo seu cheiro. Era muito fraco para ser perfume. Devia ser sabonete. Parecia que acabara de tomar banho, como se ainda estivesse molhada e suculenta, sua pele queimando por baixo de todas as roupas que usava.

A fragrância traiçoeira ao redor dela, tão diferente dos odores da oficina, mostrou a ele que Charlie Larkin definitivamente era feminina por baixo daquele macacão; embora fosse claro o quanto tentava esconder isso.

Ou talvez fosse seu fascínio: a maneira como escondia a feminilidade, a sexualidade... a duplicidade.

Sentiu o cheiro dela, precisava capturar sua fragrância tanto quanto enganá-la.

Ela pulou de susto e recuou, tinha uma chave de fenda na mão, os olhos arregalados de medo, o rosto tenso.

Ele não fizera barulho, então sabia que ela apenas sentira sua presença.

– Desculpe, não queria assustar você.

Ela parecia querer discutir, e ele notou os sinais de cansaço nos olhos dela. Estranho como isso lhe caía bem, a fazia parecer frágil e poderia despertar em um homem um instinto de proteção.

– Você poderia ter dito alguma coisa antes – protestou ela.

– Achei que você não me ouviria por causa do rádio. O olhar dela mostrava que não acreditava nisso. Parecia estar esperando que ele dissesse mais alguma coisa.

Tinha a aparência tão inocente e doce parada ali vestindo aquele macacão horrível, com cachos fugindo do rabo de cavalo e do boné para emoldurar o rosto angelical. Ele ainda podia sentir seu cheiro e não gostava do efeito que isso lhe causava. O efeito que ela exercia sobre ele.

– Recebi o recado. Alguma novidade sobre o carro? disse ele finalmente.

Exceto pelo cansaço e pelo fato de ele tê-la assustado, ela mostrava poucos sinais de estar sobre o tipo de pressão que os assassinos costumam sentir. Ou talvez ela apenas escondesse muito bem.

– Olhei seu carro outra vez – falou ela, evitando olhar para ele ao apertar um botão na pilastra perto dela. O portão do segundo galpão começou a abrir. – Estava errada sobre seu carro precisar de peças.

Ela se inclinou mais uma vez sobre o para-lama da caminhonete. A ferramenta tinha embaixo do capô quando ela voltou ao trabalho.

– Seu carro está pronto – anunciou ela sobre o som do rádio e o barulho do portão da oficina. – Não cobrarei por isso. A chave está na ignição.

– O quê? – Ele não podia acreditar. – Espere aí. Uma hora você diz que precisa de peças e na outra diz que já consertou? Ela continuou trabalhando embaixo do capo como se não o tivesse escutado, mas ele não sairia até que recebesse uma explicação. Não que precisasse de uma. Era óbvio, dado o que fizera com o motor para ter por onde começar. O carro nunca precisara de peças. Ela dissera isso para que? Para que ele ficasse a pé? Para que tivesse de pegar carona com Emmet Granam que depois contaria a ela? Ou para desmascará-lo? Ele a olhava fixamente enquanto estava de costas. O que não daria para vê-la sem aquele macacão. Para ver se realmente exercia tanto poder sobre os homens.

– Não estou entendendo.

Ela levantou lentamente e se virou para olhá-lo, os olhos se estreitando.

– Consertei seu carro. Não cobrarei por isso. O que você não entendeu? – Por que primeiro você pensou que teria de encomendar peças? – perguntou ele.

Por um momento, achou que ela o confrontaria sobre o que fizera com o motor do carro. Isso seria bem-vindo. De qualquer forma, já era hora de mudar o rumo dessa investigação.

Eles se encararam durante vários segundos.

– Acho que me enganei. – Até parece.

Ela lançou-lhe um olhar do tipo " qual é o seu problema agora?", e voltou ao trabalho.

Qual era o problema dele? Ela, erguera um muro a sua volta tão frio e duro quanto essa desolada região do país, e ele queria ser o homem que o derrubaria. Queria ver emoções verdadeiras naqueles olhos castanhos. Estava na hora de a cidade conhecer a verdadeira Charlie que se escondia, da mesma maneira que seu corpo, por baixo de todas aquelas roupas largas. Era hora de expô-la ao mundo.

Ele a agarrou, fazendo-a olhar para ele. Tudo o que queria era sua atenção integral, forçá-la a olhar nos olhos dele, queria ver uma rachadura nesse muro. Tudo o que queria era uma reação natural dela.

Não planejava beijá-la. Nem quando seus lábios tocaram os dela. Mas já era tarde demais. O cheiro dela enchia seus sentidos quando sua boca cobria a dela em um beijo obstinado. As pupilas dela se dilataram pouco, como se o beijo não tivesse sido uma surpresa para ela como fora para ele. Então seus sentidos estavam preenchidos pelos prazeres da sua boca macia e molhada, pelo calor da sua respiração ao suspirar, e ele sentiu o tremor do seu corpo ao tocá-la, seu coração batendo perto do dele.

– Charlie? – Uma voz masculina ecoava pela oficina. Gus interrompeu o beijo, escapando da loucura. Deu um passo para trás, feliz ao ver a emoção brilhar no fundo dos olhos castanhos de Charlie.

Infelizmente, a emoção se transformou em raiva.

– Nunca mais faça isso! – sussurrou ela ardentemente, parecendo estar sem fôlego. – Me beijar pode te matar. – Ela saiu de trás da caminhonete como se nada tivesse acontecido. – Ei, Wayne! Tudo bem? Gus se virou para o lado de onde a voz viera, do portão aberto da oficina. Seu coração ainda estava acelerado pelo impacto do beijo. Ou talvez somente pela estupidez que representava. Só beijara uma outra mulher suspeita de assassinato: Natalie. E isso quase o matara. Esperava desesperadamente que esse não tenha sido o beijo da morte.

Um homem com cabelos louros encaracolados estava parado no portão da oficina, passava as mãos pelas mangas do casaco nervosamente.

– Preciso falar com você, Charlie – disse Wayne, parecendo perturbado ao olhar de Charlie para Gus. – É muito, muito importante.

Charlie lançou um olhar penetrante para Gus enquanto limpava as mãos em uma estopa.

– Pode entrar, Wayne, e fale o que houve.

Gus sentiu como se devesse falar algo para Charlie, o beijo ainda percorrendo suas veias como uma droga poderosa. Mas falar o quê? Como pôde esquecer que beijá-la poderia matá-lo – como ela própria avisara. Fora assim com Josh? Esse pensamento o fez voltar a si.

Passou por ela e pela caminhonete em direção ao carro alugado, querendo dizer a ela que ainda não tinham terminado. Mas percebeu que ela sabia disso.

– O que houve, Wayne? – perguntou Charlie. – O seu carro quebrou de novo? Assim que Gus colocou a mão na maçaneta do carro alugado, viu o carro do xerife estacionar do lado de fora, fechando seu caminho. Um homem uniformizado saiu e veio em sua direção, colocando as mãos acima dos olhos enquanto tentava ver na escuridão da oficina.

Gus ouviu um barulho atrás dele, virou-se e viu Wayne desaparecer apressadamente pela porta dos fundos.

– Bryan – disse Charlie, enquanto o xerife entrava na oficina. – O que posso fazer por você? – Ouvi uma batida no motor quando voltava de Libby. Achei que você pudesse dar uma olhada.

O xerife tinha cabelo grisalho, devia estar na casa dos sessenta, provavelmente contemporâneo do pai dela. Era evidente que ele e Charlie se conheciam bem. Outro motivo para se preocupar.

– Claro – respondeu ela calmamente. – Você se importa de tirar o carro para que esse camarada possa sair? Está ansioso para ir embora.

Gus sorriu ao ouvir isso enquanto o xerife tirava o carro.

– Adeus, Gus – despediu-se Charlie, dando as costas para ele.

Ele olhou para ela por um instante, preocupado por ela parecer não ter ficado tensa com a visita do xerife. Será que era possível ele estar errado sobre ela? Ou ela tinha muito sangue frio? Uma coisa era certa, ele pensou, a lembrança do beijo. Tinha muito mais a respeito de Charlie Larkin do que ele imaginara.

– Charlie – disse ele, percebendo que essa era a primeira vez que falava o nome dela.

Ela se virou, parecendo um pouco surpresa.

Mais cedo, quando ele a agarrou e beijou, queria apenas ver uma reação dela. Agora, tudo o que queria era apagar a tranquilidade enervante que ostentava. Queria vê-la tão fora de si quanto ele se sentia.

– É sobre Josh Whitaker estar com o seu medalhão – disse ele ao abrir a porta do carro e entrar. Ele sorriu para ela pelo para-brisa enquanto fechava a porta e ligava o carro, vendo a expressão de surpresa que tanto esperava.

Podia apostar que poucas pessoas sabiam que o medalhão fora achado com Josh. Gus não conseguia imaginar como Josh o obtivera. Mas podia apostar que

Charlie sabia.

Quando saiu, ela lançou-lhe um olhar com um aviso. Ou seria uma ameaça? De qualquer forma, ele conseguira a atenção dela. Agora ela parecia tudo, menos calma.

Charlie observou Gus ir embora, ainda lutando contra o efeito desnorteador do beijo dele. Queria desesperadamente pôr a culpa disso no fato de fazer tanto tempo que não beijava ninguém. Ou melhor, desde que alguém a beijara, retificou, temendo pensar que pudesse tê-lo beijado também, mesmo por um instante. Ficou parada na oficina se sentindo fraca e trêmula, o coração ainda disparado, os lábios marcados pelo beijo de Augustus T. Riley. E agora ele sabia sobre o medalhão.

O xerife Bryan Olsen pigarreou.

Ela olhou e o viu parado com o chapéu na mão, parecendo arrependido, preocupado.

– Aquela batida no motor – disse ele docemente. – Foi só um pretexto.

Charlie assentiu, já suspeitara. Bryan Olsen e seu pai foram grandes amigos e ela sabia que ele se sentia na obrigação de protegê-la. Queria tirar essa carga dele e tentara algumas vezes, mas ele andaria sobre brasa pelo seu pai – e agora estava no meio de uma tempestade de fogo por sua causa.

– A informação sobre o medalhão vazou – contou ele aflito. – Recebi uma ligação de Phil Simonson há meia hora. – Não precisava dizer como era incriminativo terem achado o medalhão no corpo de Josh Whitaker.

Ela não tinha nada para falar.

– É uma investigação de assassinato, Charlie, e acho que não preciso dizer que o fato de conhecê-lo não ajuda.

Ela concordou.

– No entanto, ajudaria saber como Josh Whitaker conseguiu aquele medalhão.

O coração de Charlie batia como uma marcha fúnebre enquanto olhava para o xerife. Ele estava tentando avisá-la. Encontrara mais alguma prova incriminadora no carro de Josh que a ligasse a essa morte? Ou estava apenas preocupado, como ela, de que era só uma questão de tempo até que encontrasse? – Suponho que Whitaker podia estar bisbilhotando perto do lago quando encontrou o medalhão – disse ele.

Ambos sabiam quais eram os problemas disso.

– Mas, para começar, isso não explica o que ele estava fazendo aqui – resmungou ele. – E também não ajuda o fato de Trudi espalhar para todo mundo que viu você com Josh no dia em que ele desapareceu. – Bryan fixou o olhar nela. – Ela jura que viu vocês se beijarem.

– Como posso ter beijado Josh naquele dia se não o vi? – indagou Charlie, lembrando do seu beijo mais recente.

– Bem, acho que todos conhecemos Trudi – comentou ele.

Trudi mentira para chamar atenção ou por Forest. Os dois tiveram um caso e poderiam estar juntos se não fosse Jenny.

– Bryan, já disse que eu e Josh não tínhamos esse tipo de relacionamento. – Já haviam falado sobre isso. Contara para o xerife como conhecera Josh quando fora voluntária no disque-ajuda em Bozeman. Josh estava começando um disque-ajuda que cobriria todo o estado e ensinando voluntários.

Era incrivelmente fácil conversar com Josh, e em uma noite ela contara a história de toda a sua vida. Foram amigos. E era isso.

– Não o via nem falava com ele há anos. O xerife assentiu.

– Existe alguma chance de ele não ter lembrado de você e por isso não ter parado aqui quando chegou? Queria dizer que sim, mas balançou a cabeça negativamente. Ela e Josh foram íntimos. Ele era o irmão mais velho que ela sempre quisera.

– Éramos amigos. Não acho que ele esqueceria. Acho que era por isso que ele estava com o medalhão.

– É, o medalhão. Se, por acaso, ele achasse o medalhão, tentaria te encontrar para devolver? – Acho que sim.

Josh sabia como ela se sentia em relação a Quinn, então achava difícil acreditar nisso. Mas como ela contara tudo para Josh, ele pode ter achado que o medalhão encerraria o assunto. Ela não conseguia imaginá-lo dirigindo até aqui e não parar para vê-la.

– Talvez ele não tenha chegado à cidade. Pode ter ido direto para o lago – disse ela mais para si mesma do que para o xerife.

– Para encontrar alguém? – perguntou ele enquanto torcia a aba do chapéu que estava em sua mão. Parou como se tivesse acabado de ter uma ideia. – Tem certeza de que ele não te ligou? Ou você ligou para ele, digo, do telefone lá fora? Ela o encarou percebendo que essa era uma pergunta pertinente.

– Ele tentou me ligar do telefone público? – perguntou ela chocada.

O xerife Bryan Olsen olhou para suas botas como resposta.

– E alguém ligou para ele do mesmo número. Ela teve de lutar para conseguir respirar.

– Não fui eu, Bryan. Eu juro para você, não falava com Josh há anos. Já contei que um homem ligou lá para casa, mas nem tenho certeza se era Josh.

Bem... – Ele colocou o chapéu e ficou olhando para ela com preocupação. Preocupação por não conseguir mantê-la segura? Ou por achar que ela não contara

toda a história? Por que eu mentiria sobre ele me ligar? – perguntou ela. – Não faz sentido. O xerife concordou.

A menos que tenha alguma razão para você não querer que ninguém saiba que estava falando com ele.

Era exatamente isso que parecia, o que a fez se sentir mal.

– Estou com medo que tudo saia de controle agora que os Simonson sabem do medalhão – disse ele, evidentemente não querendo deixá-la sozinha.

Tudo já saíra de controle quando Augustus T. Riley apareceu na cidade procurando por ela.

– Se fosse você, ficaria longe dos Simonson – aconselhou o xerife. – Qualquer problema, me ligue.

Ela concordou, o coração batendo descompensado no peito. Era mais que provável que a próxima vez que visse Hiyan seria para ele prendê-la pelo assassinato de Josh Whitaker e ambos sabiam disso.

Ele deu um tapinha no ombro dela, colocou o chapéu e voltou para o carro.

Ela o observou ir embora. No momento em que ele desapareceu de vista, agarrou a traseira da caminhonete para se segurar, o estômago revirava tanto que achou que fosse vomitar. Alguém estava tentando incriminá-la por um assassinato. Não tinha mais dúvidas sobre isso agora. O medalhão fora plantado em Josh para ela parecer culpada. Assim como as ligações feitas do telefone da oficina. Mas como eles sabiam sobre Josh? E onde o medalhão se encaixava em tudo isso? Pelo menos ela sabia quem contara aos Simonson sobre o medalhão, pensou, lembrando das palavras de Gus. Bryan disse que a informação sobre o medalhão vazou e Helen disse que Gus perguntara a Trudi onde era a casa de Phil Simonson depois do almoço, não muito antes de o xerife receber a ligação sobre o medalhão.

Capítulo 10

Earlene Kurtz morava em um trailer ao norte da cidade. Abriu a porta vestindo jeans e uma camiseta grande, segurava uma espátula na mão e não expressou muita surpresa ao ver Gus parado na soleira.

Ele lembrou de tê-la visto no dia anterior no frigorífico em que trabalhava com T.J. Blue.

– Meu nome é...

– Gus – adiantou ela. – Eu sei.

– Então também deve saber por que estou aqui.

– Quer informações sobre Charlie. – Sorriu e fez um gesto para que ele entrasse.

Ele entrou e fechou a porta enquanto ela ia para a cozinha onde estava colocando massa de biscoito em uma assadeira. O trailer cheirava a biscoito de chocolate.

– Meu filho já deve estar chegando. Sempre tento fazer um lanche gostoso para ele – disse, de costas para ele. É por isso que trabalho no primeiro turno.

Ele a observava. Era o tipo de mulher que engorda na parte superior, o que lhe dava uma forma quadrada. A pele do rosto estava esticada devido ao peso extra que carregava. O cabelo castanho era longo e sem brilho, fazendo-a parecer mais velha do que era – ele sabia que ela era um pouco mais nova que Charlie.

– Aceita um biscoito quentinho? – ofereceu, ao colocar o novo tabuleiro no forno.

Ele fez um sinal negativo e olhou a sua volta. O trailer era de um modelo antigo, mas era limpo e arrumado por dentro. Ela parecia dar conta mesmo sendo mãe solteira.

– Preciso saber sobre você e Charlie Larkin. Ela se virou para olhar para ele.

– Somos amigas – falou ela como se isso fosse tudo. – O que muita gente não entende, dadas as circunstâncias e o pai do meu filho.

– Ouvi dizer que Quinn Simonson é o pai de seu filho. Ela confirmou: – Estava grávida de Arnie quando Quinn morreu.

– De quanto tempo? – Quatro meses. – Ela limpou as mãos em uma toalha e olhou para a sala. – Quer sentar? Ele puxou uma cadeira da mesa da cozinha e sentou, tentando entender isso. Earlene era a razão pela qual Charlie e Quinn brigaram na fatídica noite no lago Freeze Out, a razão pela qual Charlie não quis entrar no carro e a razão pela qual Quinn sofrera o acidente, talvez a razão de ele ter sido morto.

– Acho difícil de acreditar que você e Charlie sejam amigas – disse ele finalmente. – Quer dizer, acho que Charlie poderia ter ficado ressentida com você e vice versa.

– Você não conhece Charlie, não é? – disse ela, fazendo parecer que ele perdia muita coisa por isso. – Ela odeia o fato de Arnie não ter um pai porque teve um que significou muito em sua vida. Ela prometeu que vai ensiná-lo a trabalhar em carros.

– Você a vê com frequência? – Ela fica com Arnie para mim quando preciso ir a Libby ou Missoula fazer alguma coisa. E almoçamos juntas. Ela realmente adora Arnie. Acho que tem medo de que ele seja como Quinn quando crescer, já que se parece muito com ele. – Ela continuava de pé, encostada no balcão da cozinha, observando-o.

– Qual foi a reação de Quinn quando soube que você estava grávida? – Gus perguntou, imaginando se aos três meses já dava para ver a barriga. Acreditava que não, dado o seu tamanho.

– Ele não queria ser pai, muito menos marido – disse ela com um sorriso triste.

– Talvez ele mudasse de ideia depois que o bebê nascesse – sugeriu Gus.

– Gosto de achar isso. Eu amava Quinn. Ele era bonito e charmoso e eu sempre tive uma queda por ele. Ele me disse que não estava mais com Charlie e eu acreditei. Mas depois descobri que era mentira. Quinn mentia sobre um monte de coisas.

Algo no jeito como ela disse isso...

– Você acha que havia outra mulher? – Poderia apostar.

– Charlie também sabia sobre ela? – Talvez. Mas Quinn era muito persuasivo. Quero dizer, ele conseguiu levar Charlie para a festa no lago aquela noite, não conseguiu? Ele teria sido capaz de convencê-la a voltar para ele se Trudi não tivesse anunciado para a cidade toda que a irmã dela, que trabalhava na clínica, dissera que eu estava grávida de Quinn. É claro que Quinn negou ser o pai, mas acho que isso foi a gota d'água para Charlie.

– Você acha que ela o amava? – perguntou Gus.

O tempo voara. Ela pegou uma luva acolchoada e abriu o forno.

– Você diz o suficiente para matar? – Ela balançava a cabeça negativamente enquanto tirava os biscoitos do forno, enchendo o ambiente com um cheiro maravilhoso – Charlie ia para a faculdade naquele outono. Ela e Quinn tinham sido o casal do colégio, mas Charlie terminara com ele antes da festa. Acho que ela sabia que ele não era para ela. Não a longo prazo. Quinn queria liberdade, mas também queria Charlie. Embora olhando para trás, acho que era Phil quem queria Quinn e Charlie juntos. Deve ter achado que a oficina dava dinheiro. – Ela

começou a tirar os biscoitos do tabuleiro e colocar em um prato refratário com uma espátula.

– Então você acha que Charlie não levava Quinn a sério? – Gus perguntou a ela ao mesmo tempo em que se perguntava por que ficava satisfeito quando não havia motivação para ela matar Quinn, se é que ele foi morto.

– Então por que a briga no lago naquela noite? – perguntou ele. Descobrir que fora traída por Quinn deve ter deixado Charlie irada. Mas isso seria o suficiente para matá-lo, já que não gostava tanto dele? – Ela ficou furiosa por ele levá-la para o lago. Suponho que ela deve ter te contado sobre a vez em que Jenny quase se afogou? Charlie não contara para ele.

– Charlie detesta o lago e Quinn sabia disso, mas mesmo assim dirigiu até lá, apesar dos protestos dela.

Se Charlie tinha tanto medo do lago, teria atraído Josh até lá para matá-lo? – Acredito que já tenha escutado sobre o azar de Charlie com os homens. O que você acha disso? – indagou ela. Não é óbvio? Alguém na cidade quer prejudicar Charlie.

– Quem, por exemplo? Ela terminou, colocou a assadeira no forno e marcou o tempo antes de se virar.

– Trudi sempre teve ciúme de Charlie. Os Simonson culpam Charlie pela morte de Quinn.

– E T.J. Blue e Rickie Moss? – perguntou ele.

– Acho que eles gostam de perpetuar a ideia de que Charlie é amaldiçoada quando se trata de homens. Não há dúvidas de que feriram Rickie Moss na noite em que saiu com Charlie e o trailer de T.J. pegou fogo. Mas Rickie tentou enganar uns traficantes de drogas um mês antes disso. Depois do acidente na floresta, ele pagou o que devia aos traficantes. E T.J.? Tem pessoas na cidade que acreditam que ele mesmo botou fogo no trailer para receber o seguro e começou o boato sobre a maldição para desviar a atenção. Foi um incêndio criminoso, mas ninguém foi preso. T.J. recebeu o dinheiro do seguro e comprou um chalé. Ou seja, tudo depende da pessoa com quem você fala.

Ele percebia isso.

– E os Simonson? – perguntou ele. – Participam da vida de Arnie? Seus olhares se encontraram.

– O que você acha? Ele achava que Phil Simonson nem tomaria conhecimento do neto se isso significasse alguma ajuda financeira.

– Você conhecia Josh Whitaker? – Não.

– Ele era o médico de plantão no pronto-socorro no dia em você levou Arnie ao hospital de Missoula com uma crise de asma.

Earlene parecia surpresa.

– Mesmo? Não lembro dele. Acho que não prestei atenção em ninguém a não ser em meu filho. – Ela franziu a testa. – Lembro que o médico foi muito amável e atencioso. Mas não lembrava do nome dele.

Gus analisou-a por um instante, convencido de que falava a verdade.

– Você acha que Charlie tem alguma coisa a ver com a morte de Quinn? – Ele teve de perguntar.

– Se ela tivesse não a culparia.

– Mas seu filho ficou sem um pai. Ela concordou e desviou o olhar.

– É verdade, ficou.

Ao sair, Gus passou por Arnie Kurtz, um menino de sete anos com olhos azuis. Parecia tanto com a filha de Jenny e Forest que poderiam ser irmãos. Mas ele duvidava que Phil ou Forest algum dia deixariam as duas crianças serem amigas, mesmo tendo quase a mesma idade. Algumas linhas simplesmente não se cruzam.

Ao se aproximar do carro, Gus não se surpreendeu ao ver que não estava sozinho.

– Olá, xerife. Planejava mesmo visitar o senhor.

O xerife Bryan Olsen desencostou da viatura de polícia.

– Então meu senso de tempo é perfeito. Quer me contar o que o trouxe a Utopia? Gus imaginava que o xerife já devia fazer uma ideia.

– Estou apenas investigando a morte de Josh Whitaker para a família.

– É mesmo? Achei que Josh Whitaker não tivesse família – disse o xerife.

– Os pais já estão mortos.

– Acho que ele tem um meio-irmão – explicou Gus.

– O senhor sabe que não acho que esteja aqui em nome do meio-irmão de Josh Whitaker ou de qualquer outro membro da família. Sua reputação o precede, Sr. Riley.

Gus não sabia se isso era bom ou ruim.

– Estão dizendo na cidade que o senhor tem feito muitas perguntas sobre Charlie Larkin – disse o xerife encarando-o. – Porquê? – Ela conhecia Josh Whitaker. O homem mais velho assentiu.

– Ela já me disse, mas isso não quer dizer que o matou. Charlie contara ao xerife sobre seu relacionamento com Josh Whitaker? – Então o senhor sabe sobre as ligações feitas do telefone público que fica na oficina e sobre as que foram recebidas nesse mesmo aparelho? – Recebi todas essas informações da polícia de Missoula. E o senhor, como conseguiu? Gus ignorou a pergunta.

– Todas as provas neste caso apontam para Charlie Larkin. Ela conhecia Josh, as ligações foram feitas do telefone na oficina dela e o medalhão que foi encontrado no corpo é dela.

A mandíbula do xerife se contraiu.

– Todas circunstanciais. – O xerife tirou o chapéu e pareceu analisar as abas por uns segundos. – Conheço Charlie Larkin desde que ela nasceu – disse lentamente. – Seu pai era meu amigo. Ponho minha mão no fogo pela inocência dela em qualquer crime. Mas também sou um oficial que faz cumprir a lei, responsável pela vida das pessoas nesta cidade. É por isso que estou pedindo que o senhor não se envolva na minha investigação. Dito isso, seria mais seguro para todos os envolvidos se o senhor voltasse para Los Angeles.

Havia algum motivo para o xerife o querer fora de seu caminho? – O senhor está tentando me expulsar da cidade? – Apenas sugerindo, Sr. Riley. O senhor é esperto o suficiente para saber que todo homem que se aproxima de Charlie Larkin tem azar. Não acho que isso seja uma coincidência. Se fosse o senhor, ficaria bem longe dessa mulher. Para seu próprio bem.

– Se tem tanta certeza de que Charlie é inocente, então quem está matando e mutilando esses homens? – Isso é o que estamos tentando descobrir.

– Não tão rápido quanto deveria. Obrigado pelo conselho, xerife. – Entrou no carro. Pelo espelho retrovisor, Gus viu o xerife o observar.

Quando olhou para a estrada de novo, percebeu que pegara o caminho errado. A estrada circundava o pinheiral; passara por algumas máquinas que serviam para derrubar árvores e por um depósito de cascalho. Já ia virar para pegar o caminho de volta quando percebeu duas caminhonetes estacionadas no lado mais distante do depósito. Será que todos nesta cidade dirigiam caminhonetes? Parecia que sim.

Ele reconheceu uma delas como sendo de Forest Simonson quando avistou Jenny em pé perto da caminhonete conversando com um homem que Gus não reconheceu até passar por eles. Tanto Jenny como o homem pareceram assustados ao ver um carro quando Gus passou. Assim que chegou na curva, um pouco antes de perdê-los de vista, Gus olhou pelo retrovisor. Jenny Simonson estava nos braços de T.J. Blue. Será possível? Enquanto dirigia para a cidade, Gus estava ansioso. Passara a manhã toda e parte da tarde examinando tudo que descobrira desde que o corpo de Josh Whitaker fora encontrado. Havia sempre um ponto nos casos no qual se sentia nervoso. Quando descobria o suficiente para desejar não ter descoberto a verdade. Descobrira bastante sobre Charlie Larkin e ainda não tinha provas de que ela era uma assassina. Existiam evidências apontando diretamente para ela, e nem tudo de bom que fizera poderia mudar isso.

Então por que ele tinha dúvidas? Por que a beijara? Ou por que ela tinha tantos defensores leais e realizara tantas boas ações? Ou por que todas as pessoas que a consideravam culpada tinham interesses pessoais? Balançou a cabeça, percebendo que não estava se baseando em fatos, mas em sentimentos. Já trilhara

esse caminho antes, no caso de Natalie Burns. Podia chover canivete que ele não trilharia esse caminho de novo. A última coisa que podia se permitir era ter um envolvimento emocional com Charlie Larkin e cometer o erro letal de confiar em uma assassina novamente.

Mas tinha de admitir, já tirara muitas pedras do caminho e não estava feliz com o que encontrara embaixo. Como T.J. e Jenny. Não queria nem imaginar o que Forest faria se descobrisse. Quando descobrisse.

Gus repetia para si mesmo que isso não era problema seu. Esta não era sua cidade. Tudo o que queria era encontrar o assassino de Josh e voltar para casa. Casa. Los Angeles parecia a anos-luz de distância.

Tinha de haver um jeito de descobrir o assassino, seja ele quem for.

O problema era: Charlie o pegara. Ele não queria que ela fosse a assassina.

Acabara de encontrar a estrada para a cidade quando uma ideia o atingiu como se levasse um soco. Era maluca e muito perigosa para um homem tão sequer considerar. Mas, neste momento, estava desesperado e sua sanidade em questão, já que começava a duvidar de que Charlie Larkin matara alguém – baseado em umas poucas histórias bonitas sobre ela e em um maldito beijo – e de que era ainda mais perigosa para seu bem-estar do que planejava.

Charlie estava sentada no Pinecone, tomando uma xícara de chá com Helen quando Gus entrou. De repente, ela sentiu como se tivesse sido capturada, o ar a sua volta ficou muito pesado para respirar.

O olhar dele a encontrou e ele rapidamente foi em sua direção como se procurasse por ela. Ela sentiu o estômago revirar. O que ele queria agora? Ele se sentou no banco em frente a ela, sorrindo.

– Estava procurando você. Isso ela percebera.

– O carro está com problemas de novo! – Ela não pretendia ser tão irônica.

O sorriso dele se tornou mais misterioso.

– Nós dois sabemos que não tive problema nenhum com o carro.

Ela o encarou, os olhos arregalados, admirada por ele abertamente admitir isso, e ali. De repente, ela se deu conta de que, além de Helen, todos no café estavam olhando para eles. E como era hora do intervalo para o café em Utopia, alguns moradores estavam presentes, incluindo os maiores fofoqueiros da cidade.

Gus esticou seu braço por cima da mesa e pegou a mão dela antes que pudesse recuar.

– Senti sua falta – disse ele tão alto que todos devem ter escutado. Virou a palma da mão dela para cima e começou a acariciar a sensível pele com a ponta de seu polegar. – Depois do beijo de hoje cedo...

O toque dele causava breves tremores em sua mão. Ela o empurrou com a mão livre.

– Sei o que você está fazendo – disse ela rispidamente, tentando manter a voz baixa para que ninguém pudesse ouvi-la.

Ele sorriu, flertando, enquanto se inclinava para colocar um cacho de cabelo no lugar, seu toque causava arrepios.

– Estou fazendo o que qualquer homem faria nessas circunstâncias.

– Você vai acabar morrendo – sussurrou ela de forma impetuosa.

– Não confia em mim – sussurrou ele de volta. – Se me aproximar de você atrairá o assassino de Josh Whitaker, então é exatamente isso o que vou fazer. A não ser que você saiba de alguma coisa que não sei. – Abriu um lindo sorriso, seu rosto a poucos centímetros do dela.

De uma certa distância, daria a impressão de que estavam tendo uma conversa íntima ao invés de uma adversa.

– Acho que está na hora de alguém tentar quebrar essa maldição.

– Isso não é sobre nenhuma maldição. É sobre um livro, o que você vai escrever sobre mim.

Ele levantou uma sobrancelha.

– Só se eu descobrir que você é uma assassina.

– Por favor, Gus, não faça isso – pedia ela em pânico. – Você não percebe o quanto isso é perigoso.

– Acho que percebo, sim – disse ele, pegando sua mão de volta. – Você está tremendo. De que tem tanto medo, Charlie? De que algo me aconteça? Ou de que eu descubra a verdade? Ela o encarou, tentando negar que era responsável por tudo. Mas não podia. Porque tinha um terrível sentimento de que de alguma forma era responsável por tudo isso. Por mais incrível que isso possa parecer, ela era amaldiçoada.

– Não quero que você se machuque – disse ela, percebendo que falava a verdade. Ele era o inimigo. Viera aqui para destruí-la. Mas só de pensar no perigo que ele estava correndo...

– Você tem alguma ideia melhor? – Ele olhou para ela. – Foi o que imaginei. – Ainda segurando a mão dela, foi para seu lado em um piscar de olhos.

Era óbvio que planejava beijá-la de novo. Ela virou a cabeça quando ele se inclinou em sua direção. Ele soltou um suspiro ao se aninhar no pescoço dela e passar os dedos em seu cabelo.

– Mmm – ele respirava perto de sua pele. – Adoro o seu cheiro.

Ela sentiu um arrepio se espalhar pelo corpo enquanto ele beijava a parte de trás de seu pescoço, encontrando uma parte especialmente cheirosa entre o pescoço e o ombro. Uma onda de calor fez com que ela arqueasse o corpo, deixando um gemido escapar de seus lábios.

Ele soltou um suspiro mais rouco desta vez, e ela sentiu a respiração dele acelerar contra seu pescoço.

– Todo mundo aqui vai pensar que somos amantes – murmurou ela sem fôlego.

– Eu sei – disse ele gentilmente.

– Não somos amantes.

– Não – respondeu ele, brincando com o cabelo dela. – Ainda não.

Com suas mãos quentes, segurou o queixo dela e fez com que olhasse para ele; fez isso tão rapidamente que ela não conseguiu detê-lo. Seus lábios cobriram os dela, deixando-a sem fôlego, caindo em sua própria armadilha.

No momento seguinte, saiu assobiando, parou na porta e sorriu para ela, certo de que todos viram.

– Vejo você mais tarde.

Ela o observou caminhar. Quando chegou no carro, virou e sorriu para ela, como se soubesse que estaria observando-o. Maldito. Ela podia sentir seu olhar, tão quente sobre a sua pele como foram os beijos. Idiota.

– O que foi isso? – perguntou Helen ao sentar no lugar em que Gus estava.

– Gostaria de saber – disse Charlie, surpresa ao perceber como estava sem fôlego. Ainda. Ele a fazia sentir coisas que jamais sentira. Maldito. Pior, isso era apenas um jogo para ele. Só se importava em pegar o assassino, e estava claro que acreditava que quando a poeira baixasse, ela seria a pessoa pega nessa armadilha.

– Uau, ele certamente a atrai – disse Helen. – Você deveria se olhar.

Charlie olhou para seu reflexo na janela. O rosto estava ruborizado, os olhos brilhavam. Parecia uma mulher que acabara de fazer amor com um homem excitante. Passou a mão nas bochechas, que pegavam fogo, e quando olhou de novo para seu próprio reflexo, viu Gus sair em direção ao sul.

Ela o observou até o carro desaparecer na autoestrada. O que ele planejava fazer agora? Aonde estava indo? Não havia nada naquela direção, exceto... Seu coração acelerou quando percebeu para onde ele estava indo. Lago Freeze Out.

Capítulo 11

Gus seguiu na direção do lago. Subira no palco, agora tinha de interpretar seu papel, não importa o que aconteça. Esticou o braço até o banco do carona e tirou da bolsa um IK especial. Nem precisava verificar, sempre o deixava carregado para o caso de precisar. Colocou-a no coldre embaixo do ombro, o qual vestira antes de procurar por Charlie.

Disse a si mesmo que não havia razão para começar a mexer no coldre. Mesmo com os boatos de cidade pequena, levaria tempo para que todos ficassem sabendo sobre ele e Charlie. Além disso, ninguém sabia que ele viria ao lago. Nem mesmo ele sabia até sair do Pinecone e perceber que já estava na hora de finalmente investigar o lugar em que Josh morreria.

Tentara adiar isso o máximo possível. Mas sabia que não podia mais.

Acreditava na inocência de Charlie. Ela não poderia ter matado Josh. Mas alguém o fez. Alguém que queria que acreditassem que Charlie era uma assassina.

Por isso o medalhão que Quinn dera para Charlie fora encontrado no corpo de Josh.

Mais alguém nesta cidade deve ter conhecido Josh.

Gus não poderia estar errado. Não desta vez. Existiria outra explicação? Uma maldição? Ou alguém simplesmente não queria que Charlie fosse feliz como Earlene sugerira? Mas também não queria se precipitar, tinha de encarar os fatos. Fato: alguém matou Josh. Fato: o medalhão de Charlie estava com Josh.

Balançou a cabeça e se concentrou na direção, lembrando-se de um de seus primeiros livros. O nome dela era Natalie Burns e estava livre sob fiança depois de ter sido presa sob a acusação de assassinar seu amante. Era jovem e bonita e Gus ainda estava iniciando a carreira, e foi burro. Acreditara na sua inocência. E ela tentara matá-lo.

Ele jurou nunca mais cometer o mesmo erro.

Não tinha andado muito ainda quando viu a placa para o lago Freeze Out. Lentamente virou o carro, lembrando como fora assustador no escuro menos de quarenta e oito horas antes. Ele tinha pelo menos uma hora antes de escurecer de novo.

O lugar não parecia muito melhor com a luz do dia. A neve derreteria no caminho coberto por ervas daninhas que desaparecia pelas árvores. Embora ainda não fosse final de tarde, o pinheiral parecia escuro, tornando difícil ver muito além no caminho.

Ele não apreciava a ideia de dirigir até o lago agora. Mas também nunca fora do tipo de recuar só porque algo era difícil ou assustador.

Reduzindo para uma marcha mais lenta, começou a subir o caminho para o lago, as ervas daninhas crescidas batendo no para-brisa e no capo enquanto ele avançava pela escuridão do pinheiral, subindo a montanha.

Pensou nos outros homens que também passaram por esse caminho e não sobreviveram para voltar. As trilhas das ervas daninhas por onde o carro-guincho passara com o carro e o corpo de Josh Whitaker ainda eram visíveis. Tentou não pensar nisso.

O caminho era estreito, em alguns pedaços havia neve e em outros, lama. Reduziu ainda mais a velocidade ao subir cada vez mais a montanha, até que, no que parecia o topo, as árvores se abriram e apareceu o lago.

Freou. Por um breve segundo, temeu a possibilidade de Charlie ter feito algo no carro. Um alívio tomou conta dele, deixando-o um pouco atordoado, quando os freios funcionaram e ele estacionou o carro na margem do lago.

A cena era assustadoramente linda, de um modo que não podia explicar. Um perfeito lago de montanha cercado por altos pinheiros verde-escuros. Josh morrera neste lugar ermo e triste. Esse pensamento o fez sentir um arrepio que fortaleceu ainda mais a sua decisão de ver a justiça feita a qualquer preço.

Saiu do carro e surpreendeu-se com o frio que estava fazendo. A água era transparente, de um verde escuro com aparência gelada. Foi até a margem, ajoelhou-se e colorou a mão. A água estava mais quente do que esperara, como se ainda não estivesse atualizada com a mudança no clima.

Várias perguntas passavam por sua cabeça. Onde será que o carro de Josh afundara? Será que Charlie esteve ali? Será que observou tudo? Será que ela o atraíra até o lago? Alguém fizera isso. Do contrário, não teria sentido Josh vir até aqui, sendo o lago tão afastado do caminho, Josh fora assassinado com uma única pancada na parte de trás da cabeça com um objeto obtuso. Será que o assassino estava no banco de trás do carro? Ou será que Josh fora assassinado do lado de fora e depois colocado de volta no carro antes ser empurrado no lago? O sangue de Gus congelou quando pensou que Charlie pode ter assistido deste lugar o carro afundando com Josh dentro. Mais um.

O que fizera Josh vir até o lago? Quem? Muitas perguntas e nenhuma resposta. E ele se lembrou de que até agora não tinha nenhuma prova sólida de que Charlie Larkin fosse a responsável, e nenhuma de que era inocente.

De repente, ele sentiu, mais do que ouviu, alguém atrás dele. Virou-se para pegar a arma. Charlie estava em pé, parada, bem atrás dele. Tinha uma chave inglesa na mão direita.

– Que diabos? – Falou isso em um suspiro, o coração disparado enquanto escorregava para a água, quase caindo nas pedras escorregadias ao pegar o 38 no coldre em seu ombro e apontá-lo para ela.

Ela estava parada com os braços estendidos ao lado do corpo, os dedos apertavam tão forte a chave inglesa que as juntas estavam brancas. Ela não se moveu, nem pareceu estar consciente da presença dele enquanto mantinha um olhar gélido fixo no lago.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ele ao perceber que tinha água até os calcanhares. Voltou para terra seca dando um passo para o lado a fim de manter um espaço entre eles. Essa maldita mulher o assustara.

Por que ele não a escutara se aproximando? Olhava além dela. Onde estava a sua van ? Teria escutado a van. A não ser que ela não quisesse. O fato de ela tê-lo seguido até aqui deixava suas intenções evidentes.

– O que você estava fazendo me espionando desse jeito com uma chave inglesa na mão? – Sua voz soou estranha. O olhar dela o estava assustando. – Me responda.

Ela parecia confusa. Olhava da água para o rosto dele. Ela piscou, quase surpresa de vê-lo ali. Mas não tão surpresa como quando viu a chave inglesa em sua mão.

– Oh – disse ela guardando a chave inglesa em um bolso do macacão. – Não queria assustar você.

– Tudo bem. – As mesmas palavras que falara para ela mais cedo. O que era isso, troco? Pelo menos ela não estava mais como um zumbi. Nem ele estava boiando no lago com o rosto virado para o fundo. Embora essa possibilidade não estivesse tão longe.

– Este lugar me amedronta mais do que a você – falou ela olhando para a arma na mão dele e ignorando-a.

Ele duvidava que este lugar a amedrontasse mais agora. Ela poderia tê-lo matado.

Ela fixou o olhar no lago de novo. Seus olhos se abriram como se – ele se virou para ver -, é claro, era isso, ele não sabia o que esperar. Talvez algum corpo encharcado, coberto por ervas daninhas emergindo do fundo.

Mas não havia nada. Apenas um último raio de sol deixando um reflexo dourado na superfície. Nem um murmúrio de brisa nos pinheiros. Nenhum som. Exceto o pular de seu coração ecoando em seus ouvidos.

Virou-se para encará-la de novo, sentindo-se tolo por ter virado as costas para ela. Mas, pelo que ele podia perceber, ela não se mexera, não pegara a chave inglesa, não tirara os olhos do lago. Sua pele parecia neve e seus olhos – aqueles hipnotizadores olhos castanho-escuros – pareciam ver algo horrível que só ela conseguia ver.

Ele recuou com esse pensamento, afastando-se dela. Imaginou o que ela estaria vendo: o carro de Josh afundando na misteriosa água escura.

Ele a encarava, sem saber o que o amedrontava mais. Não querer acreditar que ela era uma assassina. Ou não ter nenhuma pista sobre ela, não ter certeza sobre nada. Exceto que ela o amedrontava. Droga, estava tremendo desde que a encontrara com a chave inglesa na mão. Mas quando planejou isso no Pinecone, sabia que ela poderia vir atrás e tentar matá-lo. Mas não tão depressa. Ele lembrou-se de que ela não tentara matá-lo. Ainda.

– Charlie? As pupilas dela estavam dilatadas. Suor brotava em cima de seus lábios. As sardas pareciam pular de seu rosto. Ela começou a balançar.

Ele praguejou entre os dentes e soltou a arma para pegá-la.

No momento em que a tocou, ela piscou e depois pareceu surpresa em vê-lo de novo. Ela se endireitou, recuando, como se estivesse com medo dele. Que brincadeira era essa? Com alívio, ele percebeu a cor voltar ao rosto dela, assustado com o que presenciara, percebendo o quanto não queria que ela fosse a assassina.

– O que foi isso? – perguntou ele. Esse lago deixava-a estranha, isso era certo.

Um tremor pareceu passar por ela.

– Só estive aqui uma vez desde...

Ele achou que ela fosse dizer "a noite em que matei Josh Whitaker".

– ...o dia em que a minha amiga Jenny quase se afogou.

Ele a encarou lembrando do que Earlene contara sobre Jenny quase se afogar e sobre o medo que Charlie tinha do lago.

Ela olhou para ele.

– Jenny Lee Simonson agora. Estávamos nadando e ela teve uma câibra...
– olhou de novo para o lago. – Nadei até ela e a agarrei pelo braço. – Outro tremor passou por ela. Ela passou os braços em volta do próprio corpo e olhou para ele parecendo tímida, tremendo. – Sei que parece loucura, mas parecia que alguém ou alguma coisa estava puxando-a para baixo.

– Você salvou a vida dela – disse ele, mais para ele mesmo do que para ela. Outro feito heroico. Ou será que tentara matar Jenny? Ele sentia como se estivesse tirando camadas e ainda não tivesse encontrado a verdadeira Charlie Larkin.

– Há quanto tempo foi isso? – perguntou ele. – Antes ou depois de Quinn morrer? Ela olhou para ele, parecia surpresa por ele estar falando de Quinn. Por um momento, achou que ela não responderia.

– Antes. Eu não queria vir aqui naquela noite com Quinn, mas ele... – Ela balançou a cabeça e olhou para o horizonte.

– Ouvi dizer que ele trouxe você até aqui e que vocês dois tiveram uma briga feia naquela noite.

– Foi isso que ouviu dizer? – Ela soou cansada e sequer olhou para ele.

– Na verdade, ouvi dizer que você descobrira que ele era o pai do bebê de Earlene e que estava furiosa. Furiosa o suficiente para matá-lo? Ela não disse nada, e ele pensou em quanto deveria pressioná-la, dado o lugar onde estavam e a possibilidade de ela ter mais do que uma chave inglesa nos bolsos do macacão largo.

– Então por que veio até aqui se odeia tanto este lago? – perguntou ele, sabendo que poderia não conseguir resposta para essa pergunta também.

– Por sua causa. – Virou-se para ele, seus olhos repentinamente tão escuros e frios como o lago, e tão hostis quanto.

Agora ele sentiu um tremor.

– Você me seguiu? Ela pareceu achar graça disso.

– Você não vem me investigando? Ele não respondeu. Surpreendeu-se por já tê-la comparado a Natalie. Charlie era muito mais complexa, mais intrigante e muito mais perigosa. Nunca conhecera uma mulher como ela. E duvidava que algum dia viesse a conhecer.

– Depois que você saiu do café, não poderia deixá-lo vir aqui sozinho – explicou ela.

– Ah, então você planejava me proteger com aquela chave inglesa, e não me atingir na cabeça e me deixar boiando no lago encarando a morte.

– Você realmente acredita que sou uma assassina? Você sabia que Josh morria de medo de água? Ele quase se afogou quando era jovem e nunca conseguira superar esse medo.

Ele sabia disso. Lembrou-se de Jenny e do quase afogamento. Imaginava se já conseguira superar, se alguém realmente conseguia superar isso.

– Então ele teve de confiar em alguém para vir encontra-lo aqui.

– Não consigo imaginar nenhum motivo para Josh ter se deixado convencer a vir aqui. Só se fosse caso de vida ou morte.

– Parece que era. A morte dele – disse Gus. Seus olhares de encontraram.

– Você não está levando isso a sério, está? – Estou.

– Será que não percebe como é perigoso para qualquer homem se aproximar muito de mim? – disse ela com voz baixa.

– Certo, a maldição. Josh se aproximou muito de você? – Silêncio. – Fale comigo. O que tem a perder? – Posso terminar como o assunto de seu próximo livro.

– Só se você for a assassina – disse ele sorrindo. Seria um tremendo livro. – Conte-me sobre você e Josh. Sei que ele tentou ligar para você antes de desaparecer no último outono. Seu nome também estava em uma agenda antiga dele.

– Estou impressionada.

– Não fique. Nem sabia que você era uma mulher até aquela noite na oficina.

Ela assentiu e sorriu para ele.

Ele se deu conta de que nunca a vira sorrir de verdade, mas que gostaria.

– Então, quando Josh foi encontrado no lago Freeze Out com seu medalhão no bolso...

Ela soltou um suspiro.

– Todas as provas levavam a mim.

– Tem mais. Uma médica no hospital ouviu uma conversa dele ao telefone pouco antes de ele desaparecer. Ela disse que ele estava agitado e chateado. Quando ela perguntou se alguma coisa estava errada, ele disse que tinha a ver com um colega. Ela teve a impressão de que era uma mulher, uma mulher com quem ele estava evidentemente preocupado. Então, você e Josh eram... amantes? – perguntou ele sabendo que odiaria a resposta.

– Desculpe desapontá-lo, mas eu e Josh éramos apenas amigos, mas talvez a pessoa que o matou não soubesse disso. Ou talvez isso seja o suficiente.

Ele esperava não ter demonstrado o seu alívio. Ela não seduzira Josh. Pelo menos essa era a sua história.

– Como vocês se conheceram? – perguntou ele.

– Nós dois estávamos trabalhando em um disque-ajuda e começamos a conversar numa noite.

– Quando foi isso? – Um pouco antes de eu voltar para Utopia. – Ela fez uma careta. – Não me olhe como se eu fosse algum tipo de santa. Eu era voluntária para ganhar crédito na faculdade. Josh tinha começado o disque-ajuda e estava treinando voluntários. Ele era realmente especial.

– Isso foi em Bozeman, então. Me falaram que ele era uma pessoa muito legal – disse Gus tentando não deixar que a apologia ao Josh o afetasse da maneira como o afetara por quase toda a sua vida, negativamente. – Então vocês eram bons amigos? Ela assentiu.

– Aonde você quer chegar? – Era fácil conversar com ele? – Era. Ele gostava de ajudar as pessoas – disse ela. Não era só comigo.

Será que Josh achou que estaria ajudando alguém quando veio até aqui há um ano? – Você contou para ele sobre Utopia e as pessoas que moravam aqui? – perguntou Gus.

Ela o encarou.

– O que isso tem a ver com...

– Você contou para ele sobre Quinn? – Conteí, mas...

– Deixe-me adivinhar – falou ele. – Você disse a ele que se sentia responsável pela morte de Quinn.

– Eu me sinto responsável pela morte de Quinn. Afinal, se ele não tivesse saído da festa do jeito que saiu, talvez não tivesse sofrido o acidente ao descer a montanha.

– Você não pode se culpar pelo gênio dele-disse Gus. Essa é a única razão para você se sentir responsável? – Isso não é o suficiente? Ele morreu jovem e ia ser pai. Ele nunca vai conhecer Arnie.

Nem Arnie vai conhecer o pai. Ela mordeu os lábios.

– Já viu Arnie? Ele é igual ao Quinn quando tinha a mesma idade.

Gus assentiu.

– É por isso que você ajuda Earlene com ele? Percebe, Charlie, você é muito boa.

– Não interprete isso como mais do que realmente é. Gosto de crianças, e Earlene é minha amiga.

– Mesmo depois de ela ter dormido com seu namorado? – Ela não era apenas muito boa, era muito inocente.

– O que há de errado nisso? – perguntou ela, encarando-o.

– Nada.

Ela soltou um suspiro.

– Você tem medo de que eu seja outra Natalie Burns. Ele ficou surpreso. Tanto por ela saber sobre Natalie... como por estar tão perto da verdade.

– Isso foi notícia em todo o país. Li todos os artigos quando pesquisei sobre você na Internet – explicou Charlie. – Ela quase matou você.

– Você pesquisou a meu respeito? – Se sabia sobre Natalie, então pesquisara bastante. Por quê? Porque ele a assustava? Porque era culpada? Ou porque era realmente inocente.

– Você ficou surpreso por isso? – perguntou ela enquanto o analisava.

– Tudo em você me surpreende.

O olhar dela se desviou para o outro lado, o último raio de sol batendo em seu rosto, a sombra caindo sobre os pinheiros. O olhar dele acompanhou o dela.

– O que é aquilo? – perguntou ele ao ver algo na escuridão dos pinheiros. Uma estrutura.

– A antiga cabana dos Simonson – disse ela em um sussurro, como se tivesse medo que alguém a ouvisse.

– Quero dar uma olhada lá dentro – falou ele. Gus percebeu a repulsa de Charlie à ideia de ir até a cabana.

– Colocaram tábuas para fechá-la há anos – explicou ela rapidamente. – Tenho certeza de que não há nada lá. Só poeira e teias de aranha e...

– E lembranças? – supôs ele.

O olhar dela a denunciava. Ele via uma vulnerabilidade que, sob outras circunstâncias, o teriam feito amolecer.

– Se estiver com medo, posso ir sozinho – disse ele e caminhou até o carro para pegar uma lanterna. Ele sabia que ela iria com ele. Mas por quê? Porque ela estava preocupada com a possibilidade de algo acontecer a ele? Ou com a possibilidade de ele encontrar algo? – Você vem? – disse ele, com uma certeza: não a perderia de vista até que fossem embora do lago.

Ela o seguiu enquanto ele caminhava na direção da floresta, o feixe de luz da lanterna formava uma trilha sobre a areia pedrosa conforme eles se aproximavam da velha cabana.

Ele parou a alguns metros para admirá-la, as paredes construídas com madeira cortada a mão, a fundação de pedras tiradas da linha litorânea. Ela estava certa. Estava fechada com tábuas, mas algumas estavam faltando e outras, quebradas.

Ele subiu os degraus até a varanda, e não se surpreendeu ao perceber que alguém estivera ali recentemente. O cadeado enferrujado fora arrombado. A porta estava entreaberta.

Iluminou a fresta entre a porta e o umbral. Havia pegadas na poeira no chão de madeira. Ele empurrou a porta com uma mão e ela se abriu.

Um sussurro veio do fundo da cabana. – Não é seguro – disse Charlie, agarrando o braço dele. – Por favor.

Virou-se para olhá-la, o rosto pálido iluminado apenas pela lanterna, os olhos arregalados de medo, e lembrou-se do beijo que dera nela mais cedo, lembrou-se do que sentiu ao tê-la junto a si, e foi atingido por um desejo tão forte que quase a tomou nos braços de novo.

Ouviu outro ruído, desta vez parecia que era atrás da cabana. Outro galho estalou. Andou pela beira da varanda para iluminar os pinheiros atrás da cabana. Estava cada vez mais escuro, principalmente embaixo das árvores. O ar parecia mais frio. Gus percebeu um movimento nos pinheiros, algo sem forma, e um estalo de galhos secos enquanto fugia.

– Por favor – disse Charlie atrás dele.

Virou-se para olhar para ela mais uma vez, a luz apontando para os pés dela. Ela parecia estar com medo e com frio. Ele decidiu que já vira o suficiente. Poderia voltar aqui para dar uma olhada na cabana com a luz do dia. No entanto, esse pensamento não lhe pareceu atraente agora. Qual era o objetivo? As pegadas devem ter sido deixadas pelo xerife quando vasculhou o terreno em busca de provas. – Tudo bem, vamos embora – disse Gus e iluminou o caminho à frente deles, enquanto saíam da cabana e caminhavam até o carro dele.

A superfície do lago espelhava o céu noturno. Um silêncio gelado parecia cobrir o lugar com uma capa congelada, e Gus se sentia feliz por Charlie tê-lo pedido para voltar. Não gostava daqui, não gostava de pensar nas tragédias que aconteceram neste lugar. Josh morrera aqui. Essa lembrança o abatia mais do que queria admitir. Machucava-o mais. Normalmente, não era fácil amedrontá-lo. Mas ele estava ansioso e podia jurar que estavam sendo seguidos.

Viu Charlie olhar para trás e teve certeza de que ela sentira o mesmo. Ele virou e iluminou o caminho pelo qual já tinham passado. A luz iluminou a areia pedrosa, até a floresta verde de pinheiros, por um momento bateu nas tábuas da velha cabana dos Simonson, mas não encontrou nada na escuridão.

Será que era o lago? Ou saber que Josh morrera aqui? Ou era estar com Charlie bem atrás de si? Pensava em indo isso enquanto se aproximavam do carro.

Olhou para Charlie, como se esperasse que ela puxasse uma arma do macacão e o matasse. Pensou em quanto tempo levaria até que alguém encontrasse seu corpo. Principalmente se ela colocasse pedras para ele afundar.

O problema era que ela parecia muito mais assustada do que ele. Será que estava errado sobre ela? Certamente, ela o amedrontava. Mas será que era por ser uma assassina? Ou porque ele tinha medo de se apaixonar por uma mulher que poderia fazê-lo sofrer? Ou pior? Olhou para o carro alugado, sentindo um medo repentino de que ela pudesse ter feito algo nele antes de ele tê-la visto.

– Precisa de carona para a cidade? Ela balançou a cabeça e olhou para ele como se quisesse dizer mais alguma coisa. Ou fazer.

– Minha van está na estrada.

– Alguma razão para não vir dirigindo até aqui? – Fiquei com medo de atolar.

Ele não pensara em atolar quando chegou tão perto da água.

– Pelo menos, deixe-me levar você até a van – insistiu ele, pensando no que Phil Simonson dissera sobre ela não querer entrar no carro de Quinn naquela noite, na noite do acidente em que Quinn morrera. – Está muito escuro para ir andando.

Ela olhou para os pinheiros atrás da cabana como se tivesse escutado outro barulho. Definitivamente, tinha algo lá. Um animal? Ou o verdadeiro assassino? Depois ela olhou para o carro e disse: – Tudo bem.

Ambos se sentiram aliviados ao ir embora, ele abriu a porta do carona para ela. Charlie parecia nervosa, ele pensou ao entrar. Ela continuou com o olhar fixo nas árvores como se temesse o que estava lá. Ele pensou no urso que matara aquelas pessoas e na pessoa que assassinara Josh.

Não conseguia ver nada no denso pinheiral enquanto dirigia de volta para a estrada, os faróis iluminando apenas uma faixa estreita de estrada coberta por ervas

daninhas a sua frente.

A van de Charlie estava exatamente onde ela disse. Gus parou ao lado e, por um momento, achou que ela não sairia, e sabia que se ela não saísse logo, ficaria tentado a tocá-la, pior, tomá-la em seus braços e beijá-la.

– Gostaria que você não tivesse feito o que fez no Pinecone – disse ela sem olhar para ele. – Tenho medo por você.

– Preocupe-se apenas com você mesma, Charlie – advertiu Gus.

Ela balançou a cabeça, os olhos marejados de lágrimas ao olhar para ele.

– Você ainda acha que sou a assassina. Engraçado, mas quando me aproximo de você, sinto um impulso.

Ela saiu sem mais nenhuma palavra, batendo a porta atrás de si.

Ele a observou passar pela frente do carro até a van, depois ligou o aquecedor. Às vezes, agia como um imbecil, pensou enquanto esperava ela chegar à van. Ela fez sinal para ele ir na frente. Ele fez que não com a cabeça e um sinal que a seguiria. Ela não pareceu feliz com isso, mas desceu a montanha na frente dele, a lanterna traseira acesa com um vermelho forte.

Gus se perdeu dela na descida. Provavelmente porque ela estava dirigindo muito mais rápido do que ele. Também porque, enquanto dirigia, ele estava ocupado planejando uma segunda investida como parte do plano original.

Às vezes, ele tinha de ter tanto sangue frio quanto os assassinos.

Capítulo 12

No momento em que perdeu de vista os faróis de Gus atrás dela, Charlie entrou em uma estradinha e desligou as luzes para esperá-lo passar.

Então voltou a pensar no que acontecera no lago. Ouvira movimento nos pinheiros perto da cabana e suspeitava que não se tratava de um animal selvagem. O único predador por aqui à caça de presa humana era humano.

Podia ver parte do lago, a superfície cristalina. Sabia que alguém estivera lá observando ela e Gus, e que poderia ainda estar observando-a agora, isso a aterrorizava. Onde estava essa pessoa agora? Por que não termina o que começou? Sabia a resposta, como também sabia que quem estava na floresta matara Josh e mataria Gus se ele não fosse embora da cidade o quanto antes. Ela só não sabia por quê. Ou quem a odiava tanto para fazer isso.

Furiosa, ela pegou a lanterna no porta-luvas e saiu do carro.

– Vem me pegar, seu covarde, seu maluco desgraçado – disse ela para a escuridão cerrada das árvores. Teve o silêncio como resposta.

Ela prestou atenção, escutou apenas seu coração batendo. Quem quer que estivesse atrás dela não a faria sofrer. Ela evitou o lago, cortando caminho pelo pinheiral até a cabana, só pensava em acabar com isso agora, antes que Gus se ferisse. Não queria mais uma morte pesando em sua consciência. Mas sabia que seus sentimentos em relação a Gus eram muito mais complicados que isso.

O céu noturno contornava a cabana. Sua lanterna iluminou as tábuas desbotadas e encontrou a porta. Continuava aberta como Gus a deixara. Mais uma vez, ouvia apenas o coração batendo descompensado no peito.

Lentamente, ela subiu os degraus da varanda. Pensar em entrar fazia sua coragem hesitar. Pensou em quantas meninas perderam a virgindade nesta velha cabana mofada. Quantas, em particular, perderam-na com Quinn Simonson.

Empurrou a porta para abri-la um pouco mais e apontou a lanterna para dentro. A luz mostrava o chão gasto de madeira até a lareira, seguindo as pegadas formadas na poeira. Era evidente que alguém estivera aqui, e há pouco tempo. Tinha lenha queimada na lareira e uma marca no chão onde parecia que alguém estendera um cobertor em frente à lareira.

Vira algo no chão mais cedo com Gus. Agora, ela encontrou com o seu feixe de luz. Com cuidado, entrou no cômodo, os cheiros a levavam para uma época da qual não queria se lembrar. A luz alcançou o objeto de novo. Foi na direção dele e abaixou-se para pegar o brinquedo no chão. Era uma caminhonete amarela de metal.

Ela virou o brinquedo em seus dedos, iluminando-o, tentando lembrar onde o vira antes. O filho de Earlene, Arnie. Ele estivera brincando com isso na última vez em que o viu, há umas duas semanas. Tinha certeza de que era o mesmo brinquedo, pois tinha aparência de antigo, exatamente como este.

Guardou o brinquedo no bolso e virou a luz, com um desejo repentino de sair dali, de estar longe deste lago, deste lugar onde dois homens que ela conhecia morreram. Não queria pensar em como esse brinquedo viera parar aqui. Ou por que sentira necessidade de voltar para pegá-lo.

Um movimento na porta a fez virar, o coração disparado e um grito preso na garganta quando a luz mostrou a forma de um homem.

– Nossa, quase morri de susto – gemeu ela, a lanterna em sua mão iluminando Wayne.

Ele ficou parado na porta, com as duas mãos no bolso do casaco, uma expressão sombria.

– Eu vi você com ele – disse ele, soando engraçado. Ela não precisava perguntar o que ele vira nem com quem. Estava claro que ele ficara chateado ao vê-la beijando Gus mais cedo na oficina.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ela tentando manter a voz suave.

Ele não respondeu, apenas ficou lá parado com os olhos fixos nela, quando ela se surpreendeu ao perceber que ele estava furioso.

– Você não deveria estar aqui, é perigoso – disse ele de modo mal-humorado.

Ela repetia para si mesma que não tinha motivos para ter medo de Wayne. Mas antes deste momento, não percebera que ele podia estar com ciúmes dela. Ela tentou esconder a ansiedade.

– Eu já estava saindo. Quer me acompanhar até a van ? Ele não respondeu. Nem se mexeu.

– É melhor eu ir para casa – disse ela educadamente. Tia Selma deve estar me esperando. – Ela foi em direção à porta, temendo que ele não a deixasse passar. Colocou a mão no bolso do macacão. Sentiu o aço gelado da chave inglesa e rezou para nunca precisar usá-la contra Wayne. – Já disse que Selma adorou as maçãs e abóboras? Está fazendo uma torta para o jantar hoje. Ele piscou, a expressão menos hostil.

– E as morangas? Quando ela se aproximou da porta, ele deu um passo para o lado deixando-a passar. Uma onda de alívio tomou conta dela, deixando-a fraca. Saiu para a noite, o feixe de luz iluminando a varanda a sua frente. Queria correr, mas não ousava. O que Wayne estava fazendo aqui? – Selma assou uma das morangas ontem à noite – falou ela enquanto descia para a areia que contornava o

lago, mesmo sendo o caminho mais longo para a van. Mas se sentia mais segura na parte aberta do que na floresta, apesar de saber que isso era apenas ilusão.

Fora Wayne que ela ouvira mais cedo quando estava com Gus aqui na cabana? Dizia para si mesma que Wayne não machucaria ninguém, que Wayne não podia ter descoberto sua amizade com Josh ou ter conseguido atrair Josh para o lago, para matá-lo sozinho.

Mas, neste exato momento, ela não tinha certeza de nada. Neste momento, tudo que queria era chegar à van sã e salva.

Wayne caminhou ao lado dela, ainda furioso, a julgar pela sua expressão carrancuda. Ela sabia que ele devia ter uma lanterna, mas não a usava, apenas mantinha as mãos enterradas no bolso do casaco. O que mais ele poderia ter nos bolsos a não ser uma lanterna? Uma arma? Ao se aproximarem da van, ela viu o carro dele estacionado na estrada. Não poderia ser ele mais cedo. Só se ele colocou o carro depois que Gus saiu, depois que ela foi para a cabana.

– Posso ir atrás de você – sugeriu ela. – Caso você tenha algum problema.

Ele olhou para ela.

– Você é muito legal comigo.

– Você e eu somos amigos – disse ela.

Ele assentiu mordendo o lábio inferior, o olhar fixo em suas botas.

– Não gosto dele. Gus.

– Ele vai embora da cidade logo – disse ela esperando que isso fosse verdade.

Certamente, Wayne não parecia convencido. Ela olhou para o carro dele.

– Vou seguir você.

Depois ela abriu a porta da van, quase esperando que ele a impedisse. Pelo canto do olho, viu Wayne ir em direção à velha Chevy.

Seu coração martelava no peito enquanto entrava na van e observava pelo para-brisa Wayne caminhar para a Chevy e entrar. Um momento depois, as luzes se acenderam e a Chevy começou a se movimentar. Ela soltou o suspiro que vinha segurando.

Lágrimas escorreram de seus olhos. Até aquele momento, recusara admitir o quanto estava amedrontada.

Agora seus sentimentos oscilavam entre o medo e o alívio. Conhecia Wayne desde criança. Poderia acreditar que ele seria capaz de cometer um assassinato? Quando a Chevy desapareceu na estrada, ela se inclinou sobre o volante e tentou parar de tremer, sem estar segura do que acreditava.

Passados uns minutos, ela se deu conta do frio. Levantando a cabeça e olhou em volta, surpreendendo-se com a escuridão, virou a chave. Não podia mais esperar para sair, se sentia desesperada para chegar em casa, precisando do calor da

velha casa de fazenda, dos cheiros familiares, dos sons reconfortantes das vozes da mãe e da tia, do sentimento de segurança, mesmo se fosse uma mentira.

Quando finalmente chegou na autoestrada, foi em direção a Utopia, sentindo um alívio enorme. Só mais alguns quilômetros.

Mas ao fazer uma curva na autoestrada, viu um veículo parado na beira do pavimento e reconheceu a Chevy de Wayne. Diminuiu, e deixou os faróis iluminarem o veículo. O pneu traseiro direito estava furado, o carro estava em uma posição que parecia que ia cair na vala.

Por um momento pensou em não parar. Mas ao ver o carro, lembrou do que Wayne dissera mais cedo na oficina sobre precisar falar com ela. Esquecera completamente disso, e, é claro, de Wayne também. Por que ele saía quando o xerife chegou? Estava metido em alguma encrenca? Percebeu que ele poderia ter ido atrás dela até o lago para falar sobre isso. Contar o que era tão importante. Mas quando a viu com Gus na cabana, deve ter se esquecido completamente disso. Isso era a cara de Wayne. Melhor do que acreditar que ele tinha algo a ver com os "acidentes" envolvendo os homens que a cercavam.

Aumentou o farol ao se aproximar, esperando ver Wayne abaixado do lado do carro em cima das ervas daninhas tentando trocar o pneu no escuro.

Uma inquietação tomou conta dela quando viu o espaço vazio perto do pneu furado. Abaixando o vidro, ela chamou: – Wayne? – Achava que ele devia ter ido até as árvores por algum motivo.

Nenhuma resposta.

Talvez ele não tivesse um estepe e tenha ido andando para a cidade. Não era tão longe, ainda mais se ele cortasse caminho pela casa de sua mãe.

Um galho estalou nas árvores à esquerda.

– Wayne? Ela sentiu o cabelo arrepiar no pescoço ao fixar o olhar na escuridão. Mas por que ele não esperou, já que sabia que ela viria atrás dele? Mais cedo, ela estava pronta para enfrentar qualquer coisa que estivesse atrás dela, querendo apenas que tudo acabasse. Mas agora ela queria sair daqui. Não queria pensar sobre o brinquedo que achara ou o que isso significava, nem queria pensar sobre Wayne e o que ele estava fazendo no lago.

Levantou o vidro e trancou as portas, repetindo para si mesma o tempo todo que isso era ridículo. Provavelmente era apenas um animal selvagem desta vez.

Ela parou na oficina para ligar para o xerife do telefone público e contar que vira o carro de Wayne. Bryan prometeu ir ver o que aconteceu. Enquanto voltava para o carro, colocou as mãos no bolso e sentiu o brinquedo. O polegar passou pelo metal. Era velho. Será que fora de Quinn ou de Forest? Será que é esse

o motivo para estar na cabana? Mas tinha certeza de ter visto Arnie com esse brinquedo.

Já via a estrada da cidade iluminada pelos faróis. A menos de um quilômetro estava o trailer de Earlene. Não levaria mais de um minuto para parar lá.

Earlene ficou surpresa ao vê-la.

– Chegou a tempo de jantar.

– Obrigada, mas estou indo para casa. Você conhece Selma, o jantar vai estar pronto e esperando. – Charlie pegou Arnie quando ele veio correndo dos fundos do trailer. – Você está cada vez maior. Tenho uma coisa sua – disse ela colocando-o no chão. Sempre a atordoava o fato de ele ser tão parecido com Quinn nesta idade.

Tirou a caminhonete amarela do bolso e entregou a ele. O menino franziu a testa e olhou para a mãe.

– Isso não é dele – disse Earlene com voz firme.

– Tem certeza? Pensei ter visto Arnie brincando com ela na última vez que estive aqui – disse Charlie sentindo a tensão, mas incapaz de entender o que estava errado aqui.

– É de Skye – disse Earlene. Skye Simonson? – A filha de Jenny? Earlene assentiu.

– Pertenceu ao Quinn – ela olhou para o filho. Os olhos dele marejados de lágrimas, o lábio inferior tremendo. – Arnie pegou de Skye quando soube que era de seu pai. Fiz com que ele devolvesse.

Arnie pegara o brinquedo que pertencera ao seu pai.

– Quando foi isso? – perguntou Charlie, ainda preocupada com o motivo pelo qual foi parar na cabana dos Simonson.

– Umas duas semanas atrás, logo depois de você ter vindo aqui – disse Earlene, puxando seu filho para si, as mãos nos ombros estreitos dele. – Onde o encontrou? – Na velha cabana do lago.

Earlene assentiu e olhou para o nada. Charlie imaginava que ela devia ter perdido a virgindade lá com Quinn Simonson. Ele podia ser tudo, menos criativo.

– Não sei como isso pode ter ido parar lá – disse Charlie guardando o brinquedo no bolso. – Desculpe, achei que fosse de Arnie.

– Sem problemas. – Earlene sorriu. – Tem certeza de que não quer ficar para o jantar? Charlie se sentiu melhor ao voltar para a estrada. Mais dois quilômetros e ela chegou na velha casa de fazenda de sua família, sem se importar em colocar o carro na garagem na parte de trás do quintal, apenas feliz por ver as luzes de dentro da casa acesas, sentindo o calor das boas-vindas. Estava em segurança.

Ao sair do carro, sentiu o cheiro de neve e sabia que dentro de poucas horas estaria nevando de novo. Isso fez a noite parecer mais fria, mais escura, e ela se lembrou de que Selma estava fazendo carne assada para o jantar. Seu prato favorito. De repente sentiu tanta fome como se esta fosse sua última refeição.

Ao abrir a porta, pensou em onde estava Spark Plug. Geralmente ele ia ao encontro dela na porta. Entrou na cozinha e sentiu o delicioso aroma de carne assada, vegetais e torta de abóbora. Tirou o casaco e, enquanto o pendurava no gancho atrás da porta, sua mão congelou, todos os medos voltaram em um ímpeto de revolta.

Misturado ao maravilhoso aroma do jantar estava outro cheiro familiar, que embrulhou seu estômago. O cheiro inconfundível da loção pós-barba de Augustus T. Riley.

Ela só percebeu isso quando ouviu o som da gargalhada dele. A loção pós-barba que ela poderia reconhecer facilmente, já que sentira o cheiro em sua própria pele desde o último beijo deles. O cheiro era persistente.

Mas não a gargalhada. Era cheia de vida, profunda e lírica, não era o que esperava dele.

Então ela ouviu a voz alta de sua mãe e o feitiço se quebrou. Correu para a sala e encontrou Gus sentado na poltrona de seu pai, Spark Plug deitado em seus pés. Aquele cachorro nunca gostara de nenhum outro homem que não fosse o seu pai.

E parecia que Spark Plug não era o único que Augustus T. Riley conquistara. As bochechas de Vera estavam coradas de excitação, seus olhos brilhavam. Ela ria de algo que Gus falara, sua gargalhada tão pura e doce. Nem Selma, pelo que parecia, estava imune. Estava sentada ao lado de Vera, também rindo para Gus.

Ele levantou os olhos, foi o primeiro a ver Charlie. Algo em seu olhar mudou em um piscar de olhos. Tornou-se frio e calculista, o humor deixou seu rosto. Mesmo que ainda sorrisse.

– Pois bem, aqui está ela – disse ele levantando-se. Spark Plug levantou a cabeça, mas não ficou de pé.

– Ela não é um amor? – disse sua mãe.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Charlie sem pensar.

Sua mãe demonstrou choque e depois desaprovação.

– Ora, ele veio ver você, querida. Eu o convidei para jantar conosco, já que ainda vai ficar um pouco na cidade.

Selma ficou surpresa com o comportamento da sobrinha ao se levantar.

– Por falar em jantar... – Foi na direção de Charlie, tocou em seu braço e se encaminhou para a cozinha. – Você pode me ajudar, querida? – Posso ajudar em

alguma coisa? – perguntou Gus, que estava atrás delas.

– Não – respondeu Charlie sem ao menos se virar para olhá-lo. – Você já fez o suficiente.

Uma vez na cozinha, Selma se virou para encará-la.

– Em nome de Deus, o que...

– Não gosto desse homem – murmurou Charlie, furiosa. Para não dizer nada pior. – Ele não tem nada para fazer aqui.

Selma arregalou os olhos. Se a tia realmente tinha O Dom, então por que não reconhecera o que esse homem era: um lobo em pele de carneiro.

– Pelo amor de Deus, por que não? Ele é encantador e conquistou a sua mãe.

Charlie gemeu por dentro.

– Acredite em mim, é tudo fingimento. A única coisa que ele quer é me pegar.

Selma levantou uma sobrancelha.

– Pegar você? Charlie balançou a cabeça. Agora não era a hora e o que diria de qualquer forma? Respirou fundo.

– Fiquei surpresa ao vê-lo aqui, só isso.

A última coisa que esperava era Gus aparecer em sua casa. Mas achava que deveria saber que apenas avisá-lo não funcionaria. Aonde ele planejava chegar com isso? Charlie lançou um olhar para a sala onde ele estava com sua mãe, e de repente ficou com medo pelo que a mãe poderia dizer e Gus acreditar.

Quando voltou seu olhar para a cozinha, Selma a observava.

– Ele é um homem muito atraente.

– Por favor, espero que você não esteja querendo me arranjar alguém.

– Talvez eu ainda perceba quando vejo um homem bonito – disse Selma, virando de costas. – Você pode dizer o mesmo? Quando foi a última vez que saiu com um homem atraente? Acho que esta noite lhe fará bem.

Charlie não estava preparada para isso agora.

– O que posso fazer para ajudar no jantar? – Ela só queria ver tudo isso terminado o mais rápido possível.

– Vá colocar uma roupa mais... apropriada. Acho que colocarei a mesa na sala de jantar. Sua mãe gostaria disso.

– Por que não usamos nossa melhor louça? – disse Charlie sarcasticamente. – Ou será que já guardou para o enxoval? – Não entendo por que você está tão chateada. Ele disse que terá de ficar mais um tempo na cidade por causa dos negócios e que tinha esquecido de perguntar alguma coisa a você. Achei educado convidá-lo para o jantar.

Teria de ficar na cidade por causa dos negócios? Ela era o negócio dele. E quem poderia saber o que ele planejava perguntar para ela agora? – Ele apenas vai jantar conosco, Charlotte – disse Selma. – Não vai machucar. Você sabe como sua mãe adora companhia.

Charlie assentiu, sentindo-se em um beco sem saída.

– A não ser que tenha alguma coisa que eu não sei. – A tia deixou essa afirmação em suspenso.

– Achei que você soubesse de tudo – disse Charlie, como se estivesse brincando. Como poderia contar a Selma que esse homem fora a Utopia para destruí-la sem contar todo o resto? Pior, ele acabara de invadir a última fortaleza: sua casa. E agora ele descobrira o calcanhar de aquiles dela: as duas pessoas que ela mais amava no mundo, a mãe e a tia.

– Não sou jovem o bastante para saber de tudo – disse a tia, citando uma frase de Oscar Wilde. – Mas sei que ele está interessado em você. Ele pode ser exatamente o que você precisa.

Certo. "É apenas um jantar", Charlie pensava, imaginando como conseguiria passar por aquilo. Podia ouvir as gargalhadas de sua mãe. Não queria deixá-la sozinha com Gus nem mais um minuto.

– É melhor eu me trocar.

Quando desceu, vestia um macacão de veludo cotelê verde-escuro, com mangas compridas e muito largo; Selma lançou um olhar de desaprovação. Essa era a roupa mais desapropriada que tinha, além dos macacões que usava para trabalhar.

– Ela não é adorável – disse Vera. Mas sua mãe sempre dizia isso quando a via.

Charlie podia sentir que Gus olhava para ela e, por fim, olhou diretamente para ele. Ele sorriu, divertindo-se com a ideia de que ela tentaria esconder seu corpo dele tanto quanto outras verdades sobre si mesma.

O jantar foi um pesadelo. Sua mãe contou histórias embaraçosas sobre a infância de Charlie. Gus a instigava, sem dúvida queria guardar essas histórias para usar contra ela. Selma tentava dar outro rumo para a conversa, tal como falar do próprio Augustus, e isso funcionava por alguns poucos minutos até Vera lembrar de mais alguma história engraçada sobre Charlie.

Gus riu de todas as histórias junto com Vera. De vez em quando, olhava para Charlie de modo calculista, como se tentasse ver por baixo de sua pele.

– Então, o que o trouxe a Utopia? – perguntou Selma entre as histórias de Vera.

Ele sorriu e mastigou um pedaço de carne enquanto estudava Charlie.

– Acho que posso dizer a verdade a sua tia. – Calmamente ele mastigou e engoliu tudo enquanto a observava.

– Sou um escritor – disse ele como se confessasse algo que Charlie não sabia, seu olhar em Selma. – Viajo procurando histórias interessantes, fora do comum, extraordinárias. – Parecia inocente o bastante. A não ser que você soubesse a verdade sobre os livros de Augustus T. Riley.

– Utopia é fora do comum – disse sua mãe alegremente. – E extraordinária, eu acho. Não é, querida? – Tenho certeza de que existem muitos outros lugares mais fora do comum e extraordinários que Utopia – disse Charlie, fingindo estar mais interessada em sua carne assada do que nele.

– Não posso imaginar nenhum outro lugar que possa ser mais singular do que Utopia – disse ele, com um sorriso nos lábios. – Estou fascinado. Tanto que estou pensando em escrever uma história sobre uma mecânica de Utopia. Quero saber tudo sobre ela, não importa o quanto isso demore.

– Ah, que maravilha! – disse Vera animadamente. – Temos de mostrar a ele todos os álbuns de fotografia.

Charlie engasgou com um pedaço de carne. Imediatamente, Gus serviu água para ela.

– Você está bem? – perguntou ele, parecendo preocupado.

Ele não desejaria que ela morresse, ela pensou com raiva. Não até conseguir o livro e vê-la atrás das grades.

– Ótimo – ela conseguiu dizer. – E se eu não quiser um livro com a minha história? – sussurrou ela de modo impetuoso para que Vera e Selma não escutassem.

Ele sorriu e sussurrou em resposta: – Acho que nós dois sabemos a resposta. – E aumentando o tom de voz, disse: – Adoraria ver seu álbum de fotos, Charlie.

– Talvez um outro dia – disse ela, olhando diretamente para a tia.

Selma levantou-se e disse: – Sua mãe quer sorvete com a torta de abóbora que fiz para sobremesa...

– Pode deixar que eu pego – disse Charlie e se levantou de modo tão abrupto que quase derramou o copo que Gus enchera com água. Mas ela tinha de sair da sala, e o freezer ficava no galpão atrás da casa. A noite fria e nevoenta era exatamente do que ela precisava.

Nem pegou o casaco, saiu correndo pela porta da cozinha e foi para o quintal, pisando com força na neve acumulada até o galpão. Spark Plug vinha atrás dela, era claro que queria se desculpar por sua traição.

Charlie percebeu que Gus estacionara perto do galpão, de um modo que o carro não pudesse ser visto da estrada. Será que ele escondera o carro de propósito

para surpreende-la quando entrasse em casa? Ela não duvidava de mais nada.

Uma vez dentro do galpão, encostou-se na porta fechada e respirou fundo, tentando se acalmar. Seu corpo tremia com o medo tão familiar. Pelo menos ele falara que ela era o assunto de seu próximo livro. A próxima assassina.

Mas já não sabia desde a primeira noite na oficina que ele estava atrás dela? Fechou os olhos, sentindo as lágrimas escorrerem pelo rosto. Não queria ver mais ninguém ferido. Principalmente Gus. Mas como fazê-lo parar? Alguma coisa bateu no lado de fora do galpão. Charlie arregalou os olhos mas não se mexeu, nem sequer respirou. Spark Plug começou a rosnar baixo.

Capítulo 13

Gus ficou imaginando se ela voltaria. Prestou atenção, como se esperasse ouvir o motor do carro dela. Mas ela morava ali. Aonde poderia ir? Olhou para Vera, sentada do outro lado da mesa. Não, Charlie não deixaria a mãe. Nem a tia. Era evidente que elas dependiam de Charlie. E se algum dia ela pensou em fugir, ele suspeitava que já teria feito isso há muito tempo.

Mas ela já saíra havia tanto tempo que ele estava começando a duvidar.

– Acho melhor ver se posso ajudar Charlie – disse ele desculpando-se. Foi até a porta dos fundos e a abriu, esperando encontrá-la na varanda, evitando-o.

O céu se tornara cinza-escuro-acetinado, a neve caída deixava a noite menos escura do que antes. Podia sentir pequenos flocos de neve e ver sua respiração saindo em uma fumaça branca.

Foi até a beira da varanda. Havia pegadas na neve que iam até o galpão, os pinheiros se estendiam além.

– Charlie? – Foi quando ele ouviu o cachorro rosnar. Não conseguia ver Spark Plug, apenas escutá-lo, um rosnado baixo vindo do prédio anexo. – Charlie? Um pouco antes de chegar ao galpão, viu algo grande sair da parte escura do prédio. Na mesma hora, a porta do galpão se abriu e Spark Plug saiu rosnando. O rosnado do cachorro se transformou em um latido quando perdeu de vista a sombra que fugia pelo pinheiral.

Gus começou a seguir o cachorro e a pessoa que se afastava, mas Charlie saiu do galpão empunhando uma pá que refletia a luminosidade da neve.

– Sou eu! – disse ele antes que ela o atingisse. Ela parou, sua silhueta contornada por uma luz cinza sobrenatural, a pá levantada acima da cabeça, então ela cambaleou, deixando a ferramenta cair na neve. Ele a segurou, puxando-a para si de um modo desajeitado.

– Você está bem? – Ele podia sentir que ela tremia em seus braços. O simples fato de ela parecer satisfeita ao vê-lo era suficiente para ele desconfiar se ela estava realmente bem.

Ela assentiu contra o peito dele e respirou fundo. Mesmo com a pouca luz que vinha do galpão, ele conseguia ver os seus olhos escuros cheios de medo.

Spark Plug voltou correndo do pinheiral. Ouviram o barulho de um motor a uma certa distância, o som diminuindo conforme o carro ia embora. Uma caminhonete precisando de um amortecedor. Como aquela que passou pelo Murphy's na noite em que estava com Trudi.

– Quem era? – perguntou ele.

Ela balançou a cabeça e se afastou dele.

– Olha, dá para perceber que você está assustada. Fale comigo. Me diga o que está acontecendo.

Ela olhou na direção das árvores onde a figura desaparecera. – Já tentei contar, mas você não acreditou em mim. Alguém está tentando me culpar pelo assassinato de Josh.

Seus olhares se encontraram. O olhar dela fez com que ele se sentisse fraco. Da mesma maneira que o perfume doce e feminino que ela exalava.

Ele queria acreditar nela. Ah, neste momento, com ela tão próxima, ele realmente queria.

– E esse alguém tentará matar você – disse ela.

– Não se eu encontrá-lo primeiro.

Ela balançou a cabeça e deu um sorriso triste.

– Realmente vale a pena? Arriscar a sua vida por um livro estúpido? – É mais do que um livro – respondeu ele tranquilamente.

– Conversa fiada – disse ela. – Se está tão certo de que eu sou a sua assassina, então escreva um outro livro sobre uma mulher que matou o amante. É isso que você faz, não é? Ir atrás de assassinas? – Eu realmente acho que elas são as mais... intrigantes – admitiu ele.

– Só que Josh não era meu amante e eu não o matei – disse ela com raiva. – Mas você não liga para a verdade nem para Josh Whitaker. – Ela começava a se virar para voltar ao galpão, mas ele a agarrou e segurou seu rosto para que o encarasse de novo. – Eu ligo. E é mais do que um livro para mim. Muito mais. Josh era meu irmão.

Ela o encarou, surpresa.

– Sinto muito. Não sabia que Josh tinha um irmão. Gus assentiu e fixou o olhar na escuridão cheia de neve.

– Ele era meu meio-irmão. Nossa mãe se casou outra vez depois que meu pai morreu. Josh e eu não éramos... – ele engasgou nessa palavra – muito próximos. Eu era a ovelha-negra da família e Josh era... Bem, Josh era como você. Quase um santo.

Ela se soltou das mãos dele.

– Josh era um homem bom que se preocupava com as outras pessoas – disse ela defensivamente.

– E, e isso foi o que provavelmente causou a sua morte.

– É uma pena que você não esteja procurando o assassino em vez de tentar me culpar. Você já tem uma opinião formada sobre mim, não é mesmo? Nem tanto, ele pensou. Na verdade, quanto mais a conhecia, mais confuso e incerto ficava. E ele odiava isso.

– Tudo bem, digamos que alguém descobriu que você conhecia Josh e o atraiu até aqui para culpá-la pela morte dele – disse ele pensando na improbabilidade disso. – Como essa pessoa conseguiu o medalhão que Quinn deu pra você? Os olhos dela faiscavam.

– Não vejo aquele medalhão desde a noite em que o joguei em Quinn há sete anos no lago Freeze Out.

– Será que Quinn o pegou? – Não sei. Depois que joguei o medalhão nele, fui caminhar, estava com muita raiva dele. Acho que qualquer um pode ter pego.

Ele suspirou.

– E a morte de Quinn? E o acidente de Rickie Moss e o incêndio de T.J.?

– Não machuquei ninguém – falou ela, soando cansada. – Mas não espero que você acredite em mim. Você já acreditava que eu era a assassina mesmo antes de chegar à cidade, não é? Ele recuou ao perceber a verdade dessas palavras.

– Você tem de admitir que era a suspeita mais provável.

– Exatamente. Isso não faz você desconfiar nem um pouco? Com certeza fazia. E ela estava certa. Ele já tinha uma ideia preconcebida mesmo antes de saber que Charlie era ela. Queria pegar Charlie Larkin por Josh. Por ele mesmo, pois detestava quando um erro seu era comprovado. Porque devia ao irmão. Mas isso foi antes de conhecê-la. Antes de beijá-la.

Ele olhou para as árvores, pensando na pessoa que vira fugindo. Duvidava que Charlie iria atrás de qualquer um com uma pá. Mas não questionava o medo que vira em seu rosto. Ele queria mais que tudo provar sua inocência. E isso o assustava.

A atenção dela voltou-se para a casa, como se tivesse escutado algo, e na mesma hora se afastou dele.

Gus seguiu o olhar dela e viu a pequena figura de sua tia aparecer na varanda.

– Charlie? – chamou Selma. – Está tudo certo? – Não consegui achar o sorvete. Já vamos entrar – respondeu ela e virou-se para pegar o sorvete no galpão.

– Deixe que eu faço isso – disse ele, entrando no prédio.

Estava escuro, havia apenas uma pequena lâmpada acesa na parede em frente, e ao lado havia um freezer grande. Ele abriu e pegou uma caixa de sorvete de creme.

Ela ainda parecia assustada quando ele voltou e uma dúvida pairou sobre ele. De que ela tinha tanto medo? De a verdade vir à tona? Ou realmente tinha alguém atrás dela? Por um momento ele se sentiu culpado por estar entrando à força em sua vida. Por ter vindo atrás dela de modo implacável com uma única ideia na cabeça: provar que ela matara Josh.

– Se você deixar, posso ajudar você – ele se escutou dizer.

– Nós dois sabemos que você não veio aqui para me ajudar. É justamente o contrário. – Ela se virou e se afastou dele. Estava evidente que se arrependera de ter caído nos braços dele.

O cachorro se aproximou e cheirou a mão de Gus com um nariz gelado. Ele se abaixou para brincar com Spark Plug, observando Charlie seguir a estreita trilha de neve de volta para a casa e para a luz.

Por dentro, Gus sentia que estava em conflito, inseguro; detestava se sentir assim. Isso o amedrontava. Ele temia ser atraído por outra femme fatale. Além disso, nunca imaginara alguém como Charlie Larkin e nem a tentação de acreditar nela.

Gus e o cachorro seguiram-na até a casa. Quando entraram, ela estava mexendo na gaveta dos talheres. Seu rosto estava corado pelo frio, seus olhos brilhavam. Estava tentando fingir que nada acontecera no galpão e ele pensava no que ela temia mais: a pessoa para quem o cachorro rosnou ou aqueles poucos momentos com ele em que baixou a guarda.

– Deixe-me pelo menos servir o sorvete – disse ele, olhando-a fascinado e sentindo uma compulsão ainda mais forte não apenas em acreditar nela, mas também em se aproximar dela, se aproximar da verdade, não para prendê-la, e sim para libertá-la. Ela ficava ainda mais atraente aqui nesta casa, seu lar, com a tia e a mãe; e esse impulso de protegê-la tirava suas forças deixando-o cheio de desejo, o que o assustava.

Ele podia vê-la se preparando para discutir. – Você pode servir a torta – disse ela – enquanto eu sirvo o sorvete. – Ele levantou os olhos e viu Selma parada na porta os observando, com desconfiança e preocupação no olhar. – Já levaremos a sobremesa. Selma assentiu e com relutância saiu da cozinha, deixando-os sozinhos.

– Gosto da sua tia e da sua mãe – disse ele ao se aproximar dela e pegar a concha do sorvete de suas mãos ainda trêmulas.

Ela remexeu na gaveta de talheres mais uma vez, desta vez pegando uma faca.

– Só porque acredita que pode usá-las – disse ela com a faca na mão.

Ele sorriu e deu um passo para trás, fingindo que a faca na mão dela o assustava. Ela o assustava sim, mas não dessa maneira. – Não estou aqui para machucar ninguém, só para descobrir a verdade.

– Gostaria de acreditar nisso – falou ela, olhando para a sala onde a mãe e a tia conversavam, e depois para ele de novo.

– Nunca ouviu falar que a verdade libertará você? – perguntou ele, brincalhão.

– Então você deveria estar lá fora procurando o assassino e não aqui servindo sorvete. – Ela começou a cortar a torta, colocando as fatias nos pratos, era a mesma aqui na cozinha e na oficina.

Ele colocou sorvete em cada um dos pratos com torta quente, pensando se algum dia seria capaz de comer torta de abóbora sem associar o cheiro à Charlie Larkin.

Ela lambeu o lado do dedo em que ficou um pedaço de torta.

Ele observou a língua dela mover-se e deslizar pelo dedo, os olhos dela vindo ao encontro dos dele. O desejo queimava as veias dele, quentes o bastante para queimar a casa.

Ela abaixou o olhar e se virou para lavar as mãos, ficando de costas para ele.

Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente, lembrando dela em seus braços, desejando beijá-la de novo, mas desta vez por uma razão completamente diferente.

– Vocês têm certeza de que não precisam de ajuda? – chamou Selma.

– Não, acho que já terminamos aqui – disse ele. Ela ainda estava de costas para ele. Fechou a torneira e enxugou as mãos antes de se virar. Seu rosto estava ruborizado, mas a cozinha estava quente.

Ele levou dois pedaços de torta com sorvete para a sala de jantar.

Vera iluminou-se, batendo palmas ao ver a torta com sorvete.

– Adoro torta.

Ele colocou um prato na frente dela e o outro na frente de Selma, que o encarava.

– De que é a torta? – perguntou Vera, observando o prato como se nunca tivesse visto uma torta antes.

– De abóbora – respondeu ele, e escutou a porta dos fundos abrir e fechar.

– Charlie, pode deixar que eu guardo o sorvete no...

– Deixei na varanda por enquanto, está bem frio lá – disse Charlie atrás dele, surpreendendo-o. Ela não quisera voltar ao galpão. Não que ele pudesse culpá-la. Mas ainda assim o surpreendia. Ela realmente estava com medo do intruso.

Ele tentou se convencer de que ela encontrara alguém no galpão que não queria que ele visse, e que a história da pá tinha sido apenas uma distração para que ele fugisse, mas nem ele conseguia acreditar nisso.

Charlie colocou um dos pratos de torta com sorvete no lugar dele na mesa e, com o seu na mão, sentou-se, sorrindo para a mãe.

– Acho que Selma se superou desta vez, mãe.

– Selma, foi você quem fez? – perguntou Vera incrédula. – Achei que você não soubesse cozinhar.

Um silêncio de constrangimento tomou conta da mesa enquanto Gus puxava a cadeira e se sentava.

– Esta é a melhor torta de abóbora que já comi – disse ele depois do primeiro pedaço. Era verdade. Percebeu que Charlie o olhava como se tudo que ele falasse fosse mentira. – É verdade. Está... uma delícia. – Comeu outro pedaço enquanto observava Charlie. – E fica uma delícia com sorvete.

Ela comeu um pedaço como se também estivesse gostando. Ele gostava de vê-la comendo. Diabos, gostava de vê-la fazer quase tudo. Ela não poderia ter matado Josh ou qualquer outra pessoa. No entanto, ele sabia que a base disso nada tinha a ver com fatos ou provas.

– Não consigo mais comer – disse Vera, parecendo cansada, empurrando o prato quase intocado.

Gus terminou e colocou o guardanapo sobre a mesa.

– Obrigado por uma refeição maravilhosa e uma companhia tão agradável. – Olhou de Vera para Selma e depois para Charlie onde demorou-se mais. – Pelo menos, deixem-me ajudar com a louça antes de ir embora.

– É muito gentil de sua parte – disse Selma. – Mas não é necessário.

– Isso mesmo – concordou Charlie. – Está ficando tarde. Tenho certeza de que você vai querer voltar antes de as estradas ficarem com mais neve ainda. – Ela levantou-se e olhou diretamente para ele. – Boa noite, Sr. Kilcy.

-Gus.

Ela levantou uma sobrancelha.

– Achei que fosse Augustus T.? Ele sorriu. Foi ela quem espalhou esse apelido na cidade inteira, como se não soubesse.

– Para você, é Gus. – Eles se olharam.

– Acho que vou deitar – disse Vera levantando-se um pouco cambaleante. – Não sei por que estou tão cansada.

– É o tempo – disse Selma, rapidamente se levantando para ajudá-la. – O inverno sempre deixa você um pouco mais cansada.

– Deixa? – Vera franziu a testa e sorriu para ele. – Obrigada pela torta. Estava uma delícia. Imagina um homem fazendo tortas! – Soltou um risinho enquanto Selma pegava em seu braço e as duas iam para o quarto. – Ele não sabe nem fritar um ovo. Espero que ele não tenha ajudado a preparar o jantar. Ele saiu para guardar o sorvete? – Saiu – respondeu Selma. – Ele foi lá fora. – Ele é tão bom para mim – disse Vera sorrindo. – Tenho sorte de ter um marido como ele, não tenho? – Tem sim – concordou Selma quando entraram no quarto; era possível notar que uma parte da sala de estar tinha sido convertida em um quarto. Gus pôde

ver duas camas iguais e percebeu que Selma dormia no mesmo quarto da irmã. O que significava que o quarto de Charlie ficava no andar de cima. Era claro que Vera não podia ficar sozinha.

– Você já estava indo embora? – disse Charlie atrás dele.

– Ela tem algum tipo de doença? – perguntou ele calmamente ao se virar para olhá-la.

Ela acenou com a mão e olhou para o nada, mordendo o lábio inferior por um momento, seus olhos marejados de lágrimas.

– Alzheimer.

Ela parecia tão vulnerável, enfraquecida pela doença da mãe. Ele queria tomá-la nos braços e tentar amenizar a sua dor. Mas sabia que apenas a aumentaria, pois não podia parar de procurar o assassino de Josh. Se ela fosse culpada. Esse maldito "se" estava cada vez maior.

Ela foi até a porta dos fundos, abriu e a segurou para ele.

– Boa noite, Sr. Riley. Ele a seguiu.

– Gus. – Ele ainda podia sentir o cheiro do sabonete na pele dela. Seus olhares se encontraram por alguns preciosos segundos, então ela desviou.

– Está ficando tarde.

Ele assentiu, sabendo que ir embora seria a coisa mais inteligente que poderia fazer agora. Ela pegou o casaco e entregou para ele.

– Seja cuidadoso, Gus.

– Você também.

Ele deu de ombros ao pegar o casaco, não queria deixá-la sozinha, sozinha com a mãe e com a tia que não poderiam ajudar se a pessoa que estivera no galpão voltasse. Mas ele não podia ficar, mesmo se ela quisesse. Ele se sentia fora de órbita, confuso e excitado, sentia medo por ele e por ela. Escrever o livro e pegar o assassino significava tudo para ele, não significava? Ele devia isso a Josh. Falhara com ele em vida. Não podia falhar agora.

Passou pela porta indo para a escuridão fria.

– Boa noite, Charlie. – Pegou a caixa de sorvete e levou para o galpão, depois caminhou pela neve até o carro.

O motor ligou depois de morrer algumas vezes. Ele imaginou qual devia ser a temperatura do lado de fora. Mais frio do que jamais sentira. Deixou o motor do carro esquentar por alguns minutos, uma nuvem de gás branco saindo pelo escapamento enquanto o desembaçador começava a funcionar, soltando ar frio pelas aberturas.

Limpou o para-brisa com uma das luvas que comprara junto com o casaco e viu Charlie observando-o pela janela da cozinha. Pensou em Vera e Selma e no que ela fazia por elas. Sentia-se fraco em relação a ela. Droga, esquecer que

Charlie era suspeita de assassinato, mesmo que por um momento, poderia ser fatal. Natalie Burns ensinara isso a ele da pior maneira. Só que Charlie Larkin não se parecia em nada com Natalie.

O para-brisa já estava desembaçado e agora ele conseguia ver. Passou a marcha à ré. Charlie ainda o observava pela janela. Foi embora, relutante. O desejo de provar a inocência de Charlie tocava como um sino de liberdade em sua cabeça.

Charlie esperou até que Gus finalmente fosse embora, entrando em um nevoeiro de ar frio, as lanternas traseiras desaparecendo entre as árvores alinhadas em torno da estreita estrada coberta de neve que levava à estrada para a cidade ou à autoestrada. Então pegou o casaco e foi para o atalho que levava à cidade e que pegara na noite anterior.

Com o feixe de luz de sua lanterna, encontrou as pegadas de bota na neve. Era impossível identificar pelas pegadas se a pessoa que estivera no galpão era homem ou mulher. As pegadas que iam para a casa estavam mais juntas; as que saíam da casa mostravam claramente uma pessoa correndo.

Caminhou até a estrada mais próxima, encontrou as marcas onde o intruso estacionara. Pelas marcas de pneu, era uma caminhonete. Olhou para a estrada e não viu nada, apenas a escuridão e os pinheiros contornados por um céu sem estrelas. Por duas noites, Spark Plug espantara alguém. Nas duas vezes, a pessoa saíra na mesma caminhonete, que tinha um amortecedor barulhento. Forest Simonson tinha uma caminhonete com o amortecedor ruim. Mas a maioria dos homens que conhecia tinha uma caminhonete que precisava de um amortecedor novo. Graças ao inverno de Montana.

O que será que a pessoa na caminhonete queria? Apenas atormentá-la? Ou procurava por Gus? Sentiu uma pontada ao pensar nisso, pois o carro dele estivera ali esta noite.

Pegou o caminho de volta para casa antes que sentissem sua falta e queria terminar de lavar a louça antes que Selma voltasse para a cozinha.

– Consegui fazer Vera dormir – disse a tia, puxando uma cadeira da mesa.

Charlie podia sentir a exaustão em sua voz.

– Você não pode continuar nesse ritmo. Selma olhou para ela, surpresa.

– Estive pensando – disse Charlie, suavizando a voz ao puxar uma cadeira em frente à tia. – Logo precisaremos de alguém para ajudar com a mamãe, então por que não fazer isso agora? Mesmo antes de Charlie terminar, Selma já estava negando com a cabeça.

– Estamos indo bem.

– Estou preocupada com você. Fico impressionada com a força e com a capacidade que você tem com essa idade...

– Não comece de novo com essa história de idade. Charlie se inclinou sobre a mesa e colocou a mão sobre a de Selma.

– Você sabe o que estou tentando dizer.

Selma olhou para ela, a dor brilhando em seus olhos.

– Que você acha que não consigo continuar até o fim.

– Você sabe que não é isso que estou dizendo. Estou preocupada com você.

Sobre... – Olhou da sua tia para a janela em que observara Augustus ir embora. – Se alguma coisa acontecer e eu não estiver aqui para ajudar...

– Não quero ouvir isso – disse Selma puxando a mão.

– Talvez seja melhor você ouvir – sussurrou Charlie, lembrando que esta era a segunda vez em duas noites que alguém estivera rondando a casa. A prova contra ela era muito forte. E não acreditava nem por um instante que a pessoa que estava tentando incriminá-la pelo assassinato de Josh fosse parar.

– As coisas sempre se acertam no final – disse Selma, endireitando as costas antes de se levantar da cadeira. – De toda maneira, não se trata apenas de encontrar alguém para ajudar. Não aqui no interior.

Charlie começou a discutir, mas Selma a cortou.

– Nós duas estamos cansadas. Tenho certeza de que nos sentiremos melhor depois de uma boa noite de sono.

O que Charlie não daria por uma boa noite de sono. Selma tocou em seu ombro quando passou para o quarto.

– Não quero mais falar sobre alguém para ajudar. Você sabe que sua mãe não gostaria disso.

Depois que ela saiu, Charlie pensou em Gus. Sentia-se dividida entre se preocupar com a segurança dele e se preocupar com qual seria o próximo passo dele.

Fixou o olhar na noite, com medo.

Gus se pegou pensando nas histórias que escutara no jantar, principalmente aquelas sobre Charlie e seu pai. Era obvio que Charlie idolatrava o pai e passava muitas horas com ele na oficina. Gus conseguia entender agora por que ela se tornara mecânica e ficara na cidade.

Não podia deixar de admirar sua evidente lealdade à família. Era claro que Charlie faria qualquer coisa por ela. Esse era o motivo por que era difícil imaginar que ela fizesse qualquer coisa que pudesse afetar esse relacionamento. Perceber isso estava destruindo seus pensamentos.

Tentou se concentrar na estrada estreita e cheia de neve quando saiu da casa da fazenda. Nunca dirigira na neve.

Adiante, uma curva fechada contornava o lado de uma encosta. A estrada circundava a margem de um riacho. É claro que não havia nenhuma proteção. Nada

além de ar entre ele e as pedras cobertas de neve no riacho. Cobrindo o riacho, a neve acumulada formava uma superfície lisa e brilhosa.

Tirou o pé do acelerador, com medo de estar muito rápido para a curva e tocou nos freios.

No momento em que seu pé tocou no freio, ele soube, uma imagem de Charlie Larkin veio a sua cabeça. Meu Deus! Ele pisou no freio freneticamente por alguns instantes, o pânico tomando conta completamente do bom senso. Tarde demais para reduzir, ele pensou.

A estrada virou, sumindo pela esquerda em um despenhadeiro que terminava no riacho pedroso abaixo. Ele virou o volante e sentiu a traseira do carro começar a rodar. Tentou endireitar quando o carro deslizou em direção à beira da estrada. O carro desviou para o outro lado, em direção à encosta. A traseira do carro alugado bateu na barragem. O carro rodou na outra direção, indo para o barranco e para o riacho.

O pneu traseiro esquerdo atravessou a lateral da estrada primeiro. Gus observava incrédulo enquanto ele e o carro passavam pela margem.

Capítulo 14

Charlie ouviu o som de uma sirene e se sentou na cama. Não tinha certeza se realmente estivera dormindo ou se estava deitada apenas acordada, esperando.

Saiu da cama e seguiu o som agudo até a janela que dava para o norte. Mesmo daqui, ela conseguia ver através das árvores as luzes piscando e sabia que acontecera algo na curva.

Rapidamente se vestiu, tentando não deixar a mente viajar para muito longe. Mas o medo apertava sua garganta e o som de seu coração abafava tudo menos a sirene. Seu coração batia tão forte que parecia que ia matá-la. O que, na verdade, seria um alívio bem-vindo.

Mas ao ligar a van, sabia que morrer seria a forma mais fácil – não havia forma mais fácil para se livrar de tudo isso.

Muito antes de chegar à curva, viu as luzes do carro do xerife bloqueando a estrada. Desviou a van para o acostamento o máximo que pôde sem que caísse na vala ou na neve mais funda. Então, saiu do carro e caminhou em direção à curva, tentando ver além das luzes do carro de polícia o que estava acontecendo.

– Parada aí – disse um policial uniformizado quando ela se aproximava. Ela o reconheceu na hora. Ele levou um segundo. – Senhorita Larkin – disse Fred Mitchell parecendo aliviado. Conhecera-o um ano atrás quando o xerife foi ao posto de gasolina perguntar sobre Josh Whitaker.

– Vi as luzes pela janela do meu quarto. – Ela que se sentia culpada ou ele a olhava como se duvidando de sua história? – A sirene me acordou. O que aconteceu? – Seu coração parecia estar entalado na garganta.

– Houve um acidente – disse Fred. – Um carro caiu no riacho.

Ela assentiu, desconfiava que fosse isso.

– Alguém se machucou? – Sua voz estava rouca, demonstrando toda sua tensão e medo.

– Ninguém morreu. Acho que o motorista só estava em estado de choque, mas a ambulância está levando-o para o hospital de Libby por segurança.

O ar noturno de repente pareceu muito rarefeito. Ela passou os braços por volta de si, respirando com dificuldade.

– Você está bem? – perguntou ele, avançando para segurar seu cotovelo.

Ela assentiu, lágrimas enchendo seus olhos enquanto tentava não chorar.

– Pode ter sido alguém que conheço. Um homem que jantou na minha casa mais cedo.

– De acordo com a carteira de motorista, o nome dele é Augustus T. Riley – disse Fred.

– Ah. – Foi o único som que conseguiu emitir. Seu corpo começara a tremer.

– Parece que andava muito rápido e derrapou na curva. Não é a primeira vez que isso acontece neste trecho da estrada. E tenho certeza de que não será a última. Sendo da Califórnia, provavelmente, ele não estava acostumado a dirigir na neve.

Ela assentiu, batendo os dentes.

– Não há nada que possa fazer aqui – disse Fred ao soltar seu cotovelo e olhá-la de perto. – É melhor ir para casa antes que morra de frio. Tenho certeza de que seu amigo ficará bem.

Gus não era seu amigo. Longe disso. Ela assentiu e voltou para a van.

– A propósito – chamou ele. – O reboque está levando o carro para sua oficina até que o Sr. Riley decida o que vai fazer. Não amassou muito, levando em consideração que deslizou pela barragem e foi parar no riacho.

– Obrigada. – Ela nem se virou. Continuou andando, pisando na neve, o corpo agitado com o agora tão familiar terror. Gus saíra da estrada a um quilômetro de sua casa. Quais eram as chances de isso ser um acidente? Dirigiu de volta para casa, sabendo que não conseguiria dormir pelo resto da noite, mas sem ter nenhum lugar para ir.

Subiu as escadas em silêncio, não queria acordar a mãe e a tia. Só conseguia pensar em Gus, dando graças a Deus por ele não ter morrido. Nem se machucado gravemente.

Por que ele não a escutara? Tentara avisá-lo. Seu corpo tremia em uma combinação de medo e alívio.

A pior parte era que ela sabia que esse acidente não iria dissuadi-lo. Não, pelo contrário. Se ela conhecia Augustus T. Riley como achava que estava começando a conhecer, isso apenas o deixaria mais determinado. Mas e se não tivesse sido um acidente? Não era isso que ela tanto temia? Antes de amanhecer, ela vestiu o macacão e foi para a oficina. Os faróis da van refletiram no carro alugado de Gus que estava do lado de fora da oficina, onde o reboque o deixara.

Charlie estacionou e, pegando a lanterna no porta-luvas, saiu e caminhou até o carro de Gus. O céu estava cinza-chumbo. A neve cobria a cidade de um modo tão profundo e frio como o silêncio intenso. Nenhuma luz estava acesa em nenhum outro lugar. Nenhum barulho. Nenhum carro na autoestrada. Estava completamente sozinha, exatamente como achara que ficaria.

Diminuiu o passo ao se aproximar do carro, uma torrente de possibilidades passando por sua cabeça. Alguma coisa fácil. Óbvia. Cortar a lona de freio. Ou desativar o mecanismo de direção. Algo que sobreviveria ao acidente. Algo que levaria a ela.

Iluminou a parte de baixo do carro. Um arranhão grande se estendia pela blindagem na parte atingida quando o veículo deslizou pelas pedras até o riacho. Chegou mais perto, então ajoelhou para olhar embaixo do motor, a lona de freio. O coração acelerou. Agarrou a lanterna, mas as mãos tremiam tanto que a luz oscilava. O que vira era o bastante para confirmar suas piores suspeitas.

As pernas de repente não conseguiram aguentá-la. Caiu na neve, alheia ao frio e à umidade, e encostou a cabeça nos joelhos. Qualquer investigador veria o corte na lona de freio e saberia imediatamente que a batida de Gus não fora um acidente.

Poderia colocar uma lona de freio nova. Não levaria muito tempo. O xerife nem questionaria as marcas em volta do carro. Poderia dizer a ele que apenas dera uma olhada no carro. Nem isso seria estranho desde que ela pudesse fazê-lo funcionar e a agência de aluguel não teria de pagar o reboque até Missoula.

Ninguém precisaria saber. Só ela.

Podia perceber o céu clareando a sua volta. Se fosse fazer, tinha de fazer agora. Conserte a lona. Proteja-se.

Gus estava esperando havia tanto tempo no frio que já se convencera de que Charlie não viria, e já estava comedindo a se sentir culpado por estar escondido com uma câmera e um binóculo. Não tinha percebido o quanto queria que ela não aparecesse até a hora em que viu os faróis da van e se encheu de um arrependimento esmagador.

Mas lá estava ela e muito cedo para abrir o posto. Charlie fora direto para o carro e iluminara a parte de baixo, rumo se soubesse que a lona de freio fora cortada, o que Gus descobrira mais cedo.

Não queria acreditar que ela tinha algum envolvimento com o seu acidente. Mas então, o que ela estava fazendo aqui antes do amanhecer? Será que ela esperava que o dano fosse maior e que destruiria qualquer prova contra ela? Ninguém questionaria o acidente nesse caso. Apenas um californiano que perdeu a direção em uma estrada cheia de neve.

E aqui estava ele esperando e desejando que a pessoa para quem o cachorro rosnou tenha cortado a lona de freio.

Temia estar encarando a verdade. Charlie estava ali. Por quê? O que ela faria em relação à lona de freio cortada? Sentiu-se mal. Se ela cortara a lona de freio, a única maneira de ter esperança de não ser incriminada era consertar antes que alguém visse.

De seu esconderijo, observou-a pelo binóculo, e a câmera com a lente teleobjetiva estava ao seu lado. Não fora fácil conseguir os dois equipamentos em Libby depois de ter alta do hospital na noite passada. Mas o desespero geralmente faz coisas surpreendentes.

Charlie levantou-se da neve devagar. Logo estaria claro. Por que ela não agia? Se fosse cobrir seu rastro, não tinha muito tempo antes de a cidade acordar.

Ela apagou a lanterna e caminhou lentamente pela semiescuridão antes do amanhecer até a oficina.

Gus batia os pés para tentar aquecê-los. Mesmo com todos os acessórios de inverno que comprara na loja de Emmet, estava gelado. E desapontado.

Por que ela não se apressava um pouco? Estava tão confiante de que ninguém suspeitaria que ela adulteraria as provas em plena luz do dia? Sentiu uma pontada com esse pensamento quando se lembrou do que Trudi dissera sobre ninguém acreditar em nada ruim sobre Charlie Larkin.

Uma luz se acendeu no escritório do posto de gasolina, depois na oficina. Vamos lá, Charlie. Os pés dele estavam congelando. Não sabia havia quanto tempo estava observando o carro alugado que estava todo amassado, há quanto tempo estava esperando por ela. Estava com frio, e neste momento só queria ver tudo acabado.

Quando ela saísse com as ferramentas para encobrir o crime, ele pegaria a câmera. Não era isso que ele queria? Uma prova forte contra ela? Se ela tentara matá-lo, então existia mais do que uma boa chance de ter matado Josh. Gus sabia que devia se alegrar. Estivera certo sobre ela desde o início.

Não suspeitara que ela cortara a lona de freio no momento em que tocara no freio e o pedal afundara? E ainda tivera aquele instante de incredulidade. Charlie não. Não a Charlie que ele estava começando a conhecer.

Observava a luz do escritório do posto de gasolina, esperando Charlie sair com as ferramentas para consertar a lona de freio, desejando que ela o surpreendesse como fizera tantas vezes nos últimos dois dias.

Então onde ela estava? Charlie estava parada na porta entre o escritório e os galpões da oficina, impressionada com a sensação única de que se olhasse, veria o pai perto da bancada de ferramentas, uma xícara de café na mão, esperando ela aparecer para poder falar sobre o último trabalho.

Ele adorava ser mecânico, comparava a profissão à de um detetive. Cada carro chegava com um mistério, a maioria muito fácil pelos seus anos de experiência, mas de vez em quando aparecia um que o desafiava. Aqueles que adorava e falava a respeito por dias, da mesma maneira que policiais falavam sobre casos difíceis que solucionaram.

Ela quase podia sentir sua presença, o sentimento tão forte que poderia jurar ter sentido o cheiro do café forte que ele adorava tomar.

Sentindo uma dor imensa, desviou o olhar para a bancada de ferramentas, com medo de encontrar o fantasma dele lá, e ao mesmo tempo com medo de não encontrá-lo.

O lugar onde seu pai ficava estava vazio.

Lágrimas saíram de seus olhos, uma mistura de alívio por não estar ficando louca e de uma decepção insuportável. Neste momento, não existia ninguém que ela desejaria ver mais do que seu pai.

Já sentira sua presença na oficina outras vezes, uma presença tão forte que ela quase se virara para ele, para pedir um conselho, ou contar sobre um trabalho recente que ele gostaria de saber. Mas nenhuma das outras vezes tinha sido tão forte como nesta manhã e ela sabia por quê.

Ela fechou os olhos, tinha consciência de que o céu já estava claro lá fora, de que o tempo passara. Mas não tinha pressa, pois sabia que não consertaria a lona de freio. Nunca planejava fazer isso. Não podia. E a lembrança de seu pai só a deixou mais consciente disso.

Abriu os olhos, o céu estava de um tom prateado-claro lá fora. Outro dia. Gus estaria saindo do hospital. Estaria voltando para Utopia para destruí-la com uma vingança.

Afastou-se dos galpões vazios e foi para trás do balcão do escritório. Josh fora assassinado e agora cortaram a lona de freio do carro de Gus. Desde a morte de Quinn, todo homem que se aproximou dela foi ferido – ou assassinado.

Gus ainda estava vivo. Talvez se ela agisse rápido... Pegou o telefone e discou o número do xerife Bryan Olsen.

– Que diabos! – praguejou Gus ao observar Charlie ao telefone no escritório da oficina pelo binóculo. Esta não parecia uma boa hora para ligar para ninguém.

Ela desligou, mas não saiu com as ferramentas. Será que ela não ia consertar a lona de freio? Uma onda de esperança o inundou. Será que ela não cortara a lona de freio? Dez minutos depois, o carro do xerife parou em frente a oficina. Charlie saiu do escritório do posto de gasolina, trancando a porta. O xerife saiu da viatura e caminhou na direção do carro que se envolvera no acidente. Abaixou-se para inspecionar embaixo do carro. Charlie se juntou ao xerife.

Parecia que ela estava apontando a lona de freio cortada.

– Que diabos! – sussurrou Gus, com a respiração gelada, e percebeu que estava com um sorriso nos lábios.

Guardou a câmera e o binóculo na bolsa e atravessou a rua para se juntar a eles enquanto o sol atingia os pinheiros.

– O que houve? – perguntou ele. Charlie não parecia tão surpresa em vê-lo.

– Parece que você está bem – disse ela, parecendo tudo menos preocupada com o bem-estar dele.

– Um pouco fraco – disse ele. – Nada preocupante.

Ela encontrou o olhar dele, definitivamente não parecia preocupada. Em vez disso, parecia furiosa com ele, como se a culpa fosse dele.

O xerife ficou de pé.

– Parece que cortaram a lona de freio do seu carro – disse para Gus com um suspiro. – Charlie me ligou agora há pouco para me contar. Alguma ideia de quem possa ter feito isso? Gus olhou para Charlie. Ela olhava para ele como se esperasse que ele a denunciasse.

– Não faço ideia – disse ele olhando de volta para o xerife. – Tenho certeza de que Charlie lhe falou sobre o intruso na propriedade dela ontem à noite.

O xerife olhou-a com surpresa.

– Na verdade, não.

Ela estava balançando a cabeça. – Chequei as marcas. Poderia ser qualquer um da cidade usando botas de neve e dirigindo uma caminhonete com amortecedor ruim. O xerife sacudiu a cabeça e olhou para Gus de novo.

– Vou trazer os peritos até aqui, mas duvido que encontrem mais alguma coisa no carro que possa ajudar. Posso mandá-los para ver a casa também. – Gostaria que você não fizesse isso – disse Charlie. – Só vai chatear minha mãe e minha tia, e posso assegurar que não há nada para encontrar.

O xerife pareceu não gostar.

– Tudo bem, Charlie, se o Sr. Riley concordar. Foi ele quem parou no riacho.

Gus deu de ombros.

– Confio no instinto de Charlie.

O xerife olhou para ele como se tivesse perdido a cabeça. Ou qualquer outra parte valiosa do corpo.

– Tenho mais notícias ruins – disse o xerife para Charlie.

Pela expressão dela, era possível notar que não precisava de mais notícias ruins neste momento.

– E sobre Wayne Dreyer – disse o xerife amavelmente. – Ele morreu ontem à noite. Sinto muito, Charlie, sei que vocês eram amigos.

Charlie ficou branca como uma folha de papel. Gus já ia segurá-la, certo de que desmaiaria. Mas alguma força interna a manteve de pé.

Gus lembrou-se do rapaz que entrara na oficina ontem e pegara os dois se beijando.

– O que aconteceu com ele? – perguntou Gus.

– Sofreu um acidente ontem à noite – explicou o xerife. – Depois que você me ligou, Charlie, e disse que tinha visto o carro de Wayne na lateral da estrada ao sul com um pneu furado, liguei para a casa dele. A mãe disse que ele estava bem e que tinha voltado para trocar o pneu. Recebi outra ligação, uma batida na estrada

para Libby, eu não soube de Wayne até mais tarde. O macaco deve ter escorregado enquanto ele trocava o pneu. Aconteceu por volta das oito e meia. Um caminhoneiro o encontrou preso debaixo do carro um pouco depois disso.

Tudo que Gus escutou foi a hora do acidente. Estivera com Charlie na casa dela jantando com a tia e com a mãe a partir das oito e vinte e cinco. Charlie tinha um álibi muito bom dessa vez: ele. Se foi um acidente. Parecia muita coincidência numa hora Wayne estar desesperado para contar algo para Charlie e na seguinte estar esmagado embaixo do carro.

Gus olhou para ele, ansioso para ficar sozinho com ela, que lhe contara ontem que achava que alguém estava tentando incriminá-la pela morte de Josh. Ele tinha um mau pressentimento de que o assassino estava cansado de só tentar incriminá-la. Gus receava que Charlie fosse a próxima vítima.

Capítulo 15

Charlie só queria ficar sozinha. Wayne estava morto. Dissera que tinha algo importante que precisava contar para ela. Estivera agindo de modo estranho no lago na noite anterior e agora estava morto. Outro acidente.

– Temos de conversar – disse Gus assim que o xerife saiu.

– Agora não – disse ela, passando por ele e indo para a van. O dia estava cinza, não tinha sol, o ar estava pesado, prometendo neve, as árvores eram contornadas pelo céu prateado. Encaixava-se perfeitamente com o seu estado se espírito.

Ele agarrou o braço dela e virou-a para ele.

– Agora sim. Estou preocupado com você. Ela estava furiosa com ele desde a hora em que o viu sair do esconderijo mais cedo.

– Acha que não sei o que estava fazendo do outro lado da rua? – disse ela, jogando limpo com ele.

Ele levantou as mãos como se estivesse se rendendo.

– Você teve a chance de consertar a lona de freio e de se proteger e não o fez. Eu tinha de saber.

A única coisa que podia fazer era balançar a cabeça para ele.

– Não consertei a lona de freio. O que isso prova? – Apenas confirma o que meus instintos já me diziam. Ela levantou uma sobrancelha.

– Seus instintos? – Pensara que tivessem ido bem mais longe na noite anterior, mas era óbvio que estava errada. – E o que seus instintos estão dizendo agora? – Que eu estava errado sobre você no início – disse ele, as palavras pareciam difíceis de ser ditas. – Sinto muito.

Ela o encarou com dúvida no olhar, sabia que era difícil para ele confiar, dado o que acontecera no caso de Natalie Burns. Na noite passada, quando os freios do carro dele não funcionaram, ele deve ter achado que ela e Natalie eram muito parecidas: ambas tinham tentado matá-lo.

Mas ela não podia evitar a raiva. E a dor.

– Se você espera que eu pule de alegria com essa notícia, sinto muito por decepcioná-lo. – Na noite passada, ela se permitira acreditar que ele realmente queria ajudá-la. Mais do que isso, sentira uma ligação entre eles. Fora tão forte que...

Ela balançou a cabeça, admirada com o que estava pensando. Ela e Gus não eram apenas de mundos diferentes, eram de planetas diferentes. Los Angeles, Califórnia, e Utopia, Montana. Anos-luz de distância. Exatamente como o que cada um deles fazia para viver.

– Então, o que mudou? – perguntou ela.

– Você. Quer dizer, não você, mas a maneira... O que estou tentando dizer é que você não é como eu pensava.

Ele esticou o braço para acariciar seu rosto com a mão protegida pela luva.

– Charlie, eu me importo com você. Quero lhe ajudar.

Ela deu um passo para trás, fora de seu alcance.

– Não quero conversar sobre isso, não agora. – Ela se sentia muito desprotegida. Muita coisa acontecera. A morte de Josh. Agora a de Wayne. E pior, ela se sentia responsável por ambas.

– Você não é responsável pelo que aconteceu com Wayne – disse Gus como se lendo seus pensamentos.

Fuzilou-o com o olhar.

– Mas você suspeitava que eu era, não suspeitava? – Eu desconfio de todo mundo – disse ele, parecendo nervoso, mas com ele mesmo e não com ela. – É o que faço. Não posso me permitir confiar em um suspeito.

– É isso que sou, não é? Uma suspeita? – Você era, e talvez ainda seja para o xerife, mas não acredito que você matou Josh. Sei que não poderia ter matado Wayne porque estava com você na hora em que ele morreu. – O olhar dele amoleceu. – Não acredito que você machucaria alguém.

Ela olhou para o rosto bonito dele, seu coração sentia uma dor estúpida. Ela podia ver o quanto fora difícil para ele dizer essas palavras, confiar de novo. Ela não queria que ele confiasse nela mais do que queria que a beijasse de novo ou a tomasse nos braços e dissesse que tudo ia dar certo. Porque sabia que não ia.

Fechou os olhos, incapaz de olhar para ele sem fraquejar.

– Gus, alguém cortou a lona do freio do seu carro.

– E eu vou encontrar quem fez isso. Lentamente ela abriu os olhos.

– Se ele não encontrar você primeiro. Gus sorriu.

– Você continua me subestimando.

Não, ela pensou, de maneira alguma. Talvez esse seja o motivo de seu coração sempre bater um pouco-mais rápido quando ele estava por perto, de o ar parecer estalar com expectativa, de o mundo parecer mais intenso quando ele estava perto dela. Soubera imediatamente que ele era perigoso, mas não o quanto.

– Detesto o fato de você estar arriscando a sua vida para encontrar o assassino – disse ela com raiva. – Não faz sentido. Não trará Josh de volta. Nem vai deixar sua consciência tranquila.

– Você acha que não sei disso? – perguntou ele entre os dentes cerrados.

– Então por que não desistir agora enquanto há tempo? – alegou ela. – O xerife pegará o assassino. Você terá a justiça que tanto quer. E escreverá outros livros.

Ele agarrou os braços dela e a puxou para si.

– Acha que posso desistir agora? Sabendo que alguém quer incriminar você pelo assassinato? Sabendo o modo como me sinto... – Os lábios dele cobriram os dela.

Ela sentiu que era quase impossível não se perder nessa boca quente, na firmeza desses lábios, no sussurro dessa respiração.

Ela se afastou, o coração acelerado.

– Por favor, Gus. – Sentiu lágrimas em seus olhos. Não tinha mais certeza do porquê estava protestando.

Ele balançou a cabeça.

– Deixe-me ajudar você.

Ela o encarou, finalmente admitindo para si mesma o que queria: tudo que poderia desejar de um homem como Augustus T. Riley.

– Não quero a sua ajuda, Gus. Não quero que você arrisque a sua vida por minha causa. Agora, por favor, deixe-me sozinha. – Virou as costas para ele, sentiu as lágrimas queimarem. Maldito.

– Para onde você vai? – perguntou ele atrás dela.

– Para casa.

Ela entrou na van e desceu a rua, sem olhar para trás. Esperava que ele desistisse disso, se salvasse. Não conseguia suportar a ideia de vê-lo ferido. Ou pior, morto. E ainda, a única maneira de fazer com que ele parasse era se afastando dele.

Gus queria chutar alguma coisa. Observou Charlie sair enquanto praguejava em voz baixa. Pelo menos, ela ia para casa. A mãe e a tia estavam lá. Estaria segura. Ele esperava. Na noite passada, alguém entrara no quintal de Charlie e cortara a lona do freio do carro dele. Essa pessoa ousaria voltar em plena luz do dia? O assassino parecia estar atrás dos namorados de Charlie. Não dela. Ciúmes parecia o motivo óbvio. Mas se Gus estava certo, tudo começara com a morte de Quinn, então vingança também poderia ser o motivo. Entre esses dois, havia muitos suspeitos, incluindo Trudi, T.J., Rickie, Forest, Phil e Earlene.

Enquanto observava a van virar para a estrada do município e desaparecer, não conseguia se livrar da sensação de que o tempo estava se esgotando. De que tinha razões para se preocupar com Charlie.

Ficou parado um momento, sem saber qual devia ser o próximo passo. Talvez o assassino viesse atrás dele. Não de Charlie.

Quando estava atravessando a rua, ouviu o barulho de uma caminhonete com o amortecedor ruim vindo pela rua. Virou, esperando ver a caminhonete de Forest Simonson. Era de uma cor escura, mas não da mesma cor que a de Forest. A caminhonete parou no Pinecone Café e T.J. Blue saiu.

Gus decidiu que estava na hora de tomar o café da manhã. Entrou no carro com tração nas quatro rodas que alugara em Libby e dirigiu para o Pinecone Café, lembrando que a caminhonete que ouvira na noite passada saindo da rasa de Charlie tinha um amortecedor barulhento. Como também tinha a caminhonete que vira passar pelo Murphy's na noite em que Trudi estava lá.

Spark Plug não foi correndo encontrar Charlie quando ela apareceu no quintal. Estacionou e procurou o cachorro, imaginando se ele não estaria na floresta dificultando a vida dos esquilos.

Encontrou um bilhete no balcão da cozinha. Sentiu um aperto no peito.

"Emmet e eu levamos sua mãe para o hospital. Ela está bem, não se preocupe. Levou um pequeno tombo. Parece que o pulso está destroncado. Não sabia onde encontrar você. Ligo mais tarde, Selma." Charlie lutou com as lágrimas. Devia estar aqui. Agora não tinha ideia da hora em que saíram. Pegou o telefone e ligou para o Hospital Geral de Libby e pediu para falar com o pronto-socorro. Demorou apenas alguns minutos até sua tia atender.

– O pulso dela destrancou – disse Selma. – O médico vai imobilizar e dar algum remédio para passar a dor, mas ela está bem.

– Vou encontrar vocês aí – disse Charlie.

– Não há razão para isso. Sua mãe está bem, de verdade. Mas deram remédio para dor e querem que ela passe a noite aqui para verem se terá alguma reação adversa com os medicamentos que está tomando. Já ia ligar para você. Vou ficar aqui com ela.

– Você tem certeza de que é só isso? – perguntou Charlie. – Acho que eu deveria estar aí.

– Não. Sua mãe precisa descansar e a sua presença a deixará agitada. Bryan está aqui. Ele me levará para comer alguma coisa.

– O xerife? – Ele soube que Vera e eu estávamos no hospital – disse Selma. – Ele me contou sobre Wayne. Sinto muito, Charlie.

Charlie não podia fazer mais nada a não ser assentir ao telefone.

– Não vou abrir a oficina hoje.

– Isso mesmo. Prepare uma xícara de chá para você e tome um longo banho quente – aconselhou Selma. – Isso sempre ajuda.

Charlie desligou, balançando a cabeça. A tia achava que uma xícara de chá resolvia quase qualquer problema. Mas um banho quente parecia uma ótima ideia.

A casa parecia estranha, diferente, como se ela não tivesse passado a melhor parte de seus vinte e seis anos ali. Como se não conhecesse cada tábua quebrada, cada torneira mal vedada, cada canto da casa.

Era o silêncio, ela pensou ao parar na sala de estar. Raramente houvera silêncio nesta casa. Não com a sua mãe e Selma conversando o tempo todo desde

quando ela se lembrava. Sempre tinha alguém em casa quando Charlie voltava do colégio, da faculdade, do trabalho. Sempre tinha algo cozinhando no fogão e algum cheiro maravilhoso para sentir ao chegar em casa.

No entanto, parada na grande sala de estar, a lareira apagada, apenas o tique-taque suave do relógio antigo do avô acima da lareira, teve um lampejo do futuro sem a mãe, sem a tia, e a casa pareceu tão vazia quanto ela se sentia. Não conseguia suportar isso.

Rapidamente, andou pela casa, acendendo as luzes e por fim ligando a água na banheira do andar de cima. Tentava não pensar. Não havia nada que pudesse fazer por Wayne. Sua mãe estava bem. E Gus... Esse homem era imprudente, não era de se estranhar que não conseguisse tirá-lo da cabeça. Dizia para si mesma que ele estava fazendo pelo livro. Pelo irmão. Não por ela. Não importava o que ele dissesse.

Fechando a porta do banheiro, tirou o macacão e todas as camadas de roupa que usava como uma armadura para protegê-la. De quê? Dos homens? Ou de si mesma e da necessidade de ser abraçada, de amar e de ser amada? Ao tirar a última camada de roupa, percebeu que só existia um homem do qual a armadura não conseguira protegê-la: Gus.

Nada podia protegê-la dele porque ele parecia determinado a destruir esse muro que ela erguera ao redor de si, mesmo se isso o matasse, e ela temia que isso acontecesse.

Onde ele estava? Será que tomara juízo e saíra da cidade? Esse pensamento doeu por dentro, mas o pensamento de ele ficar e se machucar, ou morrer, a deixava arrasada.

Perguntava a si mesma quanto tempo levaria para Bryan vir prendê-la. Talvez essa fosse a vontade do assassino, vê-la atrás das grades. Gus estaria salvo.

O vapor tomou conta dela ao entrar na banheira cheia de água quente e fechar a porta do box.

Ao deslizar para a maravilhosa água quente aromatizada com sais e cheia de espuma, ela desejou parar de pensar em Gus, pelo menos por uns poucos instantes. Mas a temperatura quente da água em sua pele fez com se lembrasse de seu toque. Sentiu a dor profunda dentro de si se tornar insuportável. O que a fizera pensar que conseguiria viver sem o toque de um homem? Parecia possível até conhecer Gus. Mas agora ela sabia que se afastar dos homens não era a solução. Era só ver o que acontecera com Josh. Alguém o matara, e por quê? Josh nunca se interessara sexualmente por ela, e nem ela por ele.

Ela abriu a água quente e deixou-a correr por alguns minutos, o vapor aumentando até ela se sentir envolvida em um casulo de algodão molhado. Recostando-se, fechou os olhos, mas nem mesmo a água quente era capaz de

expulsar os pensamentos de Gus de sua cabeça, de seu corpo. A lembrança de seus beijos estava impressa em seus lábios assim como a sensação de estar em seus braços fortes. Pela primeira vez na vida, estava apaixonada por alguém. Não teria uma hora pior. Nem escolha. Gus era completamente errado para ela. Afundou na água quente, tentando não chorar.

Uma tábua estalou no andar de baixo na sala de estar, Ela abriu os olhos, sentando-se enquanto prendia a respiração e escutava. Outro estalo. Alguém estava no andar de baixo.

O Pinecone estava quase vazio a esta hora da manhã. T.J. Blue sentara em um banco no balcão e agora estava debruçado sobre sua xícara de café.

– Bom dia, Gus – disse Helen. Ela colocou uma xícara no balcão enquanto ele sentava em um banco perto de T.J. e pensava sobre tê-lo visto com Jenny Simonson no dia anterior.

T.J. não notara sua presença, mas Gus podia sentir a tensão vindo desse homem como se fosse um cheiro ruim.

– Bom dia, Helen – disse Gus, sentindo como se estivesse nesta cidade há semanas e não dias.

– O prato de hoje é panqueca de amora, dois ovos com presunto e café. Três e quarenta e nove.

– Só café – disse ele, sem fome nenhuma.

Ela encheu a xícara dele, lembrando-se de que ele gostava de preto, e saiu.

No outro lado do balcão, estava Marcella sentada no penúltimo banco, como de costume, tricotando. Ele imaginou se essa mulher vivia nesse banco.

Escutou Helen dizer a Marcella que Trudi não aparecera para trabalhar esta manhã.

– Eu vi você conversando com Jenny Simonson ontem – disse Gus para T.J., imaginando que o que o preocupava logo apareceria.

T.J. virou a cabeça, as narinas se abrindo, pronto para brigar.

– Não é da sua conta com quem eu converso.

– Não pude deixar de notar que ela tinha um olho roxo – disse Gus calmamente.

T.J. voltou sua atenção para o café.

– Também não é da sua conta.

– É da sua? T.J. bufou.

– Você só está perguntando isso agora – disse mantendo a voz baixa. As mulheres estavam na outra extremidade do balcão. Gus não achava que elas estariam prestando muita atenção, mas sabia que Helen era capaz de escutar uma meia dúzia de conversas ao mesmo tempo, dado todos os anos trabalhando no café.

– Acho que ouvi falar que o seu carro saiu da estrada ontem à noite – disse T.J. – Adivinhe. Alguém na cidade não gosta de você.

– Tem ideia de quem pode ser? – perguntou Gus. T.J. olhou para ele de um jeito que insinuava que tinha muita gente para enumerar e que ele próprio encabeçava lista.

Gus tomou um gole do café.

– Há quanto tempo Forest vem batendo nela? T.J. não respondeu, mas segurou a xícara com mais força até que os nós dos dedos ficassem brancos.

– Você deve saber o que Forest vai fazer quando descobrir sobre vocês dois – disse Gus, perguntando a si mesmo se deveria pressioná-lo mais, perguntando o quanto ele podia ser perigoso.

A xícara quebrou na mão de T.J., café e cacos de louça se espalharam pelo balcão.

– O que houve? – questionou Helen vindo na direção deles com um pano de prato na mão.

T.J. ficou de pé. Jogou uma nota de cinco dólares no balcão e disse: – Desculpe pela xícara, Helen. – Dito isso, virou e saiu.

Helen olhou para Gus.

– Quer me explicar o que aconteceu? – Muita cafeína, eu acho – disse Gus, virando-se para observar T.J. sair, os pneus da caminhonete espirrando gelo e neve. T.J. e Jenny. Gus praguejou, com medo do que Forest faria quando descobrisse. E como poderia não descobrir em uma cidade deste tamanho? Helen suspirou e lançou um olhar impaciente para Gus. Encostou o quadril no balcão como se fosse falar para ele o que estava pensando, mas antes que a porta pudesse fechar depois da saída de T.J., abriu de novo. Os dois se viraram para ver Trudi entrar parecendo arrasada e arrependida.

Rapidamente foi para a cozinha deixar o casaco e a bolsa, e então voltou e logo encheu a xícara de café de Marcella.

Helen apenas gemeu e olhou para o nada.

– Mais café? – perguntou Trudi, segurando o bule acima da xícara quase vazia de Gus. Estava fria com ele desde aquela primeira noite. Mas por ele, tudo bem.

Ele sacudiu a cabeça.

– Tenho de ir.

Emmet Graham entrou quando Gus estava levantando para sair.

– Café, Emmet? – ofereceu Helen.

Ele assentiu e se sentou em um banco.

– Acabo de voltar de Libby. Vera levou um tombo essa manhã. Levei-a junto com Selma para o hospital.

– Vera está bem? – perguntou Gus, com o coração acelerado.

Todos olharam para ele por um momento antes de Emmet dizer: – Quebrou o pulso, mas está bem. Querem que ela passe a noite lá, pois estão preocupados em como os analgésicos vão reagir com os remédios para Alzheimer. Selma ficou com ela.

Gus sentiu uma onda de alívio, mas durou pouco. Olhou para a autoestrada. Charlie estava em casa sozinha.

– Existe algum caminho mais rápido para chegar à casa de Charlie que não seja pela estrada do município? – perguntou a Emmet.

– Tem um atalho pelas árvores, mas terá de atravessar o riacho – disse ele enquanto Gus corria para a porta. – Você o encontrará à direita do caminho. É só seguir para o norte.

– Obrigado – agradeceu sobre os ombros enquanto pegava o casaco e saía, incapaz de parar de pensar sobre a lona de freio cortada, sobre a pessoa que Spark Plug enxotara da casa de fazenda na noite passada. Charlie sozinha naquela enorme casa velha. E se ele estivesse errado sobre ela estar segura?

Capítulo 16

Assim que chegou, Gus notou duas trilhas formadas por pegadas recentes que iam na direção da varanda. Ao segui-las, alcançou a porta da frente, que estava entreaberta. Passou correndo pelas pegadas.

– Charlie? Charlie! Ouviu um grito vindo de dentro da casa, seguido pelo som de vidro quebrando. Nem pensou em pegar uma arma quando passou correndo pela cozinha. Também nem percebeu que estava gritando o nome dela: – Charlie! Charlie! Ouviu a barulho de passos na escada e uma porta abrindo. Depois um uivo assustado de cachorro ao longe. Spark Plug? Contornou o canto da sala de estar a tempo de ver o movimento entre os pinheiros no lado de fora da casa.

Gus sabia que nunca conseguiria pegar o intruso e tinha de ver Charlie. Subiu as escadas correndo.

– Charlie! – Havia pegadas molhadas de neve nas escadas. Seguiu as pegadas até a porta parcialmente aberta do banheiro, morrendo de medo do que encontraria.

Ele parou e lentamente empurrou a porta, o coração entalado na garganta. Um soluço veio de dentro do banheiro.

– Charlie? – Gus! Ele entrou e encontrou o espelho acima da pia estilhaçado, cacos prateados brilhando no chão azulejado. Charlie estava em pé totalmente nua e molhada no canto da banheira cheia segurando um frasco de xampu, metade da porta de vidro do boxe aberta, um olhar de puro terror em seus olhos.

– Charlie – disse ele em um sussurro e ela pulou em seus braços abertos, largando o xampu para entrelaçar os braços no pescoço dele enquanto a levantava e a carregava para um canto, longe do espelho quebrado. Ele pegou uma toalha amarela grande e macia da prateleira, enrolou em volta dela, aconchegando-a no colo e em seus braços. Ele a puxou para si como se esse simples ato pudesse espantar todos os seus medos.

– Está tudo bem – disse ele encostado em seu cabelo molhado, em seu rosto quente. – Está tudo bem. – Ele não tinha certeza de qual dos dois estava tentando convencer.

Depois de alguns minutos, ele se afastou um pouco para ver o rosto dela. Havia um brilho elétrico em seus olhos castanhos, estava ruborizada pelo calor do banho e pelo medo.

– Está tudo bem – sussurrou ele, a voz rouca e tensa de desejo. – Fique aqui enquanto eu desço para trancar a porta? Ela assentiu lentamente.

Quando ele voltou alguns minutos depois com um roupão que encontrara no quarto, ela ainda estava encolhida no canto, enrolada na toalha.

– Encontrei o Spark Plug preso no galpão – disse ele. – Agora ele está lá embaixo e a porta está trancada. Vocês estão a salvo.

– Obrigada – murmurou ela.

– Você viu quem era? – perguntou ele de modo gentil.

Ela balançou a cabeça.

– Tudo que vi foi uma figura escura através do vidro embaçado, depois uma mão com luvas abrindo a porta do box. Acho que gritei, agarrei o vidro de condicionador e joguei.

Ele assentiu, ajoelhando ao lado dela.

– Parece que atingiu o espelho. – Ele tocou no rosto dela, enxugando uma lágrima com o polegar. – Liguei para o xerife, Charlie. Ele acabou de encontrar Forest Simonson apressado na estrada do município a menos de um quilômetro daqui indo para a cidade.

– Forest. – Ela olhou para ele, lágrimas brotando em seus olhos.

Ele se aproximou dela, pegando a toalha ao entregar-lhe o roupão.

Os dedos dela tremiam enquanto tentava amarrar o cinto. Ele tirou a faixa da mão dela. Os olhares se encontraram. Ele amarrou o cinto em volta de sua cintura fina e passou os dedos em seu rosto. Lágrimas molhavam os seus cílios quando pegou os dedos dele em sua mão e os trouxe até os lábios.

Seus olhos fixos nos dele, tão cheios de promessas. Ele a prendeu em seus braços como se toda a sua vida estivesse direcionada para este único momento.

Ela ficou na ponta dos pés para beijar seu rosto, depois o canto de sua boca, depois os lábios; sua respiração quente e suave. Ela o puxou para si, seus lábios se entreabrindo, agarrando-se a ele como se agarrasse a vida. Seu beijo era uma reafirmação.

A paixão que queimava há dias entre eles explodiu em uma chama viva e vibrante. Ela deu beijos suaves no rosto dele até chegar à boca e oferecer o doce sabor de seu néctar. Ele a desejava como jamais desejara nada antes. Podia sentir o calor de sua pele através da roupa. Esse pensamento deixou suas pernas trêmulas.

Os dedos dela desabotoaram o casaco dele, encontrando abrigo embaixo da camisa, seu toque causava dor e prazer.

Ele pegou-a nos braços, levou-a até o quarto e colocou-a na cama. Ela o puxou enquanto suas mãos se ocupavam em tirar as roupas dele. Ele afastou uma mecha de cabelo molhado do rosto dela e apoiou seu queixo na palma da mão, levantando-o, fazendo os dedos dela pararem.

– Charlie? – disse ele, a voz baixa e pesada de desejo.

Ela olhou nos olhos dele e lentamente desamarrou o cinto do roupão. O tecido escorregou por seus ombros. Ele a observava, o desejo aumentava conforme o corpo escondido embaixo de toda aquela roupa era revelado. Há quanto tempo ela vinha escondendo tanta sensualidade? Um nó formou-se em sua garganta, uma dor no peito dificultando a respiração. Ele não merecia isso. Não depois de tê-la tratado daquele modo.

– Charlie.

Ela tocou os lábios dele com a ponta dos dedos, os olhos brilhavam com um desejo incontrollável. Sorriu ao puxá-lo para mais perto. O beijo dela era quente e exigente, suas mãos mais uma vez ocupadas em tirar-lhe a roupa. Um suspiro lhe escapou dos lábios quando suas mãos alisaram o peito nu dele. Charlie olhou para ele.

– Gus. – Foi tudo que ela conseguiu dizer. Charlie nunca sentira nada parecido com isso. Já fizera sexo antes, mas nunca fizera amor. Um amor lento, cheio de emoção e sensualidade. O resto do dia foi marcado pelas lembranças do corpo quente e forte dele, entrelaçada em seus braços dormindo e fazendo amor. Palavras sussurradas, suspiros saciados e deliciosos cochilos, livre do medo enquanto estivesse nos braços de Gus.

Ela acordou, sabendo mesmo antes de abrir os olhos que ele se fora. Repentinamente, sentou-se, sentindo o coração acelerar. Escutou-o no andar de baixo e sorriu.

– Olá – disse ela da porta da cozinha.

Ele se virou e sorriu, o olhar acariciando-a antes de dizer: – Estou preparando chocolate quente e sanduíches. Achei que você estaria faminta.

– Não mais – disse ela, devolvendo o sorriso.

– De comida – disse ele tranquilamente enquanto se aproximava dela, puxava-a para si e a beijava.

– Na verdade, chocolate quente e sanduíches parecem uma ideia maravilhosa. – Ela foi até a mesa onde tinha um álbum de fotos aberto.

– Apenas curiosidade – disse ele respondendo ao olhar questionador dela enquanto colocava na mesa duas xícaras de chocolate e dois pratos com sanduíches. – Você era uma criança linda. E é uma mulher deslumbrante – falou ele, mordiscando o pescoço dela antes de se sentar ao seu lado.

Estar tão perto dele deixava sua pele em brasa. Era difícil respirar e apenas olhá-lo lembrando de tudo que compartilharam. Ela sentia o sangue ferver. Por ele. Pelo amor que fizeram. Por essa virada singular em sua vida. Gus viera para cá por causa da morte de Josh. Esse pensamento causou-lhe um sentimento estranho que também a amedrontou. Durante anos sentira que não merecia ser feliz. Toda vez que tentava, a felicidade era arrancada dela.

Somente desta vez, não conseguia suportar esse pensamento. Desta vez, significava muito.

– Estas são você e Jenny? – perguntou Gus, mudando de assunto ao apontar para uma das fotos.

Ela assentiu ao olhar para a foto das duas. Deviam ter uns seis anos.

Ele virou mais algumas páginas, parando em algumas fotos dela e sorrindo.

– Achava que a minha infância tinha sido perfeita, por ter crescido perto do mar em Laguna Beach, mas, pelo que vejo nestas fotos, a sua foi maravilhosa.

– Foi mesmo. -; Ela teve de admitir. – Pais que me adoravam, tia Selma... – Solto um suspiro. – Na verdade, a cidade inteira. Em um lugar tão pequeno como Utopia, as pessoas se preocupam com as outras.

– Então era bom até Quinn morrer? – perguntou ele. Ela podia sentir o seu olhar tão próximo. Ela assentiu.

Foi quando tudo mudou.

– Precisamos falar sobre isso agora? Quero dizer, Bryan está com Forest detido...

Ele passou os dedos pelo rosto dela.

– Precisamos sim, minha querida. O xerife não pôde manter Forest preso. Tudo que ele pôde fazer foi multá-lo por alta velocidade. Bryan sugeriu que você consiga uma medida cautelar contra Forest pela manhã.

– Só isso? – Acho que só, Charlie. Não há nenhuma prova de que Forest foi quem entrou na casa mais cedo, você não conseguiu vê-lo e ele estava usando luvas. Além disso, ele só entrou na casa. A porta não estava trancada. Não arrombou nem invadiu. Nenhum crime.

Ela suspirou.

– E também não podemos ter certeza de que ele é a pessoa que está tentando incriminar você pelo assassinato de Josh – disse Gus calmamente. – Forest é apenas o primeiro na lista de suspeitos. Não descartaria Phil Simonson ou TJ. Blue a esta altura. Trudi Murphy também parece capaz. E ainda há Earlene que estava grávida. Provavelmente existia outra mulher...

Ela pensara nisso.

– Você está errado sobre Earlene.

– Espero que sim. Gosto dela.

Charlie pegou o álbum e passou algumas páginas, sua coxa roçando na dele ao chegar mais perto. Parou em uma grande fotografia colorida que parecia ser uma formatura.

– Você estava linda – disse Gus, ignorando o rapaz na fotografia para olhar para Charlie em um vestido de formatura justo verde-esmeralda que acentuava tudo nela.

– Obrigada. – Ela soava tímida, embaraçada.

Ele desviou o olhar para o rapaz que estava ao lado dela na foto e sentiu uma pontada que não conseguiu explicar. Seria apenas ciúmes? – Tem uma coisa que não entendo. Você e Quinn terminaram, certo? Então por que entrou no carro naquela noite e, sem falar nada, deixou que ele levasse você para o lago? Ela soltou uma gargalhada curta e áspera.

– Deixá-lo? Quinn só fazia o que queria. Mas eu não teria entrado no carro se não fosse por Jenny.

Gus recuou como se tivesse surpreso.

– Jenny? – Ele de repente sentiu que estava começando a entender. Jenny e Quinn. Será que existia uma razão para a filha dela parecer-se tanto com o filho de Earlene? – Quinn estava flertando com Jenny para me deixar com ciúmes desde que tínhamos terminado. Fiquei com medo que ele a usasse para se aproximar de mim.

– O que Jenny sentia por Quinn? – perguntou ele, com o coração acelerado.

– Tenho certeza de que Jenny estava lisonjeada pela atenção, mas ela era muito esperta para cair nessa. De qualquer forma, ela já devia estar namorando Forest. – Charlie franziu a testa. – Tenho certeza de que ela nunca me contou nada sobre ela e Forest porque sabia que eu não gostava dele. Até tentei quando Jenny casou com ele, mas foi impossível.

– Conheci Forest – disse Gus. – Posso imaginar que ele sempre tenha sido um babaca e a amargura pela morte do irmão só fez com que piorasse.

– Não acho que Forest sinta nem um pouco a falta de Quinn. Os dois nunca se deram bem. Forest tinha muito ciúme de Quinn, que era mais esperto e popular, além de ser bom nos esportes e mais bonito que Forest. – Ela voltou algumas páginas para mostrar uma foto de Forest e Quinn com uns cinco anos.

Gus sentiu o coração acelerar ainda mais. Skye Simonson e Arnie Kurtz não podiam parecer mais com Quinn.

– Charlie. – Ele apontou para a foto. – Tem certeza de que Jenny não estava interessada em Quinn? Você com certeza notou como Skye e Arnie se parecem um com o outro e com Quinn.

Ela fixou o olhar na fotografia de Quinn quando tinha a idade de Arnie e de Skye. Lágrimas brotaram em seus olhos.

– Gus, você não acha...

– Você disse que não sabia que ela estava namorando Forest – disse Gus apontando as evidências. – Quinn estava atrás de Jenny para deixar você com ciúmes. E considerando quando Jenny e Earlene deram à luz e o quanto as crianças se parecem com Quinn...

Charlie sentia como se tivesse levado um soco. Encostou, afastando o álbum da mesma maneira que queria afastar essa suposição...

– Não – murmurou ela. De repente muitas coisas se encaixavam. Por que ficara tão surpresa quando Jenny casou com Forest? – Não fazia ideia que Jenny estava grávida, mas estranhei a correria para casar com Forest. Ela disse que eles estavam namorando em segredo. Mas por que faziam isso? Jenny e Quinn. É claro. Charlie fechou os olhos, a traição doía tanto agora quanto teria doído sete anos atrás. Não suspeitara que Quinn estivesse vendo outra pessoa bem antes de saber da gravidez de Earlene? Sentiu-se mal ao lembrar.

– Se isso for verdade... – Lembrou-se de como Jenny de repente parou de ligar e de procurá-la. A distância entre elas começara antes da morte de Quinn, antes do noivado e da correria para casar com Forest, antes de qualquer um suspeitar que Charlie Larkin fosse a assassina.

Ela abriu os olhos marejados de lágrimas.

– Sinto muito – disse Gus.

– Não é por causa de Quinn. Sabia que ele não era fiel, mas não ligava. É por causa de Jenny. Ela era minha melhor amiga. Mas se você estiver certo, isso explica muitas coisas – falou Charlie tranquilamente.

– Inclusive o motivo pelo qual Forest abusa dela? – perguntou ele.

Ela o olhou surpresa.

– Forest nunca pareceu ligar para Skye – disse ela, percebendo que isso era verdade. – Ou para Jenny, para falar a verdade.

– Acredita que Jenny estava na festa no lago naquela noite? Ela assentiu, imaginado onde ele queria chegar com isso.

– Estava apenas pensando em duas jovens grávidas assustadas vendo Quinn na tentativa de voltar para você na festa... Posso imaginar como elas devem ter se sentido – disse Gus.

Ela o encarou por um momento, depois levantou e foi para a janela.

– Elas devem ter odiado Quinn. Devem ter me odiado. Ele chegou por trás dela, suas mãos grandes tocando-lhe os ombros suavemente. A tensão em seus músculos, começou a desaparecer. Ela soltou um suspiro e se recostou nele, fechando os olhos.

– Você contou tudo isso a Josh – disse ele, massageando seus ombros, suas mãos pareciam o paraíso. – Você falou nomes? Ela assentiu.

– Então ele conhecia todos os personagens – disse Gus.

– Em que você está pensando? – perguntou ela, não querendo que ele parasse com a massagem, não querendo abrir os olhos.

– Josh tentou falar com você, ele estava com o medalhão que Quinn tinha dado para você, aquele que você jogou nele na noite em que ele morreu – disse

Gus. – É um palpite, mas para ele estar com o medalhão, parece razoável que tenha tido contato com a pessoa que o guardou por todos esses anos. Com a pessoa que o pegou na festa. Essa pessoa deve ter dado o medalhão para Josh ou o deixou em algum lugar que pudesse encontrá-lo.

Gus soltou-a e voltou para ver o álbum.

– Todos os nossos suspeitos estavam na festa daquela noite, certo? Qualquer um deles poderia ter pego o medalhão. Mas qual ligação podem ter tido com um médico do pronto-socorro de Missoula? Ela abriu os olhos e estava observando-o.

– Miles descobriu que Phil Simonson foi levado para o hospital de Missoula no dia de seu acidente – disse Gus. – Josh estava de plantão. Isso significa que Forest e Jenny provavelmente estiveram lá. Earlene também levou o filho para o pronto-socorro em uma outra ocasião em que Josh estava de plantão.

– Vejo onde você quer chegar com isso – disse ela. – Josh se sensibilizou pela vida de uma mãe solteira. Ou de uma esposa que sofre abusos.

Gus assentiu. Charlie se sentiu mal.

– Tem uma coisa que preciso contar. Ontem à noite, voltei à cabana depois que você foi embora. Tinha notado alguma coisa no chão perto da lareira. Alguém tem ido até lá. Encontrei um brinquedo de Quinn no chão. Esse brinquedo Arnie pegou de Skye Simonson no colégio e teve de devolver. – Ela assentiu, já antecipando a próxima pergunta. – Arnie devolveu o brinquedo pouco antes do corpo de Josh ser encontrado.

– Jenny – disse ele.

– Acho que ela deve ir até lá às vezes, talvez quando Forest abusa dela – disse Charlie, percebendo que o que Gus suspeitara realmente podia ser verdade. Ninguém tentara ajudá-la. Possivelmente, a exceção seria Josh.

– Não acho que ela vá lá sozinha – disse Gus. – Eu a vi com T.J. Blue ontem atrás do depósito de cascalho fora da autoestrada. Ela estava nos braços dele.

Charlie olhou para ele surpresa.

– T.J.? Se Forest descobrir... – Seu coração parou. – Gus, e se Forest suspeitou que ela estava encontrando alguém e a seguiu até o lago? E se ela estivesse lá com Josh? Ele praguejou.

– Essa coisa toda está parecendo uma bomba-relógio pronta para explodir e tenho medo de que você de alguma forma seja o centro disso.

Um arrepio frio subiu pela espinha dela.

– Você não acha que a morte de Quinn foi um acidente, não é? – Não sei.

– Não posso acreditar que Jenny ou Earlene faria alguma coisa para me machucar – disse ela, rezando para que isso fosse verdade.

– E o marido de Jenny? Ou o sogro? Ou Rickie Moss? Se ele achar que você é a responsável pela cicatriz dele...

Ela cobriu o rosto com as mãos.

– Não consigo suportar a ideia de que alguém nesta cidade me odeie tanto assim. – Ela olhou para ele, lágrimas entristecendo seus olhos. – São pessoas que conheço desde que nasci. É mais fácil acreditar em algum tipo de maldição ou que...

– Que de alguma maneira você pode ser responsável? – perguntou ele suavemente.

Ela assentiu, lágrimas ardendo em seus olhos à medida que escorriam.

Ele a puxou para si abraçando-a.

– Você não é responsável. Não se preocupe, vamos descobrir quem é. Juro.

Capítulo 17

Charlie acordou para a escuridão. Piscou e sentiu que o lado da cama em que lembrava ter visto o corpo quente de Gus estava vazio. Ele tinha ido embora. De novo. Então, escutou o barulho de louça e torneira aberta na cozinha. Chocolate quente e sanduíches de novo? Olhou para o relógio: cinco horas da manhã. Colocando o roupão para cobrir sua nudez, correu para descer as escadas, não queria ficar nem um minuto longe dele.

– Dormiu bem? – perguntou Helen com um ar de quem sabia, enquanto continuava a lavar a louça na pia.

– Onde está Gus? – perguntou Charlie, notando decepcionada que ele não estava em nenhum lugar, e o casaco dele não se encontrava mais no gancho atrás da porta.

– Teve de sair por um momento – disse ela dando de ombros. – Ele me pediu que ficasse aqui até que voltasse. Ele me contou sobre o Forest, ou pelo menos quem acha que entrou na casa. – Balançou a cabeça. – Me conta sobre essa loucura. – Fez uma pausa e olhou para Charlie. – Você está bem? Charlie assentiu de um modo tolo e endireitou o roupão.

– É bom ver um pouco de cor no seu rosto para variar – disse Helen, sorrindo.

– Ele disse aonde ia? Helen negou com a cabeça.

– Está com fome? Posso preparar alguma coisa.

– Não, obrigada. – Sentiu um arrepio ao pensar aonde Gus poderia ter ido a essa hora da manhã. Deve ter sido algo importante ou ele não a teria deixado. Disso ela tinha certeza. Então o que pode tê-lo feito sair? – Quem vai abrir o Pinecone? – Trudi – disse Helen fazendo uma careta. – Mas Emmet prometeu passar por lá para se certificar de que ela não colocou fogo no lugar. – Riu e depois apertou os olhos. – Não tente me mandar embora. Vou ficar aqui com você. Não tem o que discutir.

Charlie percebeu que discutir realmente seria uma perda de tempo. De qualquer forma, só conseguia pensar em Gus e aonde ele fora.

– Vou me vestir.

– Vou fazer um café para nós – disse Helen.

Ao subir as escadas, Charlie achou que se lembrava de alguma coisa durante o sono. O telefone tocando. Só uma vez. Gus deve ter atendido antes que tocasse de novo.

Subiu as escadas ainda mais preocupada. Sentira-se tão segura nos braços de Gus, mas nenhum deles estava seguro, principalmente Gus. Muito menos agora

que eram amantes. Se o assassino descobrisse...

No momento em que viu o identificador de chamadas, reconheceu o número. Sentiu o coração acelerar no peito. Era o telefone de Jenny, aquele que Charlie discara recentemente para convidar a ex-amiga para almoçar. O número de Jenny e de Forest. Ele ligara para sua casa. Conversara com Gus. E agora Gus não estava mais aqui. Será que foi encontrar Forest? Vestiu rapidamente o jeans e a suéter, incapaz de voltar a vestir roupas largas depois de uma noite com Gus. Sua cabeça estava a mil por hora. O que Forest poderia ter dito para convencer Gus a sair a esta hora? Pegou o telefone e discou o número, não tinha certeza do que planejava dizer quando Jenny atendesse. Só esperava que Jenny soubesse para onde Forest fora.

– Alô.

Charlie ficou tão surpresa que não conseguiu responder logo.

– Forest? Silêncio do outro lado.

– Que diabos você quer? – Parecia que ela o tinha acordado. Ela não sabia o que dizer, com medo de perguntar por Jenny, com medo de perguntar por que ele ligara agora que tinha certeza de que ele não estava com Gus.

Ela já ia desligar quando ele xingou e perguntou: – Onde está Jenny? Não pense que eu não sei que vocês têm se encontrado pelas minhas costas. – Ele soltou uma gargalhada sem nenhum humor.

Ela podia ouvir que ele se vestia correndo.

– Ela acha que sou um tolo, que não sei aonde ela vai e com quem ela encontra. Ela pensa que não sei sobre o esconderijo secreto dela no lago. – Parecia que ele tinha largado o telefone.

Ela podia escutá-lo batendo nas coisas, depois dizendo coisas do tipo "aquela vagabunda mentirosa, traidora".

Mas foram as últimas palavras dele antes de desligar que a deixaram tremendo: – Vou matá-la. Vou matar os dois.

Charlie olhou para o telefone por um instante, depois colocou-o no gancho. Se Forest não ligara para Gus encontrá-lo, então Jenny ligara. Desceu as escadas correndo.

Helen arregalou os olhos quando Charlie pegou a espingarda na última prateleira e apressadamente apanhou uma meia dúzia de cartuchos na gaveta da cozinha.

– Charlie? – interrogou Helen, parecendo assustada.

– Ligue para o xerife Olsen. Diga a ele que Gus foi para o lago encontrar Jenny. Forest está indo para lá, ameaçando matá-la. Matar os dois. – Charlie pegou o casaco no gancho atrás da porta e vestiu. Pegou a espingarda.

– Vou para lá avisar Gus.

– Com uma espingarda? – perguntou Helen.
– Há quanto tempo Gus saiu? Helen olhou para o relógio.
– Há uns quinze minutos. Mas ele disse para não deixar você sair antes que ele voltasse.

Charlie levantou uma sobrancelha.

– Você não vai tentar me impedir, vai? Helen sorriu de um modo triste e negou.

– Conheço você há muito tempo para saber que não devo nem tentar. Vou ligar para Bryan agora. – Pegou o telefone. – Tenha cuidado. Ninguém sabe o quanto Forest é perigoso. Tentei falar isso para a idiota da Trudi. Juro que ela está de olho naquele crápula desde o colegial. Charlie foi para a van, tirando tudo da cabeça, menos Gus. Tinha de chegar ao lago antes de Forest. De qualquer modo, o xerife não estaria muito longe dela. Com sorte, ela conseguiria alcançar Gus a tempo.

Ao passar pela velha árvore que ficava perto da janela do seu quarto, lembrou-se do verão em que ela e Jenny tinham doze anos. Charlie costumava descer escalando a árvore tarde da noite para encontrar Jenny. Formaram o próprio clube e se encontravam no quintal. Era o segredo delas.

Jenny. Charlie não podia deixar de pensar nos outros segredos que Jenny deve ter guardado por todos esses anos. Lembrou-se das fotos no álbum enquanto dirigia para a estrada do município. Como nunca percebera o quanto Arnie e Skye eram parecidos e o que isso poderia significar? Como nunca desconfiara sobre Jenny e Quinn? Porque não quisera, percebeu. Não quisera ver, como não quisera perceber por que Jenny casara com Forest, por que suportara o abuso dele por todos esses anos.

Foi por isso que Jenny ligara para sua casa? Porque precisava de ajuda? Ou Jenny sabia quem matara Josh? Será que atraía Gus para o lago com esse pretexto? Josh era o tipo de homem que também concordaria em encontrar Jenny no lago, Charlie pensou sentindo um arrepio. Josh sabia que Jenny quase se afogara lá. Sabia sobre a velha cabana dos Simonson. Jenny deve ter perdido a virgindade com Quinn lá, exatamente como Charlie e Earlene. E se a pessoa que tem ido à casa do lago for Jenny, se escondendo na cabana com Skye, para fugir de Forest...

Mas como Jenny podia encontrar conforto na cabana se foi lá que Quinn se aproveitou dela? A menos que Jenny realmente estivesse apaixonada por ele. Era possível Jenny ter boas lembranças da cabana e de Quinn? Esse pensamento assustou Charlie. Se Jenny estivera apaixonada por ele, então fazia sentido ela nutrir sentimentos ruins por Charlie.

Dirigiu pela autoestrada, os pinheiros erguiam-se negros contornados pelo céu ainda escuro. Doía só de pensar em Jenny. Às vezes, a verdade a encarava de frente e ela se recusava a ver. Como a estranha semelhança de Skye com Quinn. Como a cidade ignorar o fato de Forest abusar de Jenny. E Jenny suportar isso.

Charlie se sentia culpada por não ter feito nada para ajudar a amiga. Mas o que poderia ter feito que não piorasse ainda mais as coisas? Forest odiava Charlie, culpava-a pela morte de Quinn. Contanto que Charlie ficasse longe de Jenny... De repente, Charlie percebeu que não fizera isso. Convidara a amiga para almoçar e Forest descobrira. Colocara a amiga em um perigo ainda maior? E agora Forest estava indo para o lago. Exatamente como fizera na noite em que Josh morrera? Os faróis iluminaram a entrada para o lago Freeze Out, Charlie diminuiu, ansiosa para chegar lá, para avisar Gus sobre Forest. Tinha a espingarda no banco ao seu lado. O pensamento a assustou. Mas não tanto quanto Forest machucar Gus.

Entrou na estrada estreita e escura, os pinheiros altos em volta do carro enquanto começava a subir a montanha. Os faróis da van brilhavam na escuridão, trazendo recordações da noite em que Quinn a trouxera aqui, da noite em que ele morrera. Ficara com tanta raiva dele, exigindo que ele a levasse de volta para a cidade, mas ele a ignorara. Então na festa, quando ela descobriu sobre Earlene estar grávida dele...

Reduziu quando começou o zigue-zague da montanha, cada vez mais alto, abrindo um estreito caminho pelas árvores densas. Já era quase seis horas. Logo estaria clareando.

A escuridão mais uma vez trouxe lembranças da noite em que Quinn morrera. Quem era a pessoa que ela vira pelo canto do olho quando jogou o medalhão em Quinn? Estava tão furiosa que não prestara atenção. Mas alguém pegara o medalhão. Quinn? Não, o medalhão teria sido achado com o corpo depois do acidente.

De repente, os faróis alcançaram um veículo bem à frente na estrada. O carro de Gus estava parado bem no meio da estrada, bloqueando a passagem. Outro veículo tentara contorná-lo, mas ficou preso nas árvores.

Parou ao reconhecer a caminhonete de Forest, neve até a metade das rodas. Ah, meu Deus, ele chegara antes dela. Pela luz dos faróis, conseguia ver que ambos os carros estavam vazios. Tinham pegadas na neve perto da caminhonete, onde Forest começou a subir a montanha a pé até o lago.

Existiam várias estradas velhas que a levariam até o lago, mas não queria perder tempo voltando. Levou a van até a beira da estrada atrás do carro de Gus, com cuidado para não atolar o carro na neve como Forest.

Agora podia ver o que impedira Gus de continuar a subir a estrada. Uma grande árvore caíra. Não, a árvore não caíra, pensou ao olhar pelo para-brisa. Podia

ver pedaços de madeira perto da base do pinheiro. Alguém cortara a árvore de propósito para bloquear a estrada.

Com os dedos tremendo, carregou a espingarda e colocou os outros cartuchos no bolso do casaco. Então, com a lanterna na mão, saiu da van e começou a subir a montanha. A neve derreteria na estrada, o frio da noite fizera a terra ficar dura. Ela não deixaria pegadas. Ainda não subira muito quando percebeu pegadas na neve passando por entre as árvores, no que parecia um caminho. As pegadas de Forest. Será que ele conhecia um atalho para a cabana? Seguiu as pegadas, rezando para chegar à cabana a tempo.

Enquanto caminhava, fez um esforço para se lembrar da noite da morte de Quinn. Do medalhão. Tentou ver-se jogando o medalhão nele e virando... Podia lembrar de imagens de quem estava no lago. Forest estava perto do irmão. T.J. estava na fogueira. Earlene saíra para um dos carros chorando. E Jenny...

De repente, Charlie teve um flash de memória tão exato que quase a cegou. Ela tropeçou. Jenny estivera parada perto dela naquela noite. Quando Charlie virou, viu Jenny se abaixar para pegar o medalhão na sujeira.

A escuridão caíra sobre o lago, nuvens obscureciam qualquer estrela ou lua. Mas Gus sabia que a luz do dia já ia aparecer. Ele conseguia avistar o telhado da cabana ao leste dele quando o céu começou a clarear.

Sentou-se em uma pedra na areia, perto da cabana, imaginando se seu irmão esperara no mesmo lugar. Mas Josh não soubera que estava esperando um assassino. Gus sabia que isso era mais do que uma possibilidade.

Quando Jenny ligara, estava chorando. Queria falar com Charlie. Gus a acalmara e oferecera ajuda. Dissera que Forest estava dormindo no outro quarto, que a mataria se soubesse que ligara para Charlie, por isso precisava sair de casa. Estava indo para a cabana do lago. Não, Skye estava na casa de uma amiga. Forest bebera e Jenny quis que Skye ficasse fora de casa.

Dissera que precisava contar a verdade para alguém.

Gus concordara em encontrá-la no lago, sabendo o tempo todo que isso era uma armadilha.

Optara por esperar aqui em um lugar aberto em vez de na cabana. Quando vira a árvore caída no caminho, percebera que tinha sido cortada, não se surpreendera. Ficara apenas um pouco mais ansioso. Finalmente descobriria quem assassinara seu irmão. Quem estava tentando incriminar Charlie.

Subindo a montanha, andando pela escuridão dos pinheiros, perguntou-se por que estava fazendo isso. Arriscando sua vida. Começara como vingança e arrependimento, encontrar o assassino de Josh e escrever um livro redimiria Augustus T. Riley de qualquer culpa quanto ao irmão.

Então encontrara Charlie, apaixonara-se perdidamente por ela. Agora mais do que nunca queria descobrir o assassino. Não queria nunca mais vislumbrar qualquer sinal de medo no rosto de Charlie, não como vira na noite anterior.

Também queria se redimir por todos esses anos em que não se aproximou de Josh. Magoara seu meio-irmão mais novo.

Arrependia-se por ter ficado furioso com a mãe quando ela se casou tão rápido depois da morte de seu pai. Então quando ela ficou grávida de Josh logo depois...

Gus balançou a cabeça, pensou em todos os anos perdidos e sentiu raiva. Sentiu-se deixado de lado. E o fato de Josh ter sido quase um santo também não ajudava. Tão diferente de Gus.

Sacudiu a cabeça como que mandando os pensamentos embora, deixando a lanterna iluminar a estrada a sua frente. Ao longe, conseguia sentir o cheiro do lago. Onde estava Jenny? Será que em algum momento ela planejara vir? Ou sempre planejara mandar Forest no seu lugar? Ele sacudiu a lanterna, por um instante, para espantar a escuridão que o envolvia, tão densa que parecia ter textura e substância. Assim como o silêncio.

Então ele escutou. O barulho de um veículo foi aumentando cada vez mais, o amortecedor ruim fazia um som latejante que ecoava pelas árvores. Seria a mesma caminhonete que escutara na noite anterior quando a lona de freio foi cortada? A caminhonete parou nos pinheiros, o motor morrendo, deixando o lago nesse silêncio misterioso e terrível.

Gus escutou a porta da caminhonete abrir e depois fechar. Prendeu a respiração, sua arma pronta.

Um feixe de luz vindo de uma lanterna cortou os pinheiros em direção à cabana. Quem quer que fosse, conhecia outro caminho para o lago.

Gus levantou-se da pedra e seguiu na direção da luz, hesitando um pouco com medo de ser ouvido. A pessoa com a lanterna ia diretamente para a cabana. Seria Jenny? Enquanto andava, pensou ter escutado outro veículo subindo a estrada para o lago, mas quando parou só escutou silêncio. Já estava quase na cabana quando um galho estalou como se fosse um tiro em algum lugar atrás dele, fazendo-o pular. Mais perto, escutou a porta da cabana se abrir.

Não conseguia ver nada na escuridão das árvores atrás da cabana. Pelas frestas das tábuas quebradas, um feixe de luz tremeluzia. Se fosse Jenny, ela não o chamaria? Gus se aproximou da cabana, tropeçando na escuridão, mas determinado a não usar a lanterna, não mostrar sua posição. Outro galho estalou à sua direita, atrás da cabana. Parou para escutar de novo, sentindo um medo repentino de ter mais de uma pessoa lá. Pior, uma estar seguindo a outra.

Torceu para que fosse apenas um pequeno roedor, e não um urso procurando por uma refeição rápida antes da hibernação.

Alguém estava se movendo dentro da cabana como se procurasse algo. O brinquedo que Charlie encontrara? Que outra prova poderia haver? Com cuidado, Gus se aproximou, questionando-se se ousaria subir os degraus da varanda ou se deveria esperar até que o visitante, quem quer que fosse, voltasse para confrontá-lo.

A voz furiosa de Forest de repente quebrou o silêncio da noite.

– Que diabos você está fazendo aqui? – perguntou Forest.

– Que diabos... – Gus escutou o que parecia uma briga. Acelerou os passos, mas, ao chegar à varanda, veio o som da batida de algo pesado atingindo as tábuas do chão. Foi na direção da porta, como que esperando que alguém saísse a qualquer momento.

Silêncio. O estalo ocasional de uma tábua. O mocho de uma coruja do outro lado do lago. Então, aquele terrível silêncio de novo.

Cuidadosamente, empurrou a porta para abri-la e, com a arma em um das mãos e a lanterna na outra, entrou, jogando a luz para a frente, para dentro da sala.

Forest Simonson estava estendido no chão em uma poça de sangue em frente à lareira. Gus iluminou em volta do quarto, a mão tremendo. A sala estava vazia. Aparentemente, o atacante escapara.

Gus abaixou-se ao lado de Forest, colocando a lanterna no chão para ver se ainda tinha pulso. Sangue jorrou por um corte no casaco de Forest na altura do coração. Forest tentou falar, os lábios se moviam, mas nada saía. Os dedos agarraram a manga do casaco de Gus, puxando-o para perto.

Ao inclinar-se sobre ele, Gus conseguiu escutar o último murmúrio de Forest: – Jenny.

Então os dedos que seguravam a manga do casaco soltaram-no e Forest Simonson estava morto.

Gus ficou de pé, os pêlos atrás de seu pescoço, arrepiados, a sala gelada de repente pareceu ficar com pouco oxigênio. Iluminou em volta da cabana de novo. Quem quer que tenha apunhalado Forest, fugira.

Mas Gus não achava que o assassino tivesse deixado o lago, só a cabana.

Apagou a lanterna e ficou parado no breu escutando, esperando que alguém pulasse nele a qualquer momento e enterrasse a faca em seu peito antes que ele pudesse atirar. Graças a Deus, Charlie estava segura em casa.

Rapidamente, acendeu a lanterna de novo. O feixe iluminou gotas de sangue a alguns metros do corpo de Forest no chão sujo junto com duas trilhas de pegadas. Seguiu a trilha de sangue e as pegadas até a entrada dos fundos da cabana.

A porta estava aberta. Tinha sangue nos degraus e gotas nas folhas secas de pinheiro na direção do que parecia ser uma trilha.

O chão nivelou-se e Charlie sabia que devia estar chegando na cabana. Movia-se com dificuldade entre pinheiros pela estreita trilha, subindo em troncos de árvores caídas e contornando pedras, seguindo o insignificante feixe de luz da lanterna montanha acima, a espingarda pesando.

A escuridão no pinheiral parecia tão próxima que sufocava. De vez em quando, Charlie parava para escutar, imaginando que estava sendo seguida. Mas, nesses momentos, não conseguia ouvir nada além do que seu coração batendo. Mesmo se não estivesse correndo um pouco para alcançar Gus, seu coração estaria acelerado de medo e de preocupação. Ela precisava encontrá-lo antes do assassino. Tinha de preveni-lo.

A trilha virou para a direita. Ela sabia que estava perto. Ela e Jenny passaram muitos verões aqui no lago com seus pais antes do incidente no colegial, o quase afogamento. Charlie esquecera todos os bons momentos com Jenny. Mas agora eles voltavam em um ímpeto e a aflição de achar que sabia quem era o assassino fazia com que se sentisse enojada.

Aproximou-se de um grande pinheiro que parecia se intrometer na trilha e por um segundo achou que imaginara a figura parada ali no meio.

Tropeçou e parou, o coração na garganta quando o feixe de luz iluminou o rosto de Jenny.

– Charlie. – Os olhos de Jenny estavam muito brilhantes, fazendo Charlie se lembrar dos de Wayne quando estava excitado ou preocupado. Jenny parou, um braço ao lado de seu corpo, o outro escondido atrás de si. Parecia estar sem fôlego e Charlie percebeu que ela poderia estar correndo para interceptá-la.

– Jenny, o que você está fazendo aqui? – As palavras saíram roucas.

– Me desculpe – murmurou Jenny passando a mão livre nos lábios, demonstrando agitação. Ela não usava luvas e pela luz Charlie conseguia ver que a sua mão estava muito vermelha de frio. – Nunca quis machucar ninguém.

O coração de Charlie parecia parado na garganta. Fique calma.

– Quem você machucou Jenny? – perguntou ela calmamente.

Jenny parecia tonta ao encontrar os olhos de Charlie.

– Quinn.

– Quinn? – Charlie pensou que devia ter escutado errado.

– Fui atrás dele naquela noite, você sabe, por esta trilha até a estrada. Ele freou quando me viu parada no meio da estrada, esperando por ele. Sorriu e abriu a porta para mim como se soubesse que eu iria atrás dele. Como se ele sempre tivesse gostado de mim. E não de você.

Charlie sentia o sangue gelar. Esquecera a espingarda, pesada na sua mão esquerda, e percebeu que teria de largar a lanterna para atirar. Esse pensamento passou logo. Ela nunca conseguiria atirar em Jenny e sabia disso. Seria esse o motivo de Jenny parecer nem ter percebido a espingarda que Charlie carregava? Jenny estava a uns dois metros dela. Em ambos os lados não havia nada além de árvores densas e vegetação rasteira. Se quisesse correr, Charlie teria de se embrenhar entre os pinheiros e torcer pelo melhor.

– Ele colocou os braços em volta de mim enquanto dirigia. – Jenny sorria, como se estivesse perdida no passado, mas lágrimas escorriam pelo seu rosto e não tirava os olhos de Charlie. – Eu tinha tanta certeza de que tudo ficaria bem. Conteí a ele sobre o bebê que fizemos naquela noite na cabana. Pensei que ele me perdoaria por ter dito que tomava pílula. Eu o amava tanto. Sabia que poderia fazê-lo feliz. Mais feliz do que você algum dia poderia.

– Ah, Jenny, eu nunca soube – murmurou Charlie, vendo a dor no rosto dessa mulher que um dia fora sua melhor amiga.

– Você nunca soube porque estava sempre ocupada jogando sujo para ficar com Quinn. Esse era o único motivo por que ele continuava atrás de você.

Charlie sentiu um arrepio ao perceber a profundidade da dor e da raiva de Jenny.

A postura de Jenny mudou na mesma hora. Sacudia a cabeça como se pudesse escutar alguém que Charlie não conseguia ver.

– Quinn disse coisas horríveis para mim – disse Jenny com uma voz infantil. – Coisas horríveis. Comecei a bater nele para fazê-lo parar. Ele gritava comigo e dirigia muito rápido. Ele me bateu com força e me deu uma pancada. Senti o carro desviar e bater. – Os olhos dela estavam arregalados, entorpecidos, a voz aumentando, as palavras vindo mais rápido. – Devo ter desmaiado. Quinn estava morto. Saí pela janela do carro. Caminhei de volta para a festa pela estrada. Ninguém sentira a minha falta.

– Não foi sua culpa. – Charlie tentava tranquilizá-la.

– Foi um acidente.

– Isso foi o que Josh me disse e agora ele também está morto – respondeu Jenny.

Josh. Meu Deus, Josh. Charlie sentiu o ar escapar de seus pulmões como se Jenny tivesse batido nela. Começou a tremer, batia os dentes de frio e de horror. Morto também? Quem mais estava morto? Pelo amor de Deus, não Gus.

– Onde está o Gus? – perguntou Charlie com a voz rouca.

Jenny parecia não escutar.

– Josh achava que eu estava com Forest para me penalizar pelo que fizera. Ele achava que podia me ajudar. – Jenny levantou o olhar para Charlie. – Ele

queria que contasse para você sobre Quinn. Para libertar você da maldição da morte de Quinn e para me libertar de Forest.

Ela soltou uma gargalhada desagradável. – Como se algum dia Forest fosse me deixar ser livre. Desde que ele encontrou o seu medalhão no carro de Quinn... – Ela olhou para Charlie como se a culpasse. – Forest me viu pegando o medalhão no chão onde você o jogara. Ele sabia.

Charlie a encarou, chocada.

– Forest chantageou você para casar com ele? Forest usara a morte do irmão para pegar Jenny e abusar dela, sabendo que ela nunca o deixaria por causa da culpa da morte de Quinn. E ele culpava Charlie todo esse tempo quando sabia que ela não matara o irmão. Ela se sentia enojada. Se pelo menos Jenny tivesse contado a verdade anos atrás.

– Implorei a Josh para não vir até aqui – dizia Jenny. Estava chorando agora. – Josh achava que poderia chamar Forest à razão. Achava que conversar seria a solução. Ele é o estúpido disque-ajuda. Eu nunca deveria ter contado para ele sobre Quinn ou Forest.

Apesar do choro de Jenny, Charlie conseguiu escutar um carro subindo a estrada do lago. Xerife Bryan Olsen.

– Ouça, Jenny, estou congelando. Vamos até a cabana... – Ela tinha de encontrar Gus.

– Não podemos ir até lá – disse Jenny ao enxugar as lágrimas com a mão livre e lentamente mostrar a outra mão que estava escondida.

A lâmina da faca que ela segurava foi iluminada pela lanterna de Charlie. Mesmo de onde estava, Charlie conseguia ver o sangue pela lâmina delgada e longa. Seu coração pulou. Não! – Lá não é seguro – disse Jenny, segurando a faca. – Pergunte ao Forest.

Charlie se moveu sem pensar, sem sentir. Mergulhou entre os pinheiros à sua esquerda, os galhos cortando seu rosto e suas roupas enquanto corria cegamente na direção da estrada e da cabana, a luz oscilando bastante enquanto ela corria. Achava que podia escutar Jenny atrás dela, quase podia sentir a lâmina afiada cortar seu casaco enquanto passava pelas árvores, pulava toras e galhos. Em algum ponto, jogou a espingarda pesada em um pequeno barranco e continuou correndo.

Caiu uma vez e se levantou, mas não olhou para trás com medo de ver Jenny. Não a Jenny que um dia fora sua melhor amiga, mas outra pessoa no corpo de Jenny. Ela trocara a verdade e sua liberdade pelo seu inferno particular e agora Charlie estava no centro disso. Talvez sempre tenha estado.

Por uma brecha entre os pinheiros, Charlie viu a estrada à sua frente. Faltava pouco.

Podia escutar um carro, sabia que devia ser a viatura de polícia. Ele deve ter vindo por alguma das trilhas antigas. O xerife teria uma arma e poderia usá-la. Juntos encontrariam Gus. Tudo ficaria bem. Ela sabia quem era o assassino.

De repente Charlie foi empurrada bruscamente. Uma mão tapou a sua boca antes que pudesse gritar. Foi arrastada para trás das árvores, e sentiu-se sufocada. A lanterna caíra de sua mão, só deixando escuridão.

– Charlie, sou eu, Gus. Estou com você, querida. Está tudo bem.

Ela fechou os olhos, deixando as lágrimas escorrerem enquanto ele a soltava e a virava para ele, nunca estivera tão feliz em sua vida quanto agora ao estar em seus braços de novo.

– Gus, é a Jenny – disse ela chorando, encostada em seu ombro.

– Eu sei, escutei tudo – disse ele, abraçando-a como se nunca fosse soltá-la.

– Gus, estou com medo. Ela tem uma faca cheia de sangue.

– Eu sei, querida. Forest está morto na cabana. Ele foi apunhalado – murmurou Gus. – Temos de sair daqui. **Capítulo 18** Gus seguira a trilha de sangue desde a cabana até as gotas irem diminuindo e finalmente sumirem. Os pinheiros eram densos e escuros e ele já ia voltar quando escutou a voz de Charlie. Começou a chamá-la, mas então escutou a voz tensa de Jenny e congelou no meio do caminho. Escutara a confissão de Jenny e percebera que a única razão para estar contando tudo para Charlie era que não pretendia deixá-la viver o suficiente para contar isso a alguém. Forest já estava morto.

Mas não ousou tentar se aproximar e não conseguia ver Jenny de onde estava para atirar. Sabia que não podia pegar Jenny antes de ela pegar Charlie. Era muito perigoso tentar. Também sabia que Charlie não conseguiria usar a espingarda, não contra Jenny. Então esperara, rezando que Charlie usasse sua esperteza. E ela usou. Fugiu, e ele foi atrás dela.

– Você ouviu isso? – perguntou ele próximo a seu ouvido ao escutar o barulho de um veículo ficar mais alto até estar bem perto deles.

– É o xerife. Pedi a Helen que ligasse para ele pedindo que viesse atrás de mim.

Gus nem queria saber como ela se livrara de Helen. E também não era uma boa hora para repreendê-la, embora certamente quisesse. Ainda estava tremendo ao se lembrar de como ela estivera perto de ser assassinada.

As luzes do carro oscilavam entre as árvores enquanto o carro seguia lentamente para a beira do lago, perto da cabana e parava.

– Como você e Forest passaram pela estrada? – murmurou Gus. – Estava bloqueada quando cheguei.

– Existem algumas trilhas antigas, é só saber encontrá-las.

– Suponho que você tenha jogado a espingarda fora? – perguntou ele, com medo de que Jenny tenha conseguido pegá-la.

– Larguei em um barranco – admitiu ela. – Não conseguiria usá-la, Gus. E estava muito pesado carregá-la e correr.

– Tudo bem, querida – disse ele ao puxá-la para mais perto.

Gus não escutara nada na floresta atrás dele, mas não poderia ter certeza de que Jenny não estava lá, esperando para pegá-los. Não gostava de ficar parado em um lugar. Era mais seguro ficar mudando de lugar. E quando encontrassem o xerife...

Pegou a lanterna de Charlie no chão coberto por folhas secas de pinheiro, acendeu-a e entregou para ela. Conseguia ver a estrada de onde estavam. Mas se continuassem no pinheiral, poderiam chegar ao carro sem se expor na estrada aberta.

– Vamos. Moveram-se entre os pinheiros, aproximando-se do lago e do carro. À sua direita, Gus podia ver o telhado da cabana recortando o céu, que clareava. E vislumbrava o lago além da cabana pela luz cinza do amanhecer.

Ao se aproximarem do veículo, Gus torceu que fosse o xerife. Duvidava que Jenny tivesse vindo junto com Forest. Para isso, tinha de ter seu próprio carro.

Por uma brecha nas árvores, Gus viu algo que o fez parar. Charlie estava certa. Era a viatura de Bryan. O motor estava ligado, os faróis iluminavam a água prateada do lago, a porta do motorista aberta, a luz interior acesa. Mas não havia ninguém atrás do volante.

Gus se abaixou, puxando Charlie com ele. Fez um sinal para que ficasse quieta. Será que Bryan saiu? Esperaram por vários longos minutos, mas não escutaram ninguém se movendo. Ainda estava muito escuro para ver entre os pinheiros.

Gus foi na direção do carro com Charlie logo atrás dele. Assim que chegou ao lado da viatura, viu o xerife Bryan Olsen estendido sobre o banco.

– Não – murmurou Charlie enquanto Gus se aproximava do policial e sentia seu pulso.

– Ele está vivo – disse Gus. Apagou os faróis, mas deixou o motor ligado ao mudar o xerife de posição para que a porta pudesse fechar. A luz interior apagou. A escuridão cinza caiu sobre eles como um cobertor grosso. O ar estava frio e úmido.

Charlie se abaixou e ficou do lado da viatura, o choque começando a tomar conta dela. Jenny. Lágrimas brotaram de seus olhos mais uma vez, mas se recusava a sucumbir agora. Engoliu a dor, procurando pela raiva que a manteria forte.

O bom e velho Bryan, em quem podia confiar. Deve ter aberto a porta para Jenny. Da mesma maneira que Josh deve ter feito. E Jenny ainda estava lá.

– Ele precisa de um médico – murmurou Gus. – Vamos dar a volta no carro. Quando entrarmos, trancamos as portas. Pegaremos a viatura para sair daqui.

– Leve-me com você – disse uma voz que vinha da escuridão.

Gus procurou a sua volta com a lanterna, a arma na outra mão, enquanto se movia para proteger Charlie. O feixe de luz iluminou uma figura escura a apenas alguns metros nos pinheiros.

– T.J. – disse Gus na mesma hora, alerta.

– Onde está Jenny? – perguntou T.J., olhando da arma para o rosto de Gus. Ele parecia assustado.

– Não sei – admitiu Gus.

– Ela é perigosa – disse T.J. – Quem sabe qual será o próximo passo dela?

– Ela veio com você? – adivinhou Gus.

T.J. assentiu e se aproximou, olhando para a arma na mão de Gus. Ambas as mãos estavam no bolso, os ombros estavam encolhidos como se estivesse com frio.

– Disse que estava preocupada com Forest. Ela me convenceu a segui-lo até aqui. Estava agindo de modo estranho, dizendo que não aguentaria mais o abuso dele. Quando chegamos aqui, saiu da caminhonete e se escondeu nas árvores. – T.J. olhou para trás como se estivesse com medo de ela vir atrás dele. – Ela tinha uma faca.

– Forest morreu – disse Gus. – Foi apunhalado.

– Meu Deus – gemeu T.J., olhando para o nada. – Não sabia que ela realmente machucaria alguém. – Seu olhar encontrou o de Gus. – Não espero que você acredite nisso, mas eu estava tentando ajudar Jenny, só isso. Ela queria deixar Forest, mas tinha medo de que ele a matasse se tentasse. Ele era mau com ela, cara.

Um galho estalou no pinheiral próximo dali. De repente, parecia mais frio, como se uma brisa gelada tivesse vindo do lago. O xerife gemeu dentro da viatura.

– Onde está sua caminhonete? – perguntou Gus.

– Ali atrás na estrada. Ela cortou os dois pneus da frente.

Será que Jenny planejava matar todos eles? Talvez ela sentisse como se não tivesse nada a perder. Um galho estalou, mais perto desta vez.

– Temos de levar o xerife para um médico – disse Gus. Todos estavam expostos parados aqui com a lanterna acesa. Jenny poderia vir de qualquer direção da escuridão e matar um deles antes que pudessem reagir. – É melhor irmos embora.

T.J. assentiu e veio em sua direção.

– Nããããããã! – O som veio da floresta, ecoando pelo lago, gelando o sangue de Gus.

Gus virou ao som do grito de Jenny para abrir a porta da viatura para Charlie entrar. T.J. o atingiu na cabeça com algo duro. As pernas de Gus dobraram e ele caiu de joelhos, soltando a lanterna. T.J. pegou a arma antes que Gus pudesse atirar, empurrou-o contra o carro e, com as botas em suas costas, forçou-o a se abaixar; o cano gelado da arma o golpeou atrás do pescoço e ele começou a ver estrelas enquanto fazia força para não desmaiar. Ficou deitado, parado, fingindo estar desacordado, esperando a escuridão passar, esperando para dar o bote.

A lanterna caíra no chão frio iluminando a cabana, mas Charlie podia ver o rosto de T.J. e o sorriso espantado nele.

– Você e seu namorado se acham muito espertos – resmungou T.J. Agarrou o braço dela, puxando-a para si e envolvendo o pescoço dela com seus braços em uma chave de cabeça enquanto se virava para os pinheiros e para a cabana. – Jenny, venha para cá senão vou matá-la – gritou ele. – Você disse que queria se livrar de Forest. Bem, você está livre. Graças a mim. Então venha aqui, Jenny. Sempre cuidei de você, não foi? Vou cuidar disso também. Da mesma maneira que cuidei daquele médico curioso de Missoula. Sou o único em quem você pode confiar, Jenny.

Charlie soltou um gemido quando T.J. apertou mais o braço. Ainda tinha a arma apontada para as costas de Gus.

– Pegue a lanterna – ordenou ele a Charlie, forçando-a a se inclinar para baixo junto com ele.

Ela fez o que ele mandou, se sentia tonta. Ele apertava o pescoço com tanta força que ela não conseguia respirar.

– Ilumine as árvores – mandou ele. – Não, à direita da cabana. – O céu atrás das árvores clareara, num tom prateado, fazendo o pinheiral parecer ainda mais escuro.

Charlie tentava soltar seu braço com a mão livre, mas ele só apertou com mais força.

Ela tinha de fazer algo e rápido. Achara que Gus estava desmaiado, mas o viu mexer os dedos como um sinal. Baixou a lanterna que estava na mão, alinhando-a com o joelho de TJ. Um estalo alto encheu o ar, e logo depois a ira de TJ. explodiu em um palavrão.

Ele a soltou enquanto agarrava o joelho. Charlie tropeçou e caiu, perdendo a lanterna, que parou na areia e rolou para a água. Tentando respirar, tateou o chão procurando a melhor coisa: uma pedra.

Virou e viu TJ. tentar entrar na viatura, mas o corpo de Gus estava no caminho.

Ela atingiu a parte de trás da cabeça de T J. com a pedra que segurava ao mesmo tempo que Gus agarrava a perna machucada dele. T J. bateu na viatura e

caiu.

T J. soltou um uivo e agarrou o cabelo de Charlie, colocando-a entre ele e Gus.

– Sua puta estúpida. – Ele encostou o cano da arma na têmpora dela. – Faça outro movimento e eu mato Charlie – gritou para Gus.

Gus congelou.

Primeiro Charlie percebeu um movimento, alguma coisa escura vindo da misteriosa escuridão do pinheiral perto da beira do lago. Jenny apareceu, a faca em sua mão, o olhar parecendo vitrificado à luz do dia, um sorriso afetado em seus lábios ao enterrar a lâmina da faca nas costas de TJ.

Ele gritou, soltando o cabelo de Charlie. Jenny cambaleou para trás tirando a faca enquanto T J. rodava, a arma ainda na mão.

Gus mergulhou em cima dele, derrubando-o, mas não antes de ele atirar. O som ecoou pelo lago, alto como um canhão. Gus lutou para tirar a arma de T J.

Charlie observava Jenny, com medo do que ela faria a seguir. Mas ela ficou parada, a faca ainda em sua mão, a cabeça virada para um lado, como se escutasse uma voz que só ela conseguia ouvir. Então olhou para o lago, onde a apenas alguns metros da água estava a lanterna, sua luz cortando a água escura e sombria como a ilusão de um monstro do mar.

De repente, Jenny se sentou na areia pedrosa. Charlie foi em sua direção e parou quando Jenny virou para olhar para ela. A parte da frente de seu casaco estava manchada com sangue onde TJ. atirara nela.

– Sinto muito – sussurrou Jenny, seu olhar passando de Charlie para a areia e depois para a velha cabana do lago. Sorriu, parecendo jovem de novo. Sua última palavra foi Quinn.

Epílogo

Charlie se lembrava pouco da viagem para Libby a caminho do hospital, exceto o seu último olhar para o lago. O sol subira, dourado acima dos pinheiros, dando à superfície uma cor de fogo. Uma bruma rosa fantasmagórica saía do lago enquanto os insinuantes pinheiros surgiam da areia.

Fixara os olhos no lago enquanto Gus manobrava a viatura, pensando em como parecia pacífico, como era lindo, como se nada horrível tivesse acontecido aqui. Ou jamais aconteceria de novo.

Gus puxou-a para si ao se afastarem. Ela não olhou para trás. Aconchegou-se nele, mas nem o calor do corpo dele conseguia afastar o frio que estava dentro dela.

Bem antes de o médico falar para eles que Bryan sofrerá uma concussão, mas melhoraria, ela já sabia que Gus estava partindo. Vira isso nos olhos dele, sentira na maneira como ele a abraçou.

– Tenho de escrever este livro – disse ele, as mãos segurando os ombros dela enquanto os olhares se encontravam. – Preciso fazer isso por mim e por meu irmão.

Ela assentiu, entendia o que ele dizia. Ele não poderia fazer isso sem deixá-la. Não soubera disso desde o início? – Eu entendo – disse ela e sorriu ao contornar com a ponta dos dedos o rosto não-barbeado.

Ele fechou os olhos como se sentisse dor.

– Charlie, o que aconteceu entre nós...

Ela o silenciou, pressionando os dedos nos lábios dele.

Ele abriu os olhos e a puxou para seus braços, abraçando-a forte e longamente, o rosto dela encostado em seu peito.

Ela escutou o coração dele batendo, um som que ela sabia que jamais esqueceria.

Os dias subsequentes foram um pouco mais que uma névoa dolorosa. Jenny e Forest foram enterrados em um cemitério fora da cidade. Os pais de Jenny não vieram da Flórida para o enterro. Mas o resto da cidade estava lá da mesma forma que não estivera enquanto ela vivia.

Forest foi enterrado perto do irmão, Quinn. Phil estava destruído sobre o túmulo dos filhos, solitário como jamais estivera antes.

Gus ficou para os enterros, depois partiu.

– Não ligarei por um tempo – disse ele. – Não posso, não se quiser escrever essa história.

Ela o beijou, a mãe e a tia observando da janela da cozinha, e ficou parada vendo-o partir da casa de fazenda até o carro alugado desaparecer no pinheiral.

Afundou-se no trabalho, dedicando-se ao velho trator removedor de neve de Leroy, mesmo sabendo que não conseguiria as peças. Então fez as peças de que precisava, determinada a fazê-lo funcionar como se isso fosse um caso de vida ou morte.

Earlene preencheu os papéis para adotar a filha de Jenny e Forest, Skye. Phil Simonson nem fez menção de brigar. Na verdade, começou a passar as tardes de domingo com os dois netos. Earlene disse que na primeira vez em que abraçara Amie e Skye, Phil chorou como criança.

T.J. estava preso, esperando julgamento; o pedido de fiança fora negado. Em sua cela, contou uma história clássica de amor e traição, sexo e sedução, ciúme e assassinato que foi repetida durante os almoços no Pinecone, até ter vida própria.

Ao final, T.J. se via como o herói de Jenny. Tentara salvá-la de Forest, um homem que a chantageara para casar com ele, e que logo percebeu que poderia manter Jenny com a terrível verdade que sabia sobre ela, mas não poderia fazer com que ela o amasse. Conforme Skye ficava mais parecida com o seu irmão, Forest mostrava-se ainda mais rancoroso e começou a descontar em Jenny.

Mas T.J. exigira de Jenny quase tanto quanto Forest. Manteria seus segredos, mas ela tinha de estar sempre com ele. Mas, uma noite, Jenny cometeu o erro de ligar para o disque-ajuda e abrir seu coração para Josh. Mais tarde encontraria Josh no hospital quando o sogro se machucou no acidente. Josh teria percebido que Jenny era uma mulher violentada.

T.J. descobrira os planos de Josh de encontrar Jenny no lago Freeze Out para convencê-la a contar a verdade sobre Quinn e libertá-la de Forest – assim como libertar Charlie.

T.J. chegara lá primeiro, matara Josh e dera fim ao corpo e ao carro, acreditando que estava protegendo Jenny. Ela pensara que Forest matara Josh e suportou essa culpa até isso se tornar uma teia de mentiras.

Bryan teve alta do hospital em poucos dias. Selma insistiu que ele ficasse na casa da fazenda até que estivesse completamente recuperado. No final da semana, Bryan se aposentou como xerife e, para surpresa de todos, pediu Selma em casamento. Finalmente, Charlie entendeu o vestido não-usado no sótão. Bryan fora seu misterioso galã tantos anos atrás. Selma recusou o pedido de Bryan, como fizera há anos, alegando que tinha de cuidar da irmã. Bryan disse que esperaria por ela. Como sempre esperara.

Na véspera do dia de Ação de Graças, Charlie estava na oficina. Estivera trabalhando no trator velho de Leroy e acabara de ligá-lo, mais do que satisfeita em vê-lo finalmente funcionando.

Esperava que isso fosse um presságio de coisas boas, quando olhou e viu Gus parado na porta do escritório do posto de gasolina.

Primeiro, ela achou que fosse apenas uma miragem, já o imaginara parado ali tantas vezes. Mas então ele veio em sua direção e ela sentiu o cheiro de sua loção pós-barba.

Limpou as mãos em uma estopa, observando-o, perguntando a si mesma o que ele fazia aqui. O coração batia tão forte que até doía.

– O trator de Leroy? – perguntou Gus, olhando de Charlie para a monstruosa máquina laranja atrás dela.

Ela só conseguiu assentir quando ele se aproximou. No momento em que ele a tocou, seu coração bateu ainda mais forte. Ele estava aqui em carne e osso. Não era miragem.

Ele passou um dedo pelos lábios dela, depois desceu pelo pescoço até a cavidade entre os seios, seu olhar fixo no dela.

– Deus, senti saudades de você – sussurrou ele. Puxou-a para si e cobriu sua boca com a dele com tanta fome que a fez cambalear. O beijo trouxe tudo de volta, a lembrança do amor que fizeram, da dor de sua partida.

Ela também o puxou, a necessidade por ele fazendo-a tremer por dentro, e um medo de que, diferente da primeira vez em que ele entrou aqui, desta vez ele realmente estivesse de passagem.

– O que você está fazendo aqui? – Isso não é óbvio? – perguntou ele ao se ajoelhar no chão frio. – Estou pedindo você em casamento.

O coração dela subiu até a garganta, lágrimas brotavam de seus olhos. As mãos tremiam. Incapaz de encontrar palavras, sua decepção era imensa.

Ela não poderia casar com ele. Será que ele não percebeu que ela não poderia deixar Utopia? Não poderia deixar a mãe e a tia? Ou a oficina? Nem mesmo por ele.

– Não diga não até ouvir minha proposta – disse ele confuso. – Eu quero casar com você, Charlie, mas você tem de saber primeiro que estaria casando com um sonhador desempregado que sempre sonhou em escrever o grande romance americano em alguma pequena cidade de Montana.

Ela o encarou.

– Desde quando? – Desde que conheci você. – Ele sorriu, seus olhos brilhavam de amor.

– Você tem certeza? – ela teve de perguntar. Ele assentiu.

– Quando terminei de escrever o livro sobre meu irmão e sua morte, soube que aquela etapa da minha vida terminara. Não quero mais escrever sobre assassinato ou as vidas que ele destrói, Charlie. Não posso. Não sou mais assim, não desde você.

Ele tirou uma pequena caixa de veludo do bolso e a entregou para ela.

– Diga que casará comigo. Você não vai querer destruir o sonho de um homem, vai? Ela pegou a caixa de veludo em suas mãos trêmulas e abriu. Um lindo anel de diamante brilhava para ela.

– Você realmente acha que pode viver aqui e ser feliz? – Que homem não desejaria viver em Utopia – brincou ele. Então, disse: – Eu viveria com você em qualquer lugar. Nunca tive tanta certeza de nada em toda a minha vida. Mas este chão está muito duro e frio. Diga sim para eu poder levantar.

– Sim. – Ela se jogou nos braços dele enquanto ele se levantava.

Ele a beijou lentamente como se sentindo o gosto dela, depois soltou-a para pegar o anel e colocá-lo em seu dedo.

– Você percebe que viverá em uma casa de fazenda junto com minha mãe e com minha tia? – preveniu Charlie.

– Já conversei com Selma – disse Gus. – Ela disse que uma vez que montarmos o berçário lá, terá muitos quartos para todos nós. Emmet disse que começará a trabalhar nisso já.

– Berçário? – perguntou Charlie. Ele pegou o rosto dela nas mãos.

– Quando você planejava me contar? – Contar o quê? – Sobre o bebê – disse Gus.

– Que bebê? – O bebê que Selma disse que você vai ter. – Gus sorriu para ela. – Não se preocupe, ela não me contou até que falasse sobre o anel e sobre meus planos. Garanti a ela que tenho dinheiro guardado para sustentar você até vender meu primeiro livro de ficção. Também tenho royalties dos meus livros sobre crimes, mas esse não é o tipo de herança que quero deixar aos nossos filhos.

– Eu vou ter um bebê? – perguntou Charlie, ainda chocada. Ela sabia que ainda era cedo para saber se o amor deles fizera um bebê.

– A tempo de celebrar o Quatro de Julho aqui em Utopia, de acordo com sua tia.

Charlie começou a rir. Sua tia, a vidente.

Gus pegou-a nos braços. Ela viu o futuro nos olhos dele e conseguiu enxergar as histórias deles entrelaçadas às da cidade. Gus, Charlie e seus filhos.

Quando Gus a colocou no chão, Charlie olhou para a bancada de ferramenta, esperando que o pai pudesse ter estado aqui. Ele estava parado no mesmo lugar, com a xícara de café na mão. Olhou para o trator de Leroy e levantou o polegar. Então olhou para Gus e assentiu para mostrar sua aprovação. Lentamente, colocou a xícara de café de lado. Ela sentiu as lágrimas brotarem em seus olhos enquanto o pai se encaminhava para a porta. Ouviu as palavras dele quando parou e se virou: – Agora você estará bem. – Então se foi.

– Você está bem? – perguntou Gus, enxugando as lágrimas do rosto dela com o polegar enquanto a olhava com preocupação.

Ela assentiu.

– Agora estarei bem.

Gus beijou-a de novo e abriu o botão de cima da blusa dela.

Ela soltou um suspiro enquanto Gus desabotoava o próximo, e o outro, seus dedos tocando sua pele quente.

– Não poderia suportar passar outro dia longe de você – disse ele ao passar o macacão por um ombro dela, – Estive pensando em tirar você desse macacão pelos próximos anos. – Ele passou o outro lado do macacão pelo ombro dela. O macacão largo caiu no chão.

– E se alguém quiser gasolina? – protestou ela enquanto ele continuava a despi-la.

– Tem uma lata em cima da bomba. Eles mesmos podem se servir e deixar o dinheiro. Também tranquei a porta da frente e coloquei a placa de Fechado quando entrei.

– Como você sabia que eu estaria aqui? – Eu conheço você, Charlie – disse ele, passando os dedos no rosto dela.

Ela pegou os dedos dele e colocou em seus lábios, fechando os olhos enquanto ele beijava a palma de sua mão.

– É verdade, você me conhece, Augustus T. Riley.

– Gus – disse ele.

FIM

Digitalização: Marina Campos Revisão: Karen Fiori

Fontes arquivo .txt



Digitalização
Marina Campos

Revisão
Karen Fiori

Formatação .ePub



2013

Table of Contents

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Epílogo](#)